



A Villa

Nora Roberts

Tradução de Carla Ferraz



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido

*À família, que cria as raízes.
Aos amigos, que as fazem florescer.*

PRÓLOGO

Na noite em que foi assassinado, Bernardo Baptista optou por uma refeição simples ao jantar, de pão com queijo e uma garrafa de *Merlot*. O vinho era algo novo, ao contrário de Bernardo. Nem sequer ia continuar a envelhecer.

Como o pão e o queijo, Bernardo era um homem simples. Vivia na mesma casa pequena, nas simpáticas colinas a norte de Veneza, desde que casara, há cinquenta e um anos. Criara ali os cinco filhos. Fora ali que a esposa falecera.

Agora com setenta e três anos, Bernardo vivia sozinho, com quase a família toda ali ao lado, nas redondezas da grande vinha Giambelli onde trabalhara desde a juventude.

Conheceu *La Signora* quando esta era apenas uma rapariguinha, e haviam-lhe ensinado a tirar o chapéu sempre que ela passava. Mesmo agora, se Tereza Giambelli regressava da Califórnia para o *castello* e a herdade, parava sempre que o via. E ficavam a conversar sobre os velhos tempos, quando o avô dela e o dele tinham começado a trabalhar nas vinhas.

Signore Baptista, era como ela lhe chamava. Com respeito. Ele nutria um grande apreço por *La Signora*, e fora leal a ela e aos seus a vida toda.

Há mais de sessenta anos que fazia parte da produção do vinho Giambelli. Muita coisa mudara — algumas para melhor, na opinião de Bernardo, outras nem tanto. Já vira muita coisa.

Na opinião de alguns, até de mais.

As vinhas, tranquilas na dormência do Inverno, em breve seriam podadas. A artrite não o deixava fazer muito trabalho braçal, como um dia fizera, mas ainda assim, todas as manhãs saía para ver os filhos e netos a darem continuidade à tradição.

Um Baptista trabalhara sempre para os Giambelli. E na cabeça de Bernardo, sempre o faria.

Na última noite dos seus setenta e três anos de idade, cuidara das vinhas, as suas vinhas, para ver o que já se havia feito, o que ainda era preciso fazer, a ouvir o vento de Dezembro assobiar nas pernadas das uvas.

Da janela por onde esse vento tentava penetrar, conseguia ver as videiras subir as encostas com firmeza. Com tempo, haveriam de ganhar forma e vida, e não definhar como acontecia com o homem. Tal era o milagre da vinha.

Consequia ver as sombras e as formas do grande *castello*, que dominava sobre aquelas vinhas, e dominava também os que cuidavam delas.

Agora dominava a solidão, à noite, no Inverno, quando apenas os criados dormiam no *castello* e as uvas ainda não haviam brotado.

Ansiava pela Primavera, e o longo Verão que se seguia, quando o Sol lhe aquecia as entranhas e amadurecia a fruta verde. Ansiava, como sempre acontecia, por mais uma vindima.

Bernardo sofria com o frio, bem entranhado nos ossos. Pensou em aquecer um pouco da sopa que a neta lhe levara, mas a sua Annamaria não era a melhor das cozinheiras. Com a ideia no pensamento, remediou-se com o queijo e provou o belo vinho encorpado sentado em frente à pequena lareira.

Tinha orgulho do trabalho de uma vida, sabendo que parte dele se encontrava no copo que reflectia o lume, e brilhava num vermelho muito profundo. O vinho fora um presente, um dos muitos que recebera com a reforma, apesar de todos saberem que se tratava de uma reforma puramente formal. Apesar dos ossos doridos e do coração cada vez mais fraco, Bernardo ia a pé pela vinha provar as uvas, contemplar o céu e sentir o aroma do ar.

Vivera para o vinho.

Morrera por ele.

Bebia, dormitando diante da lareira, com uma manta enrolada nas pernas magras. Pela sua mente passavam imagens de campos banhados pelo Sol, da mulher a sorrir, via-se a mostrar ao filho como dar sustentação a uma vinha jovem, a podar outra já madura. *La Signora* a seu lado, entre as filas de vinhas que os seus avós haviam semeado.

Signore *Baptista*, dissera ela, quando os seus rostos ainda eram jovens, *deram-nos um mundo. Temos de o proteger.*

E assim haviam feito.

O vento assobiava nas janelas da sua pequena casa. O lume esmorecia nas brasas.

E quando a dor chegou como um soco em cheio, apertando-lhe o coração de morte, o seu assassino estava a cerca de dez mil quilómetros de distância, rodeado de amigos e sócios, a apreciar um salmão perfeitamente estufado e um belo *Pinot Blanc*.

PRIMEIRA PARTE

A PODA

*Um homem é um molho de relações,
um nó de raízes, cuja flor e frutos são o mundo.*

— RALPH WALDO EMERSON



1.

A garrafa de *Castello di Giambelli Cabernet Sauvignon*, '02, leiloadada por cento e vinte e cinco mil e quinhentos dólares, americanos. Uma quantia avultada, pensava Sophia, por um misto de vinho e sentimentos. O vinho naquela bela garrafa velha fora produzido das uvas vindimadas no ano em que Cezare Giambelli se estabelecera na herdade do Castello Giambelli, num pedaço de terra da encosta de uma colina, a norte de Veneza.

Naquele tempo, o *castello* só podia ser encarado como uma piada ou um supremo optimismo, dependendo do ponto de vista. A casa modesta de Cezare e a pequena vinha no sopé rochoso andavam longe das dimensões de um castelo. Mas as vinhas eram soberbas e delas conseguira construir um império.

Passado quase um século, era provável que um superior *Cabernet Sauvignon* ficasse melhor como tempero para salada do que bebido, mas não era a sua função discutir com o homem que tinha o dinheiro. A sua avó tinha razão, como sempre. Iam pagar, regiamente, pelo privilégio de serem donos de um pedaço da história dos Giambelli.

Sophia tomou nota da licitação final e do nome do comprador, apesar da improbabilidade de o vir a esquecer, para o relatório que ia enviar à avó, assim que terminasse o leilão.

Estivera presente não só como relações públicas executiva que concebera e implementara a promoção e o catálogo do leilão, mas também como representante da família Giambelli naquele evento exclusivo e cerimonial.

Assim sendo, ficou sentada em silêncio ao fundo da sala, a observar a licitação, bem como a apresentação.

Cruzara as pernas numa linha longa e elegante. As costas direitas como as de uma noviça. Envergava um fato preto plissado, italiano, feito à medida, que lhe dava um ar empresarial e, ao mesmo tempo, imensamente feminino.

Era mesmo essa a imagem que Sophia acalentava de si mesma.

O rosto anguloso, o triângulo de um dourado pálido dominado pelos olhos grandes, de um castanho profundo e uma boca grande e inconstante. As maçãs do rosto aguçadas como gelo, o queixo a ponta de um diamante, esculpindo uma aparência em parte de fada, em parte de guerreira. De forma deliberada e implacável, usava o rosto como arma quando lhe parecia mais oportuno.

As ferramentas, acreditava ela, existiam para serem utilizadas, e bem.

Há um ano, decidira cortar o cabelo que deixara crescer até à cintura, num capacete preto e curto com a franja espetada a cobrir-lhe a testa.

Ficava-lhe bem. Sophia sabia exactamente o que lhe ficava bem.

Ostentava o colar solitário de pérolas antigas que a avó lhe oferecera quando fizera vinte e um anos, e uma expressão de interesse cortês. Classificava-o como o olhar de conselho administrativo do pai.

Os seus olhos brilhavam, e os cantos da boca larga curvaram ligeiramente, ao ver exibido o artigo seguinte.

Era uma garrafa de *Barolo*, '34, do casco que Cezare baptizara *Di Tereza*, em homenagem ao nascimento da sua avó. Aquela reserva particular exhibia uma fotografia de Tereza com dez anos no rótulo, no ano em que o vinho envelhecera o bastante em carvalho, para ser engarrafado.

Agora, com sessenta e sete anos, Tereza Giambelli era uma lenda, cujo nome como produtora de vinho suplantara até o do seu avô.

Era a primeira garrafa daquela colheita a ser posta à venda, ou a sair da família. Tal como Sophia esperava, a licitação estava animada e enérgica.

O homem sentado ao lado de Sophia batia com o catálogo onde dominava a fotografia da garrafa. — Você é parecida com ela.

Sophia mudou ligeiramente de posição, primeiro sorrindo para ele, um homem de boa aparência cuja idade deveria rondar os sessenta anos, e depois para a fotografia da menina que olhava com ar sério da garrafa de tinto no catálogo dele. — Obrigada.

Marshall Evans, lembrava-se ela. Imobiliário, Fortuna 500 de segunda geração. Gostava de saber os nomes e as estatísticas importantes dos curiosos e coleccionadores de vinhos com bolsos largos e gosto imperioso.

— Esperava que *La Signora* viesse ao leilão de hoje. Encontra-se bem?

— Bastante. Mas muito ocupada.

O *beeper* no bolso do casaco vibrou. Algo irritada pela interrupção, Sophia ignorou-o para ver a licitação. Os seus olhos perscrutavam a sala, reparando nos sinais. O erguer de dedo casual na terceira fila elevou o preço em mais quinhentos. Um aceno discreto da quinta fila superou-o.

Por fim, o *Barolo* distanciou-se do *Cabernet Sauvignon* por quinze mil, e ela virou-se, estendendo a mão para o homem ao seu lado.

— Parabéns, Sr. Evans. A sua contribuição para a Cruz Vermelha Internacional será bem aplicada. Em nome dos Giambelli, família e empresa, espero que aprecie o seu prémio.

— Disso não tenha dúvidas. — Pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. — Tive o prazer de conhecer *La Signora* há muitos anos. É uma mulher extraordinária.

— Pois é.

— Talvez a neta dela queira fazer-me companhia ao jantar, esta noite?

Ele tinha idade para ser pai dela, mas Sophia era demasiado europeia para considerar isso um obstáculo. Noutra altura, teria acedido, e sem dúvi-

da apreciado a companhia dele. — Lamento, mas tenho um compromisso. Talvez da próxima vez que vier ao Leste, se estiver livre.

— Farei por isso.

Deixando o calor espalhar-se no sorriso, ela levantou-se. — Com a sua licença.

Deslizou para fora da sala, tirando o *beeper* do bolso para ver o número. Retirou-se para a casa de banho das senhoras, a olhar para o relógio e a tirar o telefone da mala. Depois de marcar o número, sentou-se num dos sofás e pousou o bloco de notas e a agenda electrónica no colo.

Depois de uma semana longa e exigente em Nova Iorque, ainda se sentia enérgica e, passando os olhos pelos apontamentos, ficou satisfeita por ainda ter tempo de ir fazer umas compras, antes de mudar de roupa e sair para jantar.

Jeremy DeMorney, pensava ela. Tudo indicava que seria uma noite sofisticada e elegante. Restaurante francês, conversa sobre gastronomia, viagens e teatro. E, claro, sobre vinho. Como era herdeiro dos DeMorney das vinhas *La Coeur*, e ocupava um cargo executivo de primeira linha na empresa, e sendo ela accionista da Giambelli, decerto que haveria tentativas jocosas de sacar um segredo empresarial aqui ou ali.

E haveria champanhe. Do bom, era mesmo o que lhe estava a apetecer.

Tudo seguido de uma tentativa flagrantemente romântica de a levar para a cama. Perguntava-se se lhe ia apetecer isso também.

Ele era atraente, pensava, e até podia ser divertido. Talvez se ambos não tivessem consciência de que o pai dela um dia fora para a cama com a mulher dele, a ideia de um pouco de romance entre ambos não ia parecer tão estranha, e de certa forma incestuosa.

Ainda assim, haviam passado alguns anos...

— Maria. — Sophia arrumou num recanto da sua mente Jerry e a noite que se avizinhava, quando a governanta atendeu. — Recebi uma chamada da linha da minha mãe. Ela está disponível?

— Oh, sim, Menina Sophia. Ela estava à espera que telefonasse. É só um instante.

Sophia imaginava a mulher a apressar-se pelo corredor, a procurar nas várias divisões algo para arrumar, quando Pilar Giambelli já havia tratado de arrumar tudo sozinha.

À mamã, pensava Sophia, bastava uma pequena cabana pintada em tons rosa onde pudesse fazer pão, tricotar e cuidar do jardim. *Poderia ter tido meia dúzia de filhos*, pensava Sophia com um suspiro. *Mas teve de se contentar comigo.*

— Sophie, ia agora mesmo para a estufa. Espera. Deixa-me recuperar o fôlego. Não esperava que ligasses tão cedo. Pensava que estavas a meio do leilão.

— Já acabou. E acho que podemos afirmar que foi um sucesso sem precedentes. Vou enviar-te um fax com o relatório dos pormenores esta noite, ou logo pela manhã. Agora tenho mesmo de ir andando para tratar dos detalhes. Está tudo bem por aí?

— Mais ou menos. A tua avó convocou-nos para uma reunião.

— Oh, mamã, ela não está a morrer outra vez. Já passámos por isso há uns seis meses.

— Oito, — corrigiu Pilar. — Mas quem é que está a contar? Lamento, querida, mas ela insiste. Não me parece que desta vez esteja com ideias de morrer, mas está a planear alguma coisa. Chamou os advogados para mais uma reavaliação do testamento. E deu-me o camafeu da mãe dela, o que significa que está a pensar no futuro.

— Pensava que já to tinha dado da última vez.

— Não, da última vez foi o colar de âmbar. Está a convocar toda a gente. Tens de voltar.

— Está bem, está bem. — Sophia desceu o olhar para a agenda e lançou um beijo de despedida virtual a Jerry DeMorney. — Vou despachar-me daqui e ponho-me a caminho. Mas a sério, mamã, este novo hábito dela morrer ou ressuscitar de um mês para o outro é muito inconveniente.

— És boa rapariga, Sophie. Vou deixar-te o meu colar de âmbar.

— Muito agradecida. — Com uma gargalhada, Sophia desligou.

Duas horas depois, já voava para oeste a especular se dali a quarenta anos teria o poder de estalar os dedos e pôr todos de joelhos.

A mera ideia fê-la sorrir, ao recostar-se com uma taça de champanhe e Verdi a tocar nos auscultadores.

Nem todos se ajoelhavam. Tyler MacMillan podia estar a minutos, e não a horas de distância da Villa Giambelli, que ainda assim achava as vinhas muito mais urgentes do que as convocatórias de *La Signora*.

E foi o que disse.

— Ora, Ty. Podes tirar umas horas.

— Agora não. — Ty caminhava pelo gabinete, ansioso por voltar aos campos. — Desculpe, avô. Sabe como é importante a poda do Inverno, e a Tereza também. — Mudou o telemóvel para a outra orelha. Odiava telemóveis. Passava a vida a perdê-los. — As vinhas MacMillan precisam de tantos cuidados quanto as Giambelli.

— Ty...

— Deixou-me como responsável. Só estou a fazer o meu trabalho.

— Ty, — repetiu Eli. Sabia que com o neto os problemas tinham que ser apresentados de uma forma muito básica. — Eu e a Tereza somos tão dedicados aos vinhos MacMillan quanto aos Giambelli, e é assim há vinte

anos. Ficaste responsável por seres um vinicultor excepcional. A Tereza tem planos. Esses planos incluem-te.

— Para a semana.

— Amanhã. — Eli não batia o pé muitas vezes; não fazia o seu género. Mas quando era necessário, fazia-o de forma implacável. — À uma. Para o almoço. Vem vestido em condições.

Tyler franzia o sobrolho para as botas e as bainhas esfarrapadas das calças grossas. — Isso corta a porcaria do dia todo.

— És o único capaz de podar as vinhas na MacMillan, Tyler? Aparentemente, perdeste alguns empregados na última colheita.

— Vou lá ter. Mas diga-me uma coisa.

— Claro.

— É a última vez que ela vai morrer por uns tempos?

— À uma, — respondeu Eli. — Tenta chegar a horas.

— Pois, pois sim, — resmungou Tyler, mas só depois de ele desligar.

Adorava o avô. Até adorava Tereza, talvez por ela ser tão rabugenta e irritante. Quando o seu avô se casou com a herdeira Giambelli, Tyler tinha onze anos. Apaixonara-se pelas vinhas, pelas encostas das colinas, as sombras das caves, as grandes caves das adegas.

E num sentido bem mais real, apaixonara-se por Tereza Louisa Elana Giambelli, aquela figura de ancas finas, direita como uma estaca e algo assustadora, que vira pela primeira vez, envergando botas e calças não muito diferentes das suas, avançando pelas plantas da mostarda entre as filas crescentes de videiras.

Ela olhara-o de relance, erguendo a sobranceira negra aguçada como uma lâmina, catalogando-o de cidadão molenga. Se era seu neto, fez questão de lhe dizer, teria de enrijecer.

Ordenara-lhe que passasse o Verão na *villa*. Ninguém pensara em discutir o assunto. Certamente que nem os pais dele, que ficaram mais do que felizes por o despejarem durante um período alargado, ficando livre para festas e amantes. Por isso ficara, pensava Tyler agora, ao caminhar para a janela. Verão após Verão, até as vinhas se tornarem mais a sua casa do que a de São Francisco, até que ela e o avô fossem mais seus pais do que os verdadeiros.

Ela fizera dele quem era. Podara-o com onze anos e treinara-o para ser o adulto que agora se revelava.

Mas não era dona dele. Era irónico, imaginava, que todo o trabalho que teve o moldasse como a única pessoa sob a sua alçada com mais probabilidades de ignorar as suas exigências.

Claro que era mais difícil ignorar as exigências quando ela e o avô se uniam. Encolhendo os ombros, Tyler saiu do gabinete. Podia dispensar

umas horas, e eles sabiam disso tão bem quanto ele. As vinhas MacMillan empregavam os melhores, e podia muito bem ausentar-se durante quase toda a colheita, com confiança nos que deixasse no comando.

A verdade pura e simples era que odiava os grandes eventos espalhafatosos que os Giambelli criavam. Invariavelmente, eram como um circo, com as três pistas cheias de números coloridos. Era impossível acompanhar, e havia sempre a possibilidade de um tigre fugir da jaula e saltar-lhe ao pescoço.

Toda aquela gente, todas as questões, todas as pretensões e divergências obscuras. Era mais feliz a caminhar pelas vinhas, a verificar os cascos, ou na conversa com um dos seus produtores, para discutir as qualidades do *Chardonnay* daquele ano.

As obrigações sociais eram apenas isso. Obrigações.

Passou pelo charmoso corredor da casa, que fora do seu avô, para a cozinha, onde voltou a encher o termo de café. Distraído, pousou em cima do balcão o telemóvel que ainda trazia consigo e começou a reorganizar a agenda na cabeça, para agradar a *La Signora*.

Já não era cidadão ou maneirista. Tinha mais de um metro e oitenta e um corpo esculpido pelo trabalho no campo, bem como uma preferência pela vida ao ar livre. Tinha as mãos grandes e, apesar das calosidades, os dedos compridos sabiam como mergulhar delicadamente nas parras à procura da uva. Quando não se lembrava de cortar o cabelo, os caracóis evidenciavam-se, o que acontecia muitas vezes, e o castanho-escuro revelava laivos arruivados, como um *burgundy* envelhecido ao sol. O seu rosto angular era mais enrugado do que bonito, com rugas que se esbatiam junto aos olhos, de um azul límpido e sereno, que podiam endurecer como aço.

A cicatriz junto ao maxilar, que ganhara numa queda nas rochas aos treze anos, apenas o aborrecia quando se lembrava de se barbear.

Já sabia que teria de o fazer antes de ir almoçar, no dia seguinte.

Quem trabalhava para ele considerava-o um homem justo, por vezes de ideias fixas. Tyler teria apreciado a análise. Também o consideravam um artista, o que o teria deixado confuso.

Para Tyler MacMillan, o artista era a uva.

Saiu para o ar brusco do Inverno. Tinha duas horas até o Sol se pôr, e vinhas para cuidar.

Donato Giambelli tinha uma dor de cabeça de proporções gigantescas. Chamava-se Gina, e era a sua esposa. Quando recebeu a convocatória de *La Signora*, estava agradavelmente entretido numa sessão de sexo voraz com a amante do momento, a multifacetada actriz de coxas tão poderosas que eram capazes de quebrar nozes. Ao contrário da esposa, a única coisa que

a amante exigia era uma bugiganga ocasional e uma cambalhota suada três vezes por semana. Não precisava de conversa.

Havia alturas em que pensava que Gina não precisava de mais nada.

Resmungava com ele. Resmungava com cada um dos seus três filhos. Resmungava com a mãe dele até o ar do jacto da empresa vibrar com o chorrilho infundável de palavreado.

Entre ela, os gritos do bebé, o martelar do pequeno Cezare e a inquietação de Tereza Maria, Don pensava seriamente em abrir a porta e empurrar a família inteira do avião, precipitando-a no esquecimento.

Apenas a sua mãe estava calada, e só porque tomara um comprimido para dormir, um comprimido para o enjoo, um comprimido para a alergia e sabe Deus que mais, regando todos com dois copos de *Merlot*, antes de colocar a máscara nos olhos e cair para o lado.

Ela passara quase a vida toda, pelo menos a parte que ele conhecia, sob medicação e catatónica. De momento, encarava isso como sabedoria superior.

Só lhe restava ficar sentado, as tēmporas a latejar, a amaldiçoar a tia Tereza para as profundezas do Inferno por insistir que a família toda viajasse.

Era o vice-presidente executivo da Giambelli, em Veneza, ou não? Qualquer negócio que fosse realizado exigia a sua presença, e não a da família.

Porque é que Deus o amaldiçoara com uma família daquelas?

Não que não gostasse deles. Claro que gostava deles. Mas o bebé era gordo como um peru, e ali estava Gina, a agarrar na mama para lhe saciar a gula.

Outrora, aquela mama fora uma obra de arte, pensava ele. Dourada e firme, com sabor a pêssego. Agora, estava esticada como um balão inchado e, se estivesse para aí virado, sabia a baba de bebé.

E a mulher já começava a protestar com vontade de ter outro.

A mulher com quem casara era madura, luxuriante, com uma carga sexual intensa e de cabeça vazia. Era uma perfeição. Em apenas cinco anos ficara gorda, desleixada e com a cabeça povoada de bebés.

Era de admirar que procurasse consolo noutro lugar?

— Donny, acho que a *zia* Tereza te vai dar uma grande promoção, e que nos vamos mudar para o *castello*. — Ela ansiava pela casa grande dos Giambelli: todos aqueles quartos adoráveis, os criados. Os filhos seriam criados no luxo, com privilégios.

Boas roupas, as melhores escolas e, um dia, a fortuna Giambelli aos seus pés.

Ela era a única a dar bebés a *La Signora*, não era? Devia contar para alguma coisa.

— Cezare, — disse ela para o filho, ao vê-lo arrancar a cabeça da boneca da irmã. — Pára com isso! Agora puseste a tua irmã a chorar. Então, vá lá, dá-me a boneca. A mamã arranja.

O pequeno Cezare, de olhos cintilantes, atirou a cabeça com satisfação por cima do ombro e começou a arreliar a irmã.

— Inglês, Cezare! — Espetou o dedo para ele. — Vamos para a América. Tens de falar em inglês com a *zia* Tereza e mostrar-lhe como és um menino inteligente. Vá lá.

Tereza Maria, a berrar com a morte da boneca, agarrou na cabeça decepada e desatou a correr pela cabina, num ímpeto de dor e raiva.

— Cezare! Faz o que a mamã diz.

Como resposta, o rapaz atirou-se ao chão, a esbracejar e a espernear.

Don levantou-se, afastando-se para se ir trancar no santuário do escritório aéreo.

Anthony Avano gostava de um toque de requinte. Escolhera a sua *penthouse* de dois andares na baía traseira de São Francisco, com perseverança e deliberação, e depois contratou um decorador de renome da cidade para a mobilar. Estatuto e estilo eram a grande prioridade. Conseguí-los sem ter de realizar qualquer esforço, era outra.

Não percebia como um homem podia sentir-se confortável sem aqueles elementos básicos.

Os seus aposentos reflectiam o que pensava ser o gosto clássico: das paredes ondedas e lustrosas como seda, os tapetes orientais, até à mobília de carvalho luzidio. Escolhera, ou os decoradores, materiais ricos em tons neutros com alguns salpicos de cores arrojadas dispostas com um cuidado artístico.

A arte moderna, que não lhe dizia absolutamente nada, era, segundo lhe disseram, uma contrapartida fantástica à elegância silenciosa.

Confiava, em grande medida, nos serviços dos decoradores, alfaiates, corretores, joalheiros e intermediários, que o orientavam para que se rodeasse apenas do melhor que havia.

Sabia-se que até alguns dos seus detractores haviam afirmado que Tony Avano nascera com bom gosto. E a maior parte provinha-lhe da boca. Não lhe passava pela cabeça questionar essa opinião. Mas o dinheiro, segundo Tony, comprava todo o bom gosto de que um homem precisava.

Era conhecedor de uma coisa. Os vinhos.

As suas caves estavam indiscutivelmente entre as melhores da Califórnia. Cada garrafa era seleccionada pessoalmente. Apesar de não saber distinguir um *Sangiovese* de um *Semillon* na vinha, e não mostrar qualquer interesse no crescimento das videiras, ele tinha um nariz superior. E esse

nariz galgara com firmeza a escadaria corporativa da Giambelli, Califórnia. Há trinta anos, casara com Pilar Giambelli.

Demorara àquele nariz uns dois anos a começar a sentir a atracção do cheiro de outras mulheres.

Tony era o primeiro a admitir que as mulheres eram a sua fraqueza. Afinal de contas, elas eram tantas. Amara Pilar com uma tal profundidade, como era capaz de amar outro ser humano qualquer. Sem dúvida que amara o seu cargo privilegiado na empresa Giambelli, como marido da filha de *La Signora* e pai da sua neta.

Por todos esses motivos, há muitos anos que tentava ser muito discreto com as suas fraquezas do foro íntimo. Até tentara, em inúmeras ocasiões, reformar-se.

Mas depois aparecia outra mulher, macia e perfumada, ou curvilínea e sedutora. O que é que um homem podia fazer?

A fraqueza eventualmente custou-lhe o casamento, num sentido técnico mais do que legal. Ele e Pilar estavam separados há sete anos. Nenhum dera o passo para o divórcio. Ela, sabia ele, por o amar. E ele por causa da carga de trabalhos e para não desagradar com agravo a Tereza.

De qualquer das formas, no que dizia respeito a Tony, a situação actual era conveniente para todos. Pilar preferia o campo, ele a cidade. Mantinham um relacionamento de amizade cordial, até razoável. E ele mantinha as funções como director de vendas da Giambelli, Califórnia.

Há sete anos que se equilibravam sobre aquela linha civilizada. Agora, tinha receio de estar prestes a cair no abismo.

Rene insistia em falar de casamento. Como um cilindro a vapor que deslizava pela estrada como seda, Rene possuía uma forma de avançar na direcção de um objectivo e derrubar todas as barreiras que encontrasse pelo caminho. Discutir com ela deixava Tony agastado e tonto.

Ela tinha uns ciúmes violentos, excessivos, exigentes e com tendência para amuos gelados.

Estava doído por ela.

Aos trinta e dois anos, era mais nova vinte e sete anos do que ele, o que lhe afagava o ego bem desenvolvido. Saber que estava tão interessada no seu dinheiro quanto no resto não o incomodava nada. Respeitava-a por isso.

Mas preocupava-o saber que se lhe desse o que ela queria, ele acabaria por perder o objecto do seu desejo.

Era uma decisão tramada. Para a resolver, Tony fazia o que costumava para dar a volta às dificuldades. Ignorava, enquanto fosse humanamente possível.

Contemplando a vista da baía, a saborear um pequeno cálice de vermute, Tony esperava que Rene acabasse de se vestir para o compromisso daquela noite. E preocupava-o que o seu tempo tivesse chegado ao fim.

A campainha da porta levou-o a desviar o olhar, franzindo a testa. Não estavam à espera de ninguém. Como era a noite de folga do mordomo, foi ver quem era. O sobrolho carregado dissipou-se ao abrir a porta e ver a filha.

— Sophie, mas que bela surpresa.

— Pai.

Ela elevou-se nos dedos dos pés para lhe beijar a face. Imensamente bonito, como sempre, pensava. Os bons genes e um cirurgião plástico excelente assentavam-lhe bem. Fez os possíveis por ignorar o ressentimento súbito e instintivo, tentando focar-se no amor igualmente súbito e instintivo.

Era como se algo a puxasse sempre na direcção oposta do pai.

— Acabei de chegar de Nova Iorque, e queria ver-te antes de ir para a *villa*.

Perscrutava-lhe o rosto — liso, quase sem rugas e decerto sem preocupações. O cabelo escuro caía num grisalho atraente sobre as têmporas, os olhos azuis profundos, límpidos. Tinha um belo queixo quadrado com uma covinha ao centro. Ela adorava espetar lá o dedo quando era criança e de o fazer rir.

O amor que sentia por ele preenchia-a e emaranhava-se nesse ressentimento. Era sempre assim.

— Estou a ver que vais sair, — disse ela, reparando no *smoking*.

— Estava prestes. — Pegou-lhe na mão e puxou-a para dentro. — Mas ainda tenho muito tempo. Senta-te, princesa, e conta-me como estás. Queres beber alguma coisa?

Inclinou o copo dele na sua direcção. Ela cheirou, e aprovou. — Pode ser o que estás a beber.

Analisou a sala enquanto ele avançava até ao armário das bebidas. Um pretexto dispendioso, pensava ela. Só espectáculo e sem conteúdo nenhum. Tal como o pai.

— Vais até lá acima, amanhã?

— Onde?

Inclinou a cabeça, enquanto ele voltava para junto de si. — À *villa*.

— Não, porquê?

Pegou no copo, pensativa, ao beber. — Não recebeste uma chamada?

— Sobre o quê?

Lealdades diversas aglomeravam-se e revolviam dentro de si. Traíra a mãe, ignorava sem escrúpulos os seus votos desde que Sophia se conseguia lembrar e, no final de contas, deixara-as a ambas com um mero olhar de

relance por cima do ombro. Mas continuava a ser da família, e estavam a chamar a família à *villa*.

— *La Signora*. Uma das suas convocatórias com advogados, pelo que me disseram. Também devias ir.

— Ah, bom, a sério, eu ia...

Interrompeu-se assim que Rene entrou.

Se existisse uma rapariga de calendário para a amante troféu, pensava Sophia ao sentir uma ligeira irritação a aflorar, era Rene Foxx. Alta, curvilínea e loura platinada. O vestido Valentino exibia um corpo implacavelmente tonificado, e conseguia dar um ar subtil e elegante.

Tinha o cabelo apanhado em cima, puxado para trás para mostrar o seu rosto amoroso e cuidado com a boca farta e sensual, do colagénio, pensava Sophia, maliciosa, e olhos verdes franzidos.

Escolhera diamantes para combinar com o Valentino, que cintilavam num brilho intenso sobre a pele macia.

Sophia perguntava-se quanto é que aquelas pedras haviam custado ao seu pai.

— Olá. — Sophia bebia mais vermute para engolir alguma da amargura que tinha na língua. — Rene, não é?

— Sim, e já passaram quase dois anos. Ainda és a Sophia?

— Sim, há vinte e seis anos.

Tony pigarreava. Na sua opinião, nada era mais perigoso do que duas mulheres em fogo cruzado. O homem no meio de ambas é que apanhava sempre com a bala.

— Rene, a Sophia acabou de chegar de Nova Iorque.

— A sério? — Divertida, Rene pegou no copo de Tony e bebeu. — Isso explica porque estás com ar cansado, de quem acabou de viajar. Íamos agora sair para uma festa. Se quiseres, podes vir connosco, — acrescentou, enroscando o braço no de Tony, — devo ter ali alguma coisa no armário que te sirva.

Por mais que quisesse mostrar as garras a Rene, não ia fazê-lo depois de um voo de uma costa à outra e nem no apartamento do pai. Sophia haveria de escolher a hora e o local.

— É muito atenciosa, mas ia sentir-me constrangida a vestir algo que me ia ficar a nadar. E, — acrescentou, cobrindo as palavras de açúcar, — vou agora a caminho do norte. Assuntos de família. — Pousou o copo. — Divirtam-se esta noite.

Avançou para a porta, onde Tony a alcançou para lhe dar uma breve mas firme pancadinha no ombro. — Porque não vens connosco, Sophie? Estás muito bem assim. Estás linda.

— Não, obrigada. — Virou-se e os seus olhos encontraram-se. Os

dele transbordavam de uma lamentação tímida. Era uma expressão que ela estava demasiado acostumada a ver para produzir efeito. — Não me sinto particularmente festiva.

Ele pestanejou ao vê-la fechar-lhe a porta na cara.

— O que é que ela queria? — Indagou Rene.

— Como já te disse, passou por cá.

— A tua filha nunca faz nada sem motivo aparente.

Ele encolheu os ombros. — Talvez tenha pensado que amanhã de manhã podíamos ir juntos de carro para norte. Tereza convocou toda a gente.

Rene franziu os olhos. — Não me contaste nada.

— Não fui convocado. — Deitou o assunto para trás das costas e pensou na festa e no impacto de ambos ao entrar nela. — Estás fabulosa, Rene. É uma pena tapar esse vestido, mesmo com pele de marta. Queres que te traga o xaile?

— Como assim, não foste convocado? — Rene bateu com o copo vazio na mesa. — A tua posição na Giambelli é de certeza mais importante do que a da tua filha. — E Rene queria que se mantivesse assim. — Se a velha chamou toda a família, deves ir. Amanhã vamos até lá.

— Vamos? Mas...

— É a oportunidade perfeita para a enfrentares, Tony, e para dizeres à Pilar que queres o divórcio. Hoje deitamo-nos cedo, para ambos termos a cabeça fresca. — Foi ter com ele, deslizando os dedos pela sua face.

Ela sabia que, para Tony, a manipulação incluía exigências firmes e compensações físicas, num equilíbrio sensato.

— E quando voltarmos para casa hoje à noite, vou mostrar-te o que podes esperar de mim quando casarmos. Quando voltarmos, Tony... — Inclinou-se e, provocadora, mordeu-lhe o lábio inferior. — Podes fazer o que quiseres.

— Vamos mas é esquecer a festa.

Ela riu-se, deslizando das mãos dele. — É importante. E assim tens tempo para pensar o que é que me queres fazer exactamente. Vai buscar-me a marta, sim, querido?

Naquela noite apetecia-lhe a marta, pensava Rene enquanto Tony acedia ao seu pedido.

Naquela noite, sentia-se rica.

2.

O vale e as colinas que se elevavam dele ostentavam uma fina camada de neve. As vinhas, soldados arrogantes e muitas vezes temperamentais, es-

calavam as encostas, os ramos despídos hirtos no silêncio da bruma, que transformava as montanhas circundantes em sombras subtis.

Sob a aurora brilhante, a herdade dormia um sono trémulo.

O cenário pacífico ajudara a cunhar uma fortuna, uma fortuna que seria de novo jogada, colheita após colheita. Tendo a natureza como parceira e inimiga.

Para Sophia, a produção de vinho era uma arte, um negócio, ciência. Mas também era a jogada mais arriscada da cidade.

Numa das janelas da *villa* da avó, estudava o campo de jogo. Estavam na época da poda, e imaginava que enquanto viajara, já tinham ido observar, estudar as vinhas, e já haviam começado as primeiras fases para a realização da vindima do ano seguinte. Sentia-se bem por a terem chamado, uma vez que assim podia ver pessoalmente todas essas fases.

Quando se ausentava, o negócio do vinho ocupava todas as suas energias. Raramente pensava na herdade quando vestia a farda de empresária. E sempre que voltava, como agora, não conseguia pensar noutra coisa.

Ainda assim, não conseguia ficar longe muito tempo. Tinha compromissos em São Francisco. Uma nova campanha publicitária para ser trabalhada. O centenário da Giambelli começava a ganhar forma. E com o sucesso do leilão em Nova Iorque, as etapas seguintes iam exigir a sua atenção.

Um vinho velho para o novo milénio, pensava. *Villa Giambelli*: o início da excelência do novo século.

Mas precisavam de algo novo, algo excitante para o mercado mais jovem. Para os que compravam aquele vinho sem pensar — num impulso rápido para levar para uma festa.

Bom, ia pensar no assunto. Era essa a sua função.

E ao pensar nisso, acabava por esquecer o pai e a ardilosa Rene.

Não tinha nada a ver com isso, lembrava-se Sophia. Não tinha que se meter no facto de o pai se querer juntar a uma antiga modelo de *lingerie* com um coração do tamanho e textura de uma uva passa. Não era a primeira vez que fazia figura de parvo, e sem dúvida que não seria a última.

Queria muito conseguir odiá-lo por isso, pela sua patética fraqueza de carácter, e a negligência inconsequente para com a sua filha. Mas não conseguia afastar aquele amor estável e permanente. Nisso, imaginava que era tão tola quanto a mãe.

Ele não queria saber de nenhuma delas mais do que queria saber do corte do fato. Não lhes dispensava dois minutos de pensamento, assim que saíam do seu alcance de visão. Era um patife. Imensamente egoísta, esporadicamente carinhoso e sempre irresponsável.

Imaginava que isso fizesse parte do seu encanto.

Desejava não ter passado por casa dele na noite anterior, desejava não se sentir compelida a manter aquela ligação entre eles, sem dar importância ao que ele fazia ou não.

Era melhor, pensava, manter-se em movimento, como vinha a fazer nos últimos anos. A viajar, trabalhar, a ocupar o tempo e a vida com obrigações profissionais e sociais.

Dois dias, decidira. Ia dar à avó dois dias, passar tempo com a família, passar tempo nas vinhas e na herdade. Depois, ia voltar ao trabalho com sentido de vingança.

A nova campanha seria a melhor da indústria. Haveria de fazer por isso.

Ao passar os olhos pelas colinas, viu duas figuras a atravessar a bruma. O homem alto e desengonçado com um velho chapéu castanho na cabeça. A mulher direita como uma estaca de botas e calças masculinas, o cabelo branco como a neve que pisavam. Um *border collie* corria no meio de ambos. Eram os avós, a dar o passeio matinal com Sally, mais velhota e com uma lealdade incondicional.

Só de os ver ficou mais bem-disposta. O que quer que mudasse na sua vida, quaisquer que fossem as mudanças inevitáveis, aquilo era constante. *La Signora* e Eli MacMillan. E as vinhas.

Desapareceu da janela para ir buscar o casaco e juntar-se a eles.

Com sessenta e sete anos, Tereza Giambelli tinha um corpo e uma mente esculpido, aguçados como uma lâmina. Aprendera a arte da vinicultura sentada ao colo do avô. Viajara com o pai para a Califórnia com apenas três anos, para revolver a terra do vale fértil na produção do vinho. Tornara-se bilingue e viajara de um lado para o outro, entre a Califórnia e a Itália, tal como as outras raparigas acorriam ao recreio.

Aprendera a amar as montanhas, a imensidão da floresta, o ritmo das vozes americanas.

Não era a sua casa, nunca seria a sua casa como o *castello* fora. Mas encontrara ali o seu lugar, e estava satisfeita com ele.

Casara com um homem que recebera a aprovação da família, e também o aprendera a amar. Com ele tivera uma filha e, para seu eterno desgosto, dera à luz dois meninos mortos.

Enterrara o marido com apenas trinta anos. Nunca assumira o nome dele nem o dera à filha única. Era uma Giambelli e essa herança, essa responsabilidade, era mais vital e mais sagrada do que o casamento.

Tinha um irmão que adorava, que era padre e cuidava do seu rebanho em Veneza. Tinha outro que morrera soldado antes de chegar a ter vida própria. Acarinhava a sua memória, apesar de ser vaga.

E tinha uma irmã que, na melhor das hipóteses, tinha como parva, que trouxera ao mundo uma filha ainda mais parva do que ela.

Ficara responsável por dar continuidade à linhagem da família, à arte familiar. Foi o que fez.

O seu casamento com Eli MacMillan fora cuidadosa e escrupulosamente planeado. Encarou-o como uma fusão, uma vez que as vinhas dele eram de primeira linha e ficavam mesmo abaixo das dela no vale. Era um bom homem e, mais importante ainda segundo os seus cálculos, era um bom vinicultor.

Ele gostara dela, mas também outros homens tinham gostado. Gostava da companhia dele, mas também gostara da companhia de outros. No fim de contas, pensava nele como um *Merlot*, o seu mosto mais suave e doce diluía-se no seu *Cabernet Sauvignon* mais forte e, sem dúvida, mais áspero.

A combinação certa podia produzir resultados excelentes.

A sua aceitação da proposta de casamento fora contingente com um acordo empresarial complexo e pormenorizado. Esse acordo beneficiara ambas as empresas e deixara-a satisfeita.

Mas Tereza, que raramente se surpreendia, acabara por ficar, e encontrar conforto, prazer e pura satisfação num casamento que se aproximava do vigésimo aniversário.

Ele ainda era um homem bem-parecido. Tereza não relegava esses pormenores, uma vez que evidenciavam os genes. O que constituía um homem era tão importante, na opinião dela, quanto o que esse homem fazia de si mesmo.

Apesar de ele ser dez anos mais velho, ela não vislumbrava sinais de a idade o fazer vergar. Ainda se levantava de madrugada todos os dias, e ia passear com ela, independentemente do tempo que fizesse, todas as manhãs.

Ela confiava nele, como em nenhum homem desde o avô, e gostava mais dele do que de qualquer homem que não partilhasse o mesmo sangue.

Ele conhecia todos os seus planos, e quase todos os seus segredos.

— Sophia chegou tarde, ontem à noite.

— Ah. — Eli pousou-lhe a mão no ombro ao passearem pelos carreiros. Era um gesto simples, e habitual para ele. Tereza demorara algum tempo a acostumar-se a este toque casual de um homem, de um marido. Mais tempo ainda a depender dele. — Achavas que ela não vinha?

— Sabia que sim. — Tereza estava demasiado habituada a que lhe obedecessem para duvidar. — Se tivesse vindo directamente de Nova Iorque, tinha chegado mais cedo.

— Pois, então teve um encontro. Ou foi fazer compras.

Tereza franziu os olhos. Eram quase pretos e ainda viam bem ao longe. Ostentava uma voz assertiva e uma melodia exótica da sua terra natal. — Ou foi visitar o pai.

— Ou foi visitar o pai, — concordou Eli, no seu jeito lento e confortável. — A lealdade é uma virtude que sempre admiraste, Tereza.

— Quando é merecida. — Havia alturas, por mais que gostasse dele, em que a tolerância infundável de Eli a deixava furiosa. — Anthony Avano só merece a nossa repulsa.

— Um desgraçado, mau marido e pai medíocre. — O que o tornava, pensava Eli, muito parecido com o seu próprio filho. — No entanto, continua a trabalhar para ti.

— Dei-lhe demasiada liberdade dentro da Giambelli naqueles anos iniciais. — Confiara nele, pensava, vira nele algum potencial. Deixara-se enganar. Isso nunca ia perdoar. — Mesmo assim, tem jeito para as vendas. Utilizo as ferramentas que cumprem a sua função. Despedi-lo naquela altura teria sido uma satisfação pessoal, mas um risco profissional. É sempre mais sensato o que é melhor para a Giambelli. Mas não gosto de ver a minha neta andar atrás dele. *Uh*.

Atirava para o lado a imagem do genro com um aceno impaciente. — Veremos como ele vai reagir ao que vou dizer hoje. Sophia deve ter-lhe contado que a chamei aqui. Por isso, ele também vem.

Eli parou, virando-se. — E era exactamente isso que querias. Sabias que ela lhe ia contar.

Os seus olhos negros brilhavam, o sorriso frio. — E se soubesse?

— És uma mulher difícil, Tereza.

— Sou. Obrigada.

Ele riu-se e, abanando a cabeça, recomeçou a caminhar com ela. — O teu anúncio de hoje vai trazer problemas. Ressentimentos.

— Espero bem que sim. — Parou para examinar algumas videiras mais verdes, apoiadas por fios entrançados. Ia ser necessária uma poda com canas, pensava. Só as mais fortes podiam crescer e ser cuidadas.

— A complacência apodrece, Eli. Tem de se respeitar a tradição, e explorar a mudança.

Perscrutava as terras. A bruma espessa e o ar húmido. O dia ia passar sem que o Sol a dissipasse, com toda a certeza.

Os Invernos, matutava, estavam mais compridos a cada ano que passava.

— Plantei algumas destas vinhas com as minhas próprias mãos, — prosseguiu. — Vinhas que o meu pai trouxe de Itália. À medida que envelheciam, delas fizeram-se outras novas. As novas devem ter quase sempre espaço para se enraizarem, Eli, e as maduras o direito a algum respeito. O

que construí aqui, o que construímos no tempo que passámos juntos, é nosso. Farei o que achar melhor, com e por tudo isto.

— Foi o que sempre fizeste. Neste caso, como na maioria, concordo contigo. Não quer dizer que vamos ter uma época fácil.

— Mas vai ser *vintage*, — declarou ela. — Este ano... — Esticou o braço para virar uma vide despida nos dedos. — Um *vintage* raro e bom. Tenho a certeza.

Virou-se, observando a neta a correr pela encosta na direcção deles. — Ela é tão linda, Eli.

— Sim. E forte.

— Vai ter de ser, — disse Tereza e avançou para agarrar com as suas mãos as de Sophia. — *Buon giorno, cara. Come va?*

— *Bene. Bene.* — Beijaram-se na face, as mãos dadas com força. — *Nonna.* — Sophia chegava-se atrás, estudando o rosto da avó. Era um rosto bonito, não doce e bonito como o da menina de antigamente no rótulo, mas forte, quase feroz. Esculpido, Sophia sempre achara, tanto pela ambição quanto pelo tempo. — Está fantástica. E o avô também.

Virou-se para lançar os braços sobre Eli. Ali, tudo era tão simples. Ele era Eli, apenas Eli, o único avô que conhecera. Protector, amoroso e descomplicado.

Ele levantou-a um pouco com o abraço, deixando-a em bicos de pés. Ela desatou a rir, segurando-se. — Vi-vos da janela. — Voltou a pôr os pés no chão e recuou, para se baixar e afagar a paciente Sally. — Vocês os três parecem uma pintura. Podia chamar-lhe *A Vinha*, — prosseguiu ela, endireitando-se para abotoar o casaco de Eli no pescoço, por causa do frio. — Que manhã esta.

Fechou os olhos, deitando a cabeça para trás e respirando fundo. Conseguia sentir o aroma da humidade, do sabonete da avó e do tabaco que Eli devia ter escondido num dos bolsos.

— A viagem correu bem? — Perguntou Tereza.

— Trouxe relatórios. E tenho relatórios dos relatórios, — acrescentou, rindo novamente ao passar os braços pelos deles, para que caminhassem juntos. — Vai ficar satisfeita, *nonna*. E tive algumas ideias brilhantes, modéstia à parte, para a campanha de promoção.

Eli desviou o olhar e, ao ver que Tereza não ia comentar, deu uma palmadinha na mão de Sophia. Os problemas, pensava ele, iam começar dentro em breve.

— Já começou a poda, — comentou Sophia, ao ver os cortes frescos nas videiras. — Na MacMillan também?

— Sim. Está na altura.

— Parece que ainda falta muito para a vindima. *Nonna*, quer contar-me porque é que nos chamou a todos aqui? Sabe que adoro vê-la, e a Eli, e à mamã. Mas preparar as vinhas não é o único trabalho a fazer para a Giambelli.

— Conversamos mais tarde. Agora vamos tomar o pequeno-almoço, antes que os monstros do Donato acordem, e nos levem a todos à loucura.

— *Nonna*.

— Mais tarde, — repetiu Tereza. — Ainda não chegaram todos.

A Villa Giambelli ficava num pequeno monte bem no meio do vale e junto a uma floresta, que crescera demasiado selvagem. As suas pedras tinham um brilho dourado, vermelho e ocre quando banhadas pela luz, e as janelas eram muitas. A adega fora construída à imagem da italiana, e apesar de ter sido expandida, e implacavelmente modernizada, ainda estava em funcionamento.

Haviam acrescentado uma sala de prova ampla e de um bom gosto apelativo, onde os clientes podiam, por marcação, provar os produtos acompanhados de pão e queijo. Os clubes de enólogos eram bem-vindos para um convívio quatro vezes por ano, e as visitas guiadas eram organizadas através dos escritórios de ali mesmo ou de São Francisco.

Podiam provar o vinho, comprado na própria adega nessas ocasiões, em qualquer parte do mundo.

As caves, com o ar frio e húmido, aninhadas nas colinas, eram utilizadas como armazéns e para o envelhecimento do vinho. Os campos que haviam construído a Villa Giambelli e as imediações chegavam a mais de quarenta hectares, e durante a vindima o próprio ar cheirava a mosto.

O pátio central da *villa* estava apinhado de *Chianti* tinto, onde dominava uma fonte com um Baco sorridente que segurava o seu cálice para a eternidade. Quando passasse o frio do Inverno, dezenas e dezenas de vasos seriam dispostos de forma a o espaço ganhar vida, repleto de flores e perfumado.

Tinha doze quartos e quinze casas de banho, um solário, um salão de baile e uma sala de jantar formal que acomodava sessenta pessoas. Havia salas dedicadas à música e salas que celebravam os livros. Salas para trabalhar e para contemplação. Nas suas paredes havia uma colecção de arte e antiguidades italianas e americanas que não deixava ninguém indiferente.

Tinha uma piscina interior e outra exterior, e uma garagem para vinte carros. Os jardins eram uma fantasia.

Varandas e terraços avivavam a pedra, e uma quantidade de degraus concediam as entradas e saídas privadas a família e convidados.

Apesar das dimensões, o seu âmbito e os tesouros incalculáveis, era uma casa na verdadeira acepção da palavra.

A primeira vez que Tyler a viu, achou que era um castelo, repleta de quartos enormes e passagens elaboradas. De momento, pensava nela como uma prisão, onde fora sentenciado a passar demasiado tempo com demasiada gente.

Queria ir lá para fora sentir o ar puro e cuidar das vinhas, beber café forte de um termo. Em vez disso, estava prisioneiro na salinha de estar da família a beber um excelente *Chardonnay*. Na lareira, o lume crepitava alegremente e uns elegantes *hors d'oeuvres* estavam dispostos à volta da sala em travessas de barro italiano colorido.

Não conseguia perceber porque é que as pessoas perdiam tempo e esforço em pedacinhos de aperitivos, quando era muito mais rápido e fácil fazer algumas sanduíches, e pronto.

Porque é que a comida era sempre um acontecimento tão grande? E imaginava que se murmurasse tamanha heresia numa casa de italianos, acabaria linchado na hora.

Fora obrigado a mudar a roupa de trabalho e vestira umas calças e uma camisola — a sua concepção de roupa formal. Pelo menos não se enfiara num fato como o do... como é que o tipo se chamava? Don. Don de Veneza, com uma mulher que usava maquilhagem a mais, jóias a mais e que parecia trazer sempre um bebé a guinchar incorporado numa parte qualquer do corpo.

Ela falava de mais e ninguém, em especial o marido, parecia prestar atenção alguma.

Francesca Giambelli Russo falava pouco ou nada. Era um contraste com *La Signora*, pensava Ty. Ninguém diria que eram irmãs. Era magra e vaga, uma mulherzinha insubstancial que ficava colada à cadeira e parecia que lhe saltava a própria pele, se alguém se dirigia a ela directamente.

Ty teve o cuidado de não o fazer.

O rapazinho, se é que podia chamar àquele demónio do inferno rapazinho, estava esparramado no tapete, a esmagar dois camiões um no outro. A *border collie* de Eli, Sally, escondia-se por baixo das pernas de Sophia.

E que belas pernas, reparou Ty, absorto.

Tinha o ar mais refinado e distinto de sempre, como algo saído de uma tela de cinema, surgindo a três dimensões. Parecia fascinada com a conversa de Don, mantendo aqueles olhos enormes, cor de chocolate negro no rosto dele. Mas Ty observava-a discretamente, a dar *hors d'oeuvres* a Sally às escondidas. O movimento era demasiado subtil e calculado para que conseguisse manter toda a atenção na conversa.

— Prove. As azeitonas recheadas estão excelentes. — Pilar surgiu a seu lado com uma pequena travessa.

— Obrigado. — Tyler moveu-se. De todos os Giambelli, Tyler sentia-se mais à vontade com Pilar. Ela nunca esperava que ele entrasse em conversas intermináveis e vazias, só para ouvir a própria voz. — Faz ideia de quando é que isto vai começar?

— Quando a mamã estiver pronta, e não antes. As minhas fontes dizem-me que o almoço vai ser servido para catorze pessoas, mas não consigo adivinhar de quem é que estamos à espera. Seja quem for, e seja lá do que se trata, Eli parece satisfeito. É um bom sinal.

Ele começou a grunhir, lembrando-se das boas maneiras. — Espere-mos que sim.

— Há semanas que não o vemos por aqui, tem andado ocupado, — disse ela, ao mesmo tempo que ele murmurava algumas palavras, e riu-se. — Naturalmente. O que é que tem feito, para além de trabalhar?

— Que mais há para fazer?

Abanando a cabeça, voltou a insistir com as azeitonas. — É mais parecido com a minha mãe do que qualquer um de nós. Não andava a sair com alguém o Verão passado? Uma loura bonita? Pat, Patty?

— Patsy. Não andava bem. Só às vezes... — Esboçou um gesto vago. — Você sabe.

— Querido, devia sair mais. E não só para... você sabe.

Era um comentário tão maternal que ele teve de se rir. — Podia dizer o mesmo de si.

— Oh, sou apenas um velho barco encalhado.

— É o barco mais bonito da sala, — contrapôs e voltou a fazê-la rir.

— Quando quer, é sempre um querido. — O comentário, mesmo vindo de um homem que ela considerava um filho adoptivo, elevava-lhe o ânimo que, por aqueles dias, parecia estar sempre abatido.

— Mamã, estás a desviar as azeitonas, — interrompeu Sophia, roubando uma da travessa. Ao lado da mãe, bela e composta, era como uma bola de fogo, a faiscar de electricidade. daquelas que estão sempre a dar choques quentes e inesperados quando nos aproximamos de mais.

Ou assim parecia a Ty.

Só por essa razão, tentara sempre manter uma distância segura e confortável.

— Rápido, fala comigo. Ias deixar-me encurralada para sempre com Don, o Chato? — Murmurou Sophia.

— Pobre Sophie. Bom, vê as coisas desta forma. Talvez seja a primeira vez em semanas que ele conseguiu dizer cinco palavras numa frase sem a Gina o interromper.

— Acredita, bem que se empenhou. — Revirou os olhos negros e exóticos. — Então, Ty, como estás?

— Bem.
— Com muito trabalho na MacMillan?
— Sempre.
— Conheces alguma palavra com mais de uma sílaba?
— Algumas. Pensei que estavas em Nova Iorque.
— Estava, — disse ela, imitando o tom de voz dele, torcendo o lábio. — Agora estou aqui. — Olhou por cima do ombro ao ver os primos pequenos a guinchar e aos soluços. — Mamã, se alguma vez fui assim tão insuportável, como é que conseguiste não me afogar na fonte?

— Não eras insuportável, querida. Exigente, arrogante, temperamental, mas nunca foste insuportável. Desculpem. — Passou a bandeja a Sophia e foi fazer aquilo em que sempre foi um ás. As pazes.

— Talvez devesse ter lá ido eu, — comentou Sophia, com um suspiro, ao ver a mãe levantar a rapariguinha miserável. — Mas nunca na vida vi duas crianças que me cativassem menos.

— É no que dá, ser mimado e negligenciado.

— Ao mesmo tempo? — Considerou ela, estudando Don que ignorava o filho a chorar, e Gina que lhe dirigia arrulhos. — Bem visto, — concluiu. Mas como não eram problema dela, graças a Deus, voltou novamente as atenções para Tyler.

Ele era tão... homem, decidiu. Parecia esculpido dos rochedos que guardavam o vale. E era muito mais agradável de contemplar do que a birra de quatro anos atrás dela.

Se conseguisse sacar-lhe uma conversa razoável, podia ocupar-se de forma agradável até servirem o almoço.

— Alguma pista sobre o tema da nossa pequena reunião de hoje? — Indagou Sophia.

— Não.

— Se soubesses, dizias-me?

Ele encolheu o ombro e ficou a ver Pilar murmurar para a pequena Tereza, enquanto a levava para a janela ao lado. Tinha um ar natural, pensou ele. Como uma *Madonna*, parecia ser a descrição mais adequada. E por isso, a criança irritável e contrariada ficou com um ar atraente e apelativo.

— Porque é que achas que as pessoas têm filhos, se não lhes vão prestar atenção nenhuma?

Sophia ia começar a falar, mas interrompeu-se ao ver o pai e Rene entrarem na sala. — É uma boa pergunta, — murmurou e, tirando-lhe o copo da mão, acabou de beber o vinho. — Boa à brava.

À janela, Pilar ficou tensa, e todo o prazer simples que conquistara ao distrair a menina infeliz desvaneceu-se.

Sentiu-se desmazelada, feia, velha, gorda, amarga. Ali estava o homem que a havia descartado. E ali estava a mais recente aquisição, de um rol de substitutas. Mais jovem, bonita, inteligente e sensual.

Mas como sabia que a mãe não o faria, Pilar pousou a criança no chão e avançou para os cumprimentar. Tinha o sorriso quente e fácil, emoldurado num rosto mais atraente do que pensava. As calças e a camisola simples eram mais elegantes, mais femininas do que o fato justo de Rene.

E a sua movimentação ostentava uma classe inata que reluzia com mais autenticidade do que diamantes.

— Tony, ainda bem que vieste. Olá, Rene.

— Pilar. — Rene sorria devagar e deslizava a mão pelo braço de Tony. O diamante no seu dedo apanhou um feixe de luz. Fez uma pausa, para ter a certeza de que Pilar o vira, registando o significado. — Parece... tranquila.

— Obrigada. — A parte de trás dos joelhos dissolvera-se. Conseguia sentir-se a perder o apoio de forma tão avassaladora, como se Rene tivesse espetado ali o bico do sapato vermelho com toda a força. — Por favor, entrem, sentem-se. Querem beber alguma coisa?

— Não compliques, Pilar. — Tony acenou, dispensando-a, ao mesmo tempo que se debruçava para lhe dar um beliscão inconsequente na bochecha. — Viemos só cumprimentar a Tereza.

— Vai ter com a tua mãe, — disse Ty, entre dentes.

— O quê?

— Vai, inventa uma desculpa e tira a tua mãe dali.

Foi nessa altura que ela reparou no diamante a brilhar no anel de Rene, o choque puro nos olhos da mãe. Enfiou a travessa nas mãos de Ty e atravessou a sala. — Mamã, podes ajudar-me aqui, só um instante?

— Sim... deixa-me só...

— Não demora nada, — continuou Sophia, rápida a puxar Pilar para fora da sala. Continuou a andar até acabarem de percorrer todo o corredor, entrando na biblioteca de dois pisos. Ali, puxou as portas de correr atrás de si e encostou-se a elas.

— Mamã, lamento imenso.

— Oh. — Tentando sorrir, Pilar passou a mão instável pelo rosto dela. — Lá se vai a certeza de que me aguentei em grande estilo.

— Portaste-te lindamente. — Sophia acorreu para ela, ao ver que se deixava cair no braço de uma poltrona. — Mas conheço essa cara. — Com as mãos em concha, envolveu o rosto da mãe. — E parece que Tyler também. O anel é ostensivo e óbvio, tal como ela.

— Oh, querida. — A gargalhada era tensa, mas esforçou-se. — É maravilhoso, lindo... tal como ela. Não faz mal. — Mas já girava no dedo a aliança dourada que insistia em usar. — A sério, não faz mal.

— Uma ova, é que não. Odeio-a. Odeio-os aos dois, e vou voltar ali dentro e dizer-lhes isso mesmo.

— Não vais nada. — Pilar levantou-se, agarrando Sophia pelos braços. Será que a dor que conseguia ver nos olhos da filha se revelava de forma tão óbvia nos seus? E a culpa seria sua? Teria aquele limbo interminável em que vivia arrastado a sua filha para o vazio? — Não vais resolver nem mudar nada. Não adianta cultivar mais ódio, Sophie. Só te vai magoar.

Não, pensava Sophia. Não. Também podia moldar.

— Zanga-te! — Exigiu ela. — Fica furiosa, amarga e enraivecida. — Fica *qualquer coisa*, pensava ela. Tudo menos magoada e derrotada. *Isso eu não consigo suportar.*

— Faz tu isso, querida. — Deslizava as mãos devagar para cima e para baixo nos braços de Sophia. — Fá-lo bem melhor do que eu.

— Chegar aqui daquela maneira. Chegar aqui e esfregar-nos isto na cara. Ele não tinha o direito de te fazer isto, mãe, nem a mim.

— Ele tem o direito de fazer o que quiser. Mas foi mal feito. — Desculpas, admitia. Passara quase trinta anos a arranjar desculpas para Anthony Avano. Um hábito difícil de quebrar.

— Não fiques magoada. Ele ainda é teu pai. O que quer que aconteça, será sempre.

— Nunca foi um pai para mim.

Pilar empalideceu. — Oh, Sophia.

— Não. Não. — Furiosa consigo mesmo, Sophia estendeu a mão. — Sou insuportável. E isto não tem nada a ver comigo, mas não consigo evitar envolver-me. E nem sequer é sobre ele, — disse ela, acalmando. — Ele é inconsequente. Mas ela não. Sabia bem o que estava a fazer. Como queria fazer. E odeio que entre na nossa casa a exhibir isso à tua frente... não, raios partam, à nossa frente. De todos nós.

— Estás a ignorar um factor, querida. Rene pode amá-lo.

— Oh, por favor.

— Tão cínica. Eu amava-o, porque é que ela não o há-de amar?

Sophia girou, afastando-se. Queria pontapear alguma coisa, partir alguma coisa. E pegar nos cacos e atirá-los à carinha californiana, linda e perfeita de Rene. — Ela adora o dinheiro dele, o cargo que ocupa e a porcaria da conta bancária.

— Provavelmente. Mas é o tipo de homem amado pelas mulheres... sem esforço.

Sophia sentiu a ansiedade na voz da mãe. Nunca amara um homem, mas reconhecia a voz de uma mulher que amou. Que amava. Isso, esse desespero, deixava-a passiva. — Nunca deixaste de o amar.

— Se não deixei, é melhor que o faça. Prometes-me uma coisa? Não provoques nenhuma cena.

— Detesto dar essa satisfação, mas acredito que um desinteresse gelado vai ter mais impacto. De uma forma ou de outra, quero arrancar-lhe aquele sorriso presunçoso da cara.

Recuou, beijando a mãe em ambas as faces e abraçando-a. Ali podia, e devia, amar sem obscurantismo ou mácula. — Vais ficar bem, mamã?

— Sim. A minha vida não muda, pois não? — Oh, e só de pensar nisso, era terrível. — Nada muda realmente. Vamos regressar.

— Deixa-me dizer-te o que podemos fazer, — começou Sophia, depois de passarem de novo pelo corredor. — Vou dar uma volta à agenda e libertar uns dias. Depois, eu e tu vamos ao *spa*. Vamos mergulhar até ao pescoço em lama, fazer massagens faciais, esfoliação, massagem e hidratação do corpo. Vamos gastar rios de dinheiro em produtos de beleza caríssimos que nunca usaremos e deliciarmo-nos de roupão o dia todo.

A porta da casa de banho abriu-se ao passarem e saiu de lá uma morena de meia-idade. — Isso parece-me extremamente apelativo. Quando é que vamos?

— Helen. — Pilar levou a mão ao coração ao mesmo tempo que se inclinava para beijar a face da amiga. — Pregaste-me um susto dos diabos.

— Desculpa. Tive de ir a correr à retrete. — Puxava a saia do fato cinzento cor de pedra pelas ancas, que passava a vida a tentar diminuir, para ter a certeza de que estava no sítio. — Foi daquele café todo que bebi na viagem. Sophia, como consegues estar tão linda? Então... — Pegou na pasta, endireitando os ombros. — Os suspeitos do costume na salinha?

— Mais ou menos. Não me apercebi que se referia a si, quando a mamã disse que os advogados estavam a caminho. — E, matutava Sophia, se a avó tinha chamado a juíza Helen Moore, era porque a coisa era séria.

— Porque Pilar também não sabia, nem eu, até há uns dias. A tua avó insistiu que fosse eu a tratar pessoalmente desta questão. — Os olhos cinzentos franzidos de Helen desviaram-se na direcção da sala.

Envolvera-se, de uma forma ou de outra, com os Giambelli e com o seu negócio há quase quarenta anos. Nunca deixavam de a fascinar. — Manteve-vos a todos às escuras?

— Aparentemente, — murmurou Pilar. — Helen, ela está bem, não está? Acho que esta última ideia de mudar o testamento, e por aí fora, faz parte de uma fase por que tem passado no último ano, desde a morte do *Signore* Baptista.

— Tanto quanto sei, em matéria de saúde, *La Signora* está mais vigorosa do que nunca. — Helen ajustava os óculos de armação preta, lançando um sorriso ostensivo à sua amiga de longa data. — Como advogada dela,

não te posso contar mais nada acerca das suas motivações, Pilar. Mesmo se as compreender totalmente. O espectáculo é dela. Porque é que não vamos ver se ela está pronta para subir o pano?

3.

La Signora nunca apressava a entrada em cena. Planeava pessoalmente a ementa, na esperança de deixar uma marca generosa e casual. Os vinhos servidos eram das vinhas da Califórnia, Giambelli e MacMillan. Também isso fora planeado com minúcia.

Não ia discutir negócios à refeição. Nem sequer, para grande irritação de Gina, ia permitir a presença de três crianças malcriadas à mesa.

Tinham-nas enviado para a zona de recreio com uma empregada a quem daria uma gratificação, e o seu imenso respeito, se conseguisse aguentar uma hora com elas.

Quando se dignou a falar com Rene, foi com uma formalidade gélida. Devido a esse facto, sentiu uma admiração avassaladora pela firmeza da mulher. Houvera outras, muitas mais, que tinham estremecido notoriamente perante a sua frieza.

Juntamente com a família, e Helen, que considerava da família, convidara o seu vinicultor de maior confiança, com a esposa. Paulo Borelli estava na Giambelli, Califórnia, há trinta e oito anos. Apesar da idade, ainda lhe chamavam Paulie. A esposa, Consuelo, era uma mulher inchada e alegre com uma imensa gargalhada, que fora criada de cozinha na *villa*.

A última convidada era Margaret Bowers, directora de vendas da MacMillan. Era uma mulher divorciada com trinta e seis anos, no momento aborrecida de morte com a tagarelice de Gina, desejando ardentemente um cigarro.

Tyler trocou olhares com ela e fez-lhe um sorriso solidário.

Por vezes, Margaret também o desejava ardentemente.

Quando tiraram a comida da mesa e serviram o vinho do Porto, Tereza recostou-se.

— Castello di Giambelli este ano celebra o seu centenário, — começou ela. De imediato terminaram as conversas paralelas. — A Villa Giambelli produz vinho no Vale de Napa há sessenta e quatro anos. A MacMillan também o faz há noventa e dois. Tudo junto, dá duzentos e cinquenta e seis anos.

Perscrutava a mesa. — Cinco gerações de vinicultores e produtores de vinhos.

— Seis, *zia* Tereza. — Agitou-se Gina. — Os meus filhos dão-lhe a sexta.

— Pelo que tenho observado dos seus filhos, é mais provável que venham a ser assassinos em série do que vinicultores. Por favor, não interrompa.

Levantou o vinho do Porto, cheirando-o e bebendo lentamente. — Nessas cinco gerações, ganhámos reputação, em dois continentes, de produzir vinho de qualidade. O nome Giambelli é vinho. Estabelecemos tradições e aliámo-las a novos métodos, nova tecnologia, sem sacrificar o nome ou o seu significado. Nunca o sacrificaremos. Há vinte anos, realizámos uma parceria de interesses comerciais com outra boa produtora de vinhos. A MacMillan do Vale de Napa tem sido gerida lado a lado com a Giambelli, Califórnia. A parceria envelheceu bem. Está na altura de ser decantada.

Sentiu a tensão ao olhar para Tyler. Subiu na sua consideração, por se manter de boca fechada, e naquele instante encontrava o seu olhar. — São necessárias algumas mudanças, e para o bem de ambas. Os próximos cem anos começam hoje. Donato.

As atenções passaram para ele. — *Sí*, sim, — corrigiu, lembrando-se que ela preferia inglês à sua mesa californiana. — Sim, tia Tereza.

— As Giambelli, Itália e Califórnia, têm sido geridas em exclusividade entre si. Separadas. Isto vai deixar de se verificar. Todas vão depender do escritório sede da empresa recém-formada Giambelli MacMillan, com base de operações na Califórnia e Veneza.

— O que é que isto significa? O que é que significa? — Gina explodia em italiano, afastando-se da mesa num safanão. — O responsável é Donato. É o próximo na linha sucessória. Tem o nome da família. É o seu herdeiro.

— O meu herdeiro é quem eu disser.

— Demos-lhe as crianças. — Gina bateu com a mão na barriga e, contrariada, agitou o braço sobre a mesa. — Três crianças, e mais estão para vir. Mais ninguém na família lhe dá crianças, a não ser eu e o Donato. Quem é que vai dar continuidade ao nome quando morrer, se não forem os meus filhos?

— Está a vender a barriga? — Disse Tereza, neutra.

— É fértil. — Ela recuou, ao mesmo tempo que o marido tentava que ela se sentasse novamente. — Mais do que a sua, mais do que a da sua filha. Cada uma teve um bebé, e pronto. Eu posso ter uma dúzia.

— Que Deus nos acuda. Fica com a sua bela casa, Gina, e alguns trocos. Mas não será a dona do *castello*. Do meu *castello*, — acrescentou, friamente. — Aceite o que lhe for dado, ou arrisca-se a perder muito mais.

— Gina, *basta!* Já chega, — ordenou Don, ao que ela lhe deu uma palmada na mão.

— Está a ficar velha, — disse Gina, entre dentes. — Um dia vai morrer e eu não. Nessa altura, veremos. — Saiu da sala num ápice.

— *Zia Tereza, scusi*, — balbuciou Donato, interrompido por um gesto brusco.

— A tua mulher não te tem respeito nenhum, Donato, e o teu trabalho tem ficado muito aquém das minhas expectativas. Tens mais este ano para corrigir essas questões. Manténs o cargo actual na Giambelli até à próxima poda. Nessa altura, faremos uma reavaliação. Se ficar satisfeita, serás promovido com um salário e benefícios equivalentes. Se não ficar, ficas na empresa a fazer trabalho administrativo. Não quero afastar ninguém que seja do meu sangue, mas não terás a vida tão facilitada como até agora. Compreendido?

Subitamente, ele sentiu a gravata mais apertada, e o que acabara de comer ameaçava revolver-se no estômago. — Há dezoito anos que trabalho na Giambelli.

— Trabalhaste doze. Nos últimos seis, limitaste-te a manter as aparências, e até isso tem sido inconsistente. Pensas que não sei o que andas a fazer, ou em que é que passas o tempo? Pensas que não sei de que negócios vais tratar quando viajas para Paris, Roma, Nova Iorque e Califórnia às custas da Giambelli?

Esperou que o golpe assentasse e viu a fina camada de suor brilhar-lhe no rosto. Mais uma vez, ele conseguia desiludi-la. — A tua mulher é uma parva, Donato, mas eu não. Acautela-te.

— É bom rapaz, — disse Francesca, baixinho.

— Já foi, um dia. Talvez ainda venha a ser um bom homem. Margaret, perdoe as quezílias familiares. Somos temperamentais.

— Claro, *La Signora*.

— Se aceitar, vai supervisionar e coordenar os directores de vendas da Giambelli-MacMillan, Califórnia e Veneza. Da sua parte, vai exigir disponibilidade para muitas viagens e responsabilidade, com o devido aumento salarial. Vai ser precisa em Veneza daqui a cinco dias para estabelecer lá a sua base e familiarizar-se com a operação. Tem até amanhã para decidir se quer levar em conta esta proposta, e se assim for, podemos discutir os pormenores.

— Não preciso de tempo para decidir, obrigada. — Margaret mantinha a voz enérgica e neutra, o seu coração a bater como uma onda selvagem. — Ficarei muito contente em discutir os pormenores logo que queira. Agradeço-lhe a oportunidade. — Desviou o olhar para Eli, assentindo. — Agradeço a ambos a oportunidade.

— Muito bem. Amanhã, então. Paulie, já discutimos os nossos planos, e gostava de ter a sua opinião e discricção. Vai ajudar a coordenar a produção nos campos, nas herdades. Sabe quem são os melhores homens daqui, e da MacMillan. Será o nosso capataz.

— Por Paulie, nutro um imenso respeito. — A voz de Ty era calma, mesmo quando a irritação e frustração lhe pegavam com força pelo pescoço. — Pelas suas capacidade e instinto. Tenho uma imensa admiração pelo trabalho que foi feito aqui na *villa*, e por todas as pessoas envolvidas. O mesmo conta para o que sei da Giambelli, Veneza. Mas temos uma produção de alto nível, tal como as pessoas, na MacMillan. Não queria que essa produção ou essas pessoas fossem ensombradas pelas suas, *La Signora*. Está orgulhosa do que você e os seus conquistaram, do legado que herdou e fez questão de passar adiante. Eu também estou do meu.

— Ótimo. Agora ouça. E pense. — Gesticulou para Eli.

— Ty, eu e a Tereza não chegámos a esta decisão da noite para o dia, nem a tomamos de ânimo leve. Há muito tempo que discutimos esse assunto.

— Não têm a obrigação de me trazer para esta discussão, — declarou Ty.

— Não, — interrompeu Eli antes que piorasse o calor que via aflorar nos olhos do neto. — Não temos. Descobrimos, com Helen, como as legalidades e as formalidades podem e devem ser. Elaborámos uma estratégia para implementar esta verdadeira fusão para benefício de todos os envolvidos, não só por esta época, mas por todas as que vierem daqui a cem anos.

Inclinou-se para a frente. — Achas que desejo menos do que tu para a MacMillan? Que desejo menos para ti do que tu próprio desejas?

— Não sei o que querem. Achava que sim.

— Então, é melhor deixar tudo bem claro, aqui e agora. Ao fazer isto, vamos tornar-nos não só num dos maiores produtores de vinhos do mundo, mas também dos melhores do mundo. Vais continuar a supervisionar a MacMillan.

— Supervisionar?

— Com Paulie como capataz, e tu como operador, como produtor de vinho. Com algumas alterações.

— Já conheces os campos, Ty, — declarou Tereza. Ela compreendia o seu ressentimento. Dava-lhe uma certa satisfação. Aquela raiva temperamental e chocante queria dizer que ele se preocupava. E a preocupação não era pouca. — Conheces os vinhos e os cascos. Mas o que fazes, o que aprendes pára na garrafa. Está na altura de ires um pouco mais além. Há mais no vinho do que a uva. Eu e o Eli queremos que os nossos netos sejam multifacetados.

— Netos? — Interrompeu Sophia.

— Quando foi a última vez que trabalhaste nos campos? — Indagou Tereza. — Quando foi a última vez que provaste vinho que não vinha numa linda garrafa tirada de um armário ou de um balde de gelo? Esqueceste as tuas raízes, Sophia.

— Não me esqueci de nada, — ripostou Sophia. — Não sou vinicul-tora. Sou publicista.

— Vais ser vinicul-tora. E tu, — disse ela, apontando para Ty, — vais aprender a vender, comercializar e expedir. Vão ensinar-se um ao outro.

— Oh, a sério, *nonna*...

— Sossegada. Tens de ouvir. Pilar, a Sophia não vai ter tanto tempo para dedicar às suas obrigações de sempre. Trata de preencher essa lacuna.

— Mamã. — Pilar teve de se rir. — Não percebo nada de comercia-lização e promoção.

— Tens boa massa cinzenta. Está na altura de voltares a dar-lhe uso. Para termos êxito, precisamos da família toda. — Tereza desviou o olhar para Tony. — E de outros. Vais ficar nas vendas e, por agora, vais manter o cargo e os privilégios adquiridos. Mas vais prestar contas, tal como Donato e todos os directores e gestores de departamento, à directora-geral. A partir de agora, mantemos apenas uma relação profissional. Não apareças outra vez na minha casa ou na minha mesa sem seres convidado.

Era um contratempo. O seu cargo era uma coisa. O salário e os bene-fícios a longo prazo, outra. Ela tinha o poder de o deixar sem nada. Utilizou o único escudo que tinha. — Sou pai de Sophia.

— Sei bem o que és.

— Peço desculpa, *signora*. — Rene falava com uma polidez meticu-losa, enfatizada pelo tom de aço. — Posso falar?

— Convidada ou não, está alojada debaixo do meu tecto. O que é que pretende dizer?

— Sei que a minha presença não é particularmente bem-vinda. — O tom de voz nunca variava, os olhos sempre fixos nos de Tereza. — E que o meu relacionamento com Tony não conta com a sua aprovação. Mas ele é, e tem sido, uma mais-valia para a sua empresa. Tal como eu tenciono ser para ele, o que só a pode beneficiar.

— Isso, ainda veremos. Com a sua licença. — Perscrutou a mesa. — Eu, Helen e Eli temos de falar com a Sophia e o Tyler. O café vai ser servido na salinha. Façam o favor.

— A uma palavra sua, — começou Sophia, tremendo de fúria en-quanto os restantes saíam da sala, — todos obedecem. Será que já se ha-bituou a isso de tal forma, *nonna*, que acha que pode mudar vidas dessa forma?

— Todos têm escolha.

— Onde está essa escolha? — Não conseguindo ficar sentada, levan-tou-se da cadeira. — Donato? Ele nunca fez nada fora da empresa. A vida dele está absorvida por isto. Tyler? Dedicou todo o seu tempo e energia à MacMillan, desde que era criança.

— Posso falar por mim.

— Oh, cala-te. — Contornou-o. — Se disseres cinco palavras sucessivas, és capaz de dar um nó na língua. E eu tenho que te ensinar a comercializar o vinho.

Ele levantou-se e, para choque dela, agarrou-lhe nas mãos, puxando-a para a frente assim que lhe virou as palmas das mãos para cima. — Parecem pétalas de rosa. Cuidadas e macias. Eu tenho de te ensinar a trabalhar?

— Trabalho tanto como tu. Lá porque não passo os dias suada e de um lado para o outro com botas enlameadas, não quer dizer que não dê o meu melhor.

— Vocês dois já estão a começar bem. — Eli suspirou e serviu mais porto. — Se querem discutir, força. Vai fazer-vos bem. O problema é que nenhum de vocês nunca teve de fazer nada que vos assentasse os pés no chão. Talvez falhem, talvez caiam ambos redondos em cima do traseiro a tentar fazer outra coisa. Algo mais.

Sophia espetou o queixo para cima. — Eu não falho.

— Tens uma colheita para o provar. Querem saber o que vão ganhar com tudo isto? Helen?

— Bom, até aqui tem sido divertido. — Helen ergueu a pasta e pôs-a em cima da mesa. — Jantar e um espectáculo, a um preço muito baixo. — Tirou alguns documentos e voltou a pousar a pasta no chão. Ajustou os óculos. — Tendo em vista a brevidade e a compreensão, vou manter este assunto simples e em termos leigos. Eli e Tereza vão fundir as respectivas empresas, uniformizá-las, o que vai cortar nalguns custos e incorrer noutros. Acredito tratar-se de uma decisão empresarial muito acertada. Cada um de vocês terá tarefas e responsabilidades variadas, que serão expressas nos contratos que tenho aqui. O termo do contrato é de um ano. Se no final desse ano os vossos desempenhos forem inaceitáveis, serão recolocados num cargo inferior. Esses termos são negociáveis nessa altura e nessa eventualidade.

Ao falar, retirou os dois contratos de um molho espesso das pastas. — Ty vai permanecer na residência da MacMillan, a casa e o recheio vão continuar à sua disposição. Sophia, será necessário que se mude para aqui. O seu apartamento em São Francisco será mantido pela Giambelli ao longo deste ano, para o usar sempre que seja necessário fazer negócios na cidade. Ty, quando precisar de tratar de negócios lá, ser-lhe-á facultado alojamento. Claro que as viagens para outros destinos por conta da empresa serão disponibilizadas e pagas pela empresa. O *castello* em Itália fica disponível para qualquer um de vocês, quer viajem em negócios, a prazer ou uma combinação de ambos.

Ela ergueu o olhar e sorriu. — Até agora, não está nada mal, certo?

Agora, a cenoura. Sophia, se, até ao final deste contrato anual, o seu desempenho for aceitável, vai receber vinte por cento da empresa, metade da propriedade do *castello* e o título de co-presidente. Reciprocamente, Tyler, se o seu desempenho for aceitável, vai receber também vinte por cento, a totalidade da casa onde reside actualmente e o título de co-presidente. A ambos serão oferecidos quatro hectares de vinhas para desenvolverem a vossa própria marca, se assim o pretenderem, ou o valor de mercado equivalente, se o preferirem.

Fez uma pausa e acrescentou o remate final. — Pilar também recebe vinte por cento, se concordar com os termos do seu contrato. Desta forma, todos terão partes iguais. No caso da morte de Eli ou Tereza, as suas partes respectivas passam de cônjuge para cônjuge. Nesse dia infeliz, quando um deles deixar de estar entre nós, a sua parte de quarenta por cento será partilhada da seguinte forma: quinze por cento para cada um de vós e dez por cento para Pilar. O que, a seu tempo, dará a cada um trinta por cento de uma das maiores empresas de vinhos do mundo. A única coisa que têm de fazer para o merecer é aderir às estipulações do contrato durante este ano.

Sophia esperou até ter a certeza de conseguir falar e manteve as mãos pousadas no colo, enlaçadas com força. Estavam a oferecer-lhe mais do que alguma vez imaginara ou podia pedir. E ao mesmo tempo era como se a esbofeteassem como uma criança. — Quem é que decide a aceitabilidade dos desempenhos?

— No bom interesse do sentido de justiça, — disse Tereza, — vão avaliar-se mutuamente num carácter mensal. Eu e Eli também daremos avaliações de rendimento, que serão acrescentadas às avaliações feitas pelo director-geral.

— Afinal, quem é o director-geral? — Indagou Tyler.

— Chama-se David Cutter. Recém-chegado da *La Coeur*, sediada em Nova Iorque. Vem cá ter amanhã. — Tereza levantou-se. — Vamos deixá-los ler os contratos, para os discutirem e pensarem. — Deixou um sorriso quente. — Helen? Café?

Rene recusava-se a ceder. Havia algo que aprendera na sua carreira como modelo, durante a sua breve experiência como actriz e na sua longa demanda pela ascensão social. A única direcção certa a tomar era para cima.

Até tolerava os insultos da velha, a ansiedade da mulher abandonada e os olhares assassinos da filha, desde que isso significasse vitória.

Desprezá-los não a impedia de os tolerar, enquanto fosse necessário.

Tinha no dedo o diamante, que escolhera pessoalmente, e contava com uma aliança de casamento para breve. Tony era o seu bilhete de entra-

da no mundo dos estupidamente ricos, e até gostava dele com uma certa sinceridade. Quase tanto como da ideia da fortuna Giambelli.

La assegurar-se de que ele faria tudo o que fosse necessário no próximo ano para solidificar a sua posição na Giambelli, e acalentava fazê-lo como sua esposa.

— Conta-lhe agora, — ordenava ela, pegando no café.

— Rene, querida. — Tony rodava os ombros. Já conseguia sentir o peso dos grilhões. — Não é uma altura muito propícia.

— Tiveste sete anos para lidar com isto, Tony. Trata do assunto, agora. — Lançou um olhar pungente na direcção de Pilar. — Senão, trato eu.

— Está bem, está bem. — Deu-lhe uma palmadinha na mão. Ele preferia o mau ao péssimo. Com um sorriso prazenteiro no rosto, levantou-se e atravessou a sala até onde Pilar se encontrava sentada, a tentar acalmar Francesca, algo ansiosa e obviamente confusa.

— Pilar, posso falar contigo? Em particular?

Dezenas de desculpas passaram-lhe pela cabeça. Na ausência da sua mãe, ela era a anfitriã. A sala estava cheia de convidados. A tia precisava de atenção. La pedir mais café.

Mas eram apenas isso, desculpas, que não iam fazer mais do que adiar o que era preciso enfrentar.

— Claro. — Murmurou algumas palavras de conforto em italiano à tia, e depois virou-se para Tony.

— Queres ir para a biblioteca? — Pelo menos, pensava Pilar, ele não trouxera Rene. Mesmo ao passarem, Rene lançou-lhe um olhar duro e luminoso, como a pedra que tinha no dedo.

Um olhar de vitória, pensou Pilar. Como era ridícula. Não havia nenhuma competição a ganhar, e nada a perder.

— Lamento que a mamã tenha decidido fazer este anúncio e abrir esta discussão, com tanta gente reunida, — começou Pilar. — Se ela me tivesse dito antes, acho que a teria convencido a falar contigo em privado.

— Não importa. O que ela sente por mim é bastante óbvio. — Como raramente sentia na pele algum tipo de animosidade, há muitos anos que esquecera aqueles sentimentos. — Profissionalmente, bom, devia esperar melhor. Mas haveremos de resolver tudo. — Resolver os problemas era algo a que se dedicava em segundo plano. Ignorá-los costumava ser o seu ponto forte.

Entrou na sala, sentou-se numa das fundas poltronas de pele. Outra, chegara a pensar que ia viver naquela casa, ou pelo menos manter ali alguma regularidade. Felizmente, da forma como tudo veio a acontecer, preferia a cidade. A única coisa para se fazer em Napa era ver as uvas a crescer.

— Bom, Pilar. — O seu sorriso era fácil, charmoso como sempre. — Como estás?

— Como é que estou, Tony? — Uma gargalhada histérica queria soltar-se da garganta. Mas reprimiu-a. Era um dos seus pontos mais fortes. — Bem. E tu?

— Estou bem. Atarefado, é claro. Diz-me, o que é que estás a pensar fazer com a sugestão de *La Signora*, de teres uma parte mais activa na empresa?

— Não foi uma sugestão, e não sei o que vou fazer quanto a isso. — A mera ideia ainda zumbia na sua cabeça como um ninho de abelhas. — Ainda não tive tempo para pensar nisso.

— Tenho a certeza de que te vais sair bem. — Inclinou-se para a frente, com traços de sinceridade no rosto.

Isso, pensava ela, com um raro acesso de amargura, era parte da sua destreza e astúcia. Fingir que se importava. Aquele ímpeto de interesse.

— És uma mulher adorável, e decerto uma mais-valia para a empresa, a qualquer nível. Vai ser bom para ti saíres mais, estares ocupada. Até podes descobrir que tens talento. Uma carreira pode ser precisamente do que estás a precisar.

Ela quisera uma família. Marido, filhos. Nunca uma carreira. — Estamos aqui a falar das minhas necessidades, Tony, ou das tuas?

— Não são exclusivas umas das outras. A sério que não. Pilar, acho que devíamos encarar esta nova direcção que a Tereza nos apresentou como uma oportunidade para ambos começarmos de novo.

Pegou na mão dela com a facilidade que sempre revelava com as mulheres, guardando-a de forma protectora e provocadora na dele. — Talvez precisemos deste empurrão. Percebo que a ideia do divórcio tem sido difícil para ti.

— Percebes?

— Claro. — Ela não ia facilitar as coisas, pensou ele. *Que seca*. — Na verdade, Pilar, temos levado vidas separadas há já alguns anos.

Devagar, e de forma deliberada, ela puxou a mão que ele agarrara. — Estás a falar das vidas que levamos desde que te mudaste para São Francisco, ou das vidas que levamos ao continuarmos a manter as aparências de um casamento?

Não ia facilitar em nada, pensou. E suspirou. — Pilar, o nosso casamento falhou. Não é muito construtivo desenterrar as razões, as culpas, os motivos depois de tanto tempo.

— Não me parece que tenhamos chegado a *enterrar*, Tony. Mas talvez já tenha passado a altura em que fazê-lo traria alguma diferença.

— A realidade é que pelo facto de não terminar com tudo legalmente, fui injusto contigo. É evidente que não conseguiste começar uma nova vida.

— O que nunca foi problema para ti, não é? — Ela levantou-se e avançou para fitar a lareira. Porque é que lutava contra aquilo? O que é que importava? — Pelo menos, sejamos honestos. Vieste hoje aqui pedir-me o divórcio, o que não tem nada a ver com as decisões da minha mãe. Decisões de que nada sabias quando puseste aquele anel no dedo da Rene.

— Mesmo assim, é uma idiotice fingirmos que isto não acabou há muito tempo. Adiei o divórcio por ti, Pilar. — Ao dizê-lo, até acreditava. Acreditava de tal forma que o seu tom de voz adquiriu contornos sinceros. — Tal como to peço agora, para teu bem. Está na hora de seguires em frente.

— Não, — murmurou ela. Não se virara, ainda não, para o encarar de frente. De certa forma, quando olhava para ele, para aqueles olhos calmos e sinceros, acabava por acreditar na mentira. — Nem sequer conseguimos ser honestos. Se queres o divórcio, não te vou impedir. De qualquer forma, duvido que conseguisse fazê-lo. Ela não vai ser de trato tão fácil quanto eu, — acrescentou, virando-se novamente. — Talvez isso seja bom para ti. Talvez ela seja a mulher certa para ti. Eu, decerto que não fui.

A única coisa que ele ouviu foi que ia obter o que queria sem problemas. — Eu trato dos pormenores. Discretamente, é claro. Passado todo este tempo, a imprensa já não vai querer saber. Na verdade, vai ser só assinar uns papéis. E acho que só os nossos amigos mais íntimos é que sabem que ainda não estamos divorciados.

Ao ver que ela não dizia nada, ele levantou-se. — Assim que pusermos isto para trás das costas, vamos todos ser mais felizes. Vais ver. Entretanto, acho que devias falar com a Sophia. Vai ser melhor se souber por ti, de mulher para mulher. Não tenho dúvidas que, assim que ela perceber que estás de acordo, vai ser mais simpática com Rene.

— Será que subestimas toda a gente, Tony?

Ele estendeu as mãos. — Apenas sinto que vamos todos ficar mais confortáveis se mantivermos tudo amigável. Rene vai ser minha mulher, e como tal, vai fazer parte da minha vida profissional e social. Vamos encontrar-nos de vez em quando. Espero que a Sophia seja cordial.

— Eu esperava que me fosses fiel. Todos vivemos com as nossas desilusões. Tiveste o que pediste, Tony. Sugiro que pegues na Rene e te vás embora, antes que a mamã termine de beber o porto. Acho que já tivemos situações bastante inconvenientes aqui em casa para um só dia.

— Concordo. — Começou a dirigir-se para a porta, mas hesitou. — Desejo-te o melhor, Pilar.

— Sim, acredito em ti. Por alguma razão, desejo-te o mesmo. Adeus, Tony.

Quando ele fechou as portas atrás de si, ela avançou devagar até uma poltrona e sentou-se lentamente, como se os ossos se pudessem estilhaçar com um movimento mais brusco.

Lembrou-se de como era ter dezoito anos e estar loucamente apaixonada, cheia de planos, sonhos e encanto.

Lembrou-se de como era ter vinte e três e ser trespassada no coração pelo punhal da traição e da verdadeira perda da inocência. E trinta, lutando por apanhar os cacos de um casamento em desintegração, para criar uma filha e manter um marido demasiado negligente para fingir que a amava.

Lembrou-se de como era ter quarenta anos e resignar-se à perda, vazia de sonhos, de planos, com a escuridão intensa e sombria.

Agora, pensava ela, sabia o que era ter quarenta e oito, estar sozinha, sem quaisquer ilusões. Substituída, legalmente, pelo modelo novo e melhorado, tal como havia sido substituída tantas vezes, de forma dissimulada.

Ergueu a mão, deslizando a aliança de casamento até ao nó do dedo. Há trinta anos que usava aquela aliança simples. Agora estavam a dizer-lhe que se visse livre dela, e das promessas que fizera perante Deus, a família, os amigos.

As lágrimas queimavam-lhe os olhos, ao fazer a aliança deslizar pelo dedo. Afinal de contas, pensava, não passava de um anel oco. O símbolo perfeito do seu casamento.

Nunca havia sido amada. Pilar deixou a cabeça cair para trás. Como era baixo e triste, ficar ali sentada a aceitar, admitir aquilo que se recusara a aceitar e a admitir há tanto tempo. Homem algum, nem mesmo o seu marido, a chegara a amar.

Assim que as portas se abriram, fechou os dedos à volta da aliança e ordenou às lágrimas que esperassem.

— Pilar. — Helen lançou um olhar. Cerrou os lábios com força. — Ok, vamos esquecer a secção do café do espectáculo de hoje.

À vontade, dirigiu-se a um armário pintado, abriu-o e escolheu um decantador de *brandy*. Serviu dois copos e foi sentar-se no banco diante da poltrona de Pilar.

— Bebe, querida. Estás pálida.

Sem dizer nada, Pilar abriu a mão. A aliança brilhou uma vez à luz da lareira.

— Sim, imaginei isso, quando percebi que a vadia não parava de exibir o pedregulho no dedo. Merecem-se um ao outro. Ele nunca te mereceu.

— Estúpida, estúpida por ficar abalada desta forma. Há anos que não estamos casados, não no verdadeiro sentido da palavra. Mas são trinta anos, Helen. — Mostrou a aliança e, ao olhar através da circunferência vazia, viu a

sua vida. Estreita e encapsulada. — Bolas, são trinta anos. Ela ainda andava de fraldas quando conheci o Tony.

— Essa até dói. Pronto, ela é mais nova e tem mamas maiores. — Helen encolheu os ombros. — Sabe Deus que só esses motivos são suficientes para a odiar como o raio. Estou contigo, tal como o resto do pessoal. Mas pensa nisto. Se ela ficar com ele, quando chegar à tua idade, vai andar a dar-lhe papinha de bebé e a mudar as fraldas *dele*.

Pilar soltou uma gargalhada sonora. — Odeio o estado a que cheguei, e não sei como partir para outro sítio qualquer. Nem sequer reagi, Helen.

— Então, não és uma guerreira. — Helen levantou-se para se sentar no braço da poltrona, passando o braço sobre o ombro de Pilar. — És uma mulher linda, inteligente e generosa que se meteu num mau negócio. E raios me partam, querida, se esta porta que finalmente se fecha não é o melhor para ti.

— Céus, agora pareces o Tony.

— Não é preciso insultares-me. Além disso, ele não falava a sério, mas eu sim.

— Talvez, talvez. Agora não consigo ver tudo com clareza. Não consigo prever a próxima hora, quanto mais daqui a um ano. Céus, nem sequer o obriguei a pagar por tudo. Nem tive coragem para o obrigar a pagar.

— Não te preocupes, que ela trata disso. — Helen debruçou-se e beijou o alto da cabeça de Pilar. Nenhum homem como Tony devia passar pela vida sem pagar, pensava.

— E se o quiseres queimar um bocadinho, ajudo-te a elaborar um acordo de divórcio que o vai deixar com cicatrizes permanentes e um testículo mirrado.

Pilar esboçou um sorriso tímido. Podia sempre contar com Helen. — Por mais engraçado que possa parecer, ia só arrastar mais o problema e dificultar as coisas para Sophie. Helen, que raio hei-de fazer com a nova vida que me largaram no colo?

— Haveremos de pensar nalguma coisa.

Sophia também andara a pensar bastante. Já estava a ficar com dor de cabeça de ler as páginas do contrato. Apanhara o principal, até assimilara os aspectos legais. E o principal era que *La Signora* mantinha o controlo como sempre. No decurso do ano seguinte, Sophia teria de provar o seu valor, algo que pensava já ter feito. Se assim fosse, para grande satisfação da avó, algum do muito desejado controlo passaria para as mãos dela.

Bom, era o que ela queria. Não percebia muito bem a forma como o ia conquistar. Mas percebia o raciocínio.

A parte mais difícil estava em conseguir vislumbrar o raciocínio da avó. Talvez porque, afinal de contas, ambas pensavam de forma muito parecida.

Não se interessara muito nem a fundo pela produção de vinho. Amar as vinhas pela sua beleza, conhecer o básico não era o mesmo que investir tempo, emoções e esforço nelas. E se um dia ia ficar no lugar da avó, tinha de o fazer.

Talvez preferisse as salas de reuniões aos tanques de fermentação, mas...

Desviou o olhar para Tyler, que franzia o sobrolho para o próprio contrato.

Este preferia os tanques às salas de reuniões. Decerto fariam um bom par empresarial, ou em contraste um com o outro, imaginava ela. E ele tinha tanto em jogo como ela.

Sim, *La Signora* fora, mais uma vez, brilhante, tanto quanto implacável. Agora que o seu mau génio se desvanecera para dar espaço ao puro senso comum, conseguia ver não só que podia funcionar, mas também que iria.

A não ser que Ty empatasse tudo.

— Não gostas, — disse ela.

— Que raio é que há aqui para gostar? Foi uma maldita emboscada.

— Concordo. É o estilo da *nonna*. As tropas alinham-se mais depressa e de forma mais organizada, quando lhes das ordens segundos antes da batalha. Se lhes deres tempo de mais para pensar, são capazes de desertar das trincheiras. Estás a pensar em desertar das trincheiras, Ty?

Ele ergueu o olhar perdido, e viu o gelo nos seus olhos. Duros e frios. — Há oito anos que dirijo a MacMillan. Não a vou abandonar.

Não, ele não ia ceder. — Ok, vamos começar daí mesmo. Queres o que queres, eu quero o que quero. Como é que o vamos obter? — Ela levantou-se de um empurrão, para começar a caminhar. — É mais fácil para ti.

— Porquê?

— No fundo, eu tenho de abdicar do meu apartamento e mudar-me aqui para casa. Tu ficas onde sempre estiveste. Eu tenho de fazer um curso intensivo de produção de vinhos, e a ti basta socializar e ir a umas reuniões de vez em quando.

— Achas que é mais fácil? Socializar envolve pessoas. Não gosto de pessoas. E enquanto estiver nas reuniões sobre coisas para as quais estou a borrar, um tipo qualquer que nem conheço vai andar a olhar por cima do meu ombro.

— Do meu também — ripostou ela. — Afinal, quem é esse David Cutter?

— Um executivo, — disse Ty, contrariado.

— Não deve ser só isso, — murmurou Sophia. Se acreditasse, não teria ficado preocupada. Sabia como lidar com executivos. — Só temos que descobrir o que mais ele é. — Era algo que podia tentar deslindar dentro em breve, e com alguma minúcia. — E vamos ter de encontrar uma forma de trabalhar com ele, e nós os dois juntos. A última parte não deve ser muito difícil. Há anos que nos conhecemos.

Ela movia-se depressa onde ele também escolhera caminhar. Raios o partissem se não a conseguia acompanhar. — Não, não nos conhecemos. Eu não te conheço a ti, nem o que fazes ou porque o fazes.

Ela pousou as palmas das mãos sobre a mesa e inclinou-se para a frente. O seu rosto magnífico ficou mais perto do dele. — Sophia Tereza Maria Giambelli. Comercializo vinho. E faço-o porque sou boa. Dentro de um ano, vou ficar com vinte por cento de uma das maiores, mais bem sucedidas e importantes empresas de vinhos do mundo.

Ele levantou-se devagar, imitando a pose dela. — Tens de ser boa, mas isso não chega. Vais ter de sujar as mãos, as botas de marca vão ficar cheias de lama e vais estragar essa bela manicura.

— Achas que não sei como se trabalha, MacMillan?

— Acho que sabes sentar-te à secretária ou viajar de avião em executiva. Esse teu traseiro superior vai ver a vida menos agradável no próximo ano. Giambelli.

Ela viu a tonalidade vermelha que lhe toldava a visão, um claro aviso de que o mau génio começava a levar a melhor e de que estava prestes a fazer alguma idiotice. — Apostamos. Cinco mil dólares, em como sou melhor produtora de vinho do que tu és executivo, até ao final da época.

— Quem é que decide?

— Alguém neutro. David Cutter.

— Combinado. — Estendeu o braço e agarrou-lhe a mão esguia na sua enorme e dura. — Vai comprar umas roupas e botas de trabalho, em vez do último grito da moda. Espero que estejas pronta para começar a primeira aula amanhã, às sete da manhã.

— Ótimo. — Cerrou os dentes. — Ao meio-dia terminamos, e vamos até à cidade para a tua primeira aula. Podes tirar uma hora para comprar fatos decentes que tenham sido desenhados na última década.

— Tens de te mudar para cá. Porque é que temos de ir à cidade?

— Porque preciso de uma quantidade de coisas do meu escritório, e tu precisas de te familiarizar com a rotina de lá. Também preciso de trazer umas coisas do meu apartamento. Tens as costas largas e o teu traseiro

também não é nada mau, — acrescentou, sorrindo com leveza. — Podes ajudar-me na mudança.

— Tenho que dizer uma coisa.

— Vamos lá ver. Deixa-me preparar-me.

— Não gosto da tua boca. Nunca gostei. — Enfiou as mãos nos bolsos porque quando ela mostrava aquele sorriso trocista, tal como fazia agora, tinha uma imensa vontade de lhe dar com uma delas. — Mas não tenho nada contra ti.

— Oh, Ty. Isso é tão... comovente.

— Olha, vê se te calas. — Passou a mão pelo cabelo e voltou a enfiá-la no bolso. — Fazes o que fazes só porque és boa. Eu faço o que faço porque adoro. É a única coisa que sempre quis fazer. Não tenho nada contra ti, Sophia, mas se tiver a impressão de que vais pôr em causa as minhas vinhas, dou cabo de ti.

Intrigada e desafiada, estudava-o de um novo ângulo. Quem diria que o rapaz da porta ao lado pudesse ser implacável? — Está bem, estou avisada. O mesmo conta para ti, Ty. Não importa o que tenha de fazer, vou sempre proteger o que é meu.

Soltando um suspiro, desceu o olhar para os contratos, voltando a erguê-lo para o dele. — Acho que estamos na mesma página.

— É o que parece.

— Tens uma caneta?

— Não.

Avançou até uma cómoda e encontrou duas numa gaveta. Ofereceu-lhe uma e folheou o contrato até à página da assinatura. — Acho que podemos ser testemunhas um do outro. — Respirou fundo, retendo o ar nos pulmões. — Contamos até três?

— Um, dois. Três.

Em silêncio, assinaram, passando os contratos de um lado para o outro, testemunhando.

Como tinha o estômago às voltas, Sophia encheu os copos e esperou que Tyler erguesse o dele. — À nova geração, — disse ela.

— A uma boa colheita.

— Sem uma não teremos a outra. — Com os olhos fixos nele, brindou. — *Salute*.

4.

A chuva era fina como agulhas, forte e fria, um aguaceiro miserável que trespassava os ossos e a alma. Transformava a fina capa de neve

numa mera poça de lama e a luz da aurora num vislumbre soturno de céu.

Era uma daquelas manhãs em que uma pessoa razoável se deixava ficar aninhada na cama. Ou em que, pelo menos, se permitia uma segunda chávena de café.

Tyler MacMillan, descobriu Sophia, não era uma pessoa razoável.

O telefone acordou-a e fê-la deslizar a mão, relutante, para fora dos cobertores, agarrando o auscultador para o arrastar para o quentinho, junto dela. — O que foi?

— Estás atrasada.

— Huh? Não estou nada. Ainda é de noite.

— Não é de noite, está a chover. Levanta-te, veste-te e vem aqui ter. Agora estás por minha conta.

— Mas... — O sinal sonoro do telefone desligado fê-la franzir o sobrolho. — Patife, — murmurou, mas não conseguia reunir energia suficiente para levar a dela avante.

Ficou quieta, a ouvir a saraivada de chuva nas janelas. Era como se as gotas trouxessem gelo nas extremidades. E não devia ser agradável?

Bocejando, atirou os cobertores para trás e levantou-se da cama. Podia estar por conta dele agora, pensava, mas não tardava muito e ele estaria por sua conta.

A chuva escorria da pala do boné de Ty e, ocasionalmente, escorregava por dentro do colarinho e descia pelas costas abaixo. Ainda assim, não tinha força suficiente para interromper o trabalho.

E um Inverno chuvoso era uma bênção. Um Inverno frio e molhado era o primeiro passo crucial para obter um *vintage* raro.

Ia controlar o que pudesse — o trabalho, as decisões, as precauções e as jogadas. E ia rezar para que a natureza alinhasse com a equipa.

A equipa, pensava, enfiando os polegares nos bolsos e observando Sophia a atravessar a lama com as botas de quinhentos dólares, que tinha agora uma nova aquisição.

— Disse-te para trazeres roupa de trabalho.

Ele estudava o casaco de cabedal lustroso, as calças feitas à medida, as botas italianas cheias de estilo. — Bom, quando acabar, já é.

— Fiquei com a impressão de que a chuva adiava a poda.

— Não está a chover.

— Oh? — Sophia estendeu a mão, a palma voltada para cima, e deixou que a chuva batesse. — Que estranho, sempre defini uma substância molhada que cai do céu como chuva.

— Está a choviscar. Onde está o teu chapéu?

— Não trouxe nenhum.

— Jesus. — Irritado, tirou o seu boné e enfiou-lho na cabeça. Nem o seu ar molhado nem a exaustão agreste lhe retiravam o sentido de estilo. Ele imaginava que fazia parte da sua estrutura, como os ossos.

— Existem duas razões principais para a poda, — começou ele.

— Ty, eu sei que existem razões para a poda.

— Ótimo. Explica-me.

— Para dar força à videira, — disse ela entre dentes. — E já que vamos ter uma prova oral, porque é que não o fazemos lá dentro, onde está quente e seco?

— Porque as videiras estão cá fora. — E porque, pensava ele, ali era ele o dono do espectáculo. — Podamos para dar força às videiras, e assim facilitar a sua forma para um cultivo e colheita mais fáceis, e também para controlar as doenças.

— Ty...

— Calada. Muitas herdades usam técnicas de enxertia, em vez da poda manual. Aqui, sabendo que a vinicultura é uma experiência interminável, utilizamos ambas. Enxertia vertical, o suporte em T da Genebra e outros tipos. Mas ainda usamos o tradicional método de poda manual. O segundo objectivo é distribuir a madeira de suporte pela vinha para aumentar a produção, e assim aliarmos a sua consistência à capacidade de produzir frutificação de alta qualidade.

Quando ele lhe pediu que se calasse, fê-lo como um pai paciente faria a uma criança pequena e irritável. Ela imaginava que ele sabia disso e pestanejou. — Vai haver um questionário depois, professor?

— Só podas as minhas vinhas, ou aprendes a enxertia quando souberes porque é que o fazes.

— Podamos e aplicamos enxertia para fazer crescer as uvas. Fazemos crescer as uvas para produzir vinho.

Movimentava as mãos ao falar. Era como um bailado, sempre o vira assim. Gracioso e pleno de significado.

— E, — prosseguia ela, — depois vendo o vinho através de técnicas de promoção e comercialização inteligentes e inovadoras. E que, deixa-me que te lembre, são tão essenciais para esta herdade como a tua tesoura de poda.

— Fantástico, mas estamos no terreno, e não no teu escritório. Aqui, não levas a cabo acção nenhuma sem teres plena noção das causas e das consequências.

— Sempre encarei a questão mais como estar ciente das circunstâncias. É um jogo, — declarou ela, gesticulando amplamente. — Um jogo de parada elevada, mas não deixa de ser um jogo.

— Tu jogas por diversão.

Agora ela sorria, e logo ele se lembrou da avó dela. — Não da forma que eu jogo, querido. Estas são vinhas mais antigas. — Estudava os sopés alinhados que os rodeavam. A chuva impregnava o ar de humidade, destacando os vislumbres de cor avermelhada, do tom de um bom *Cabernet* envelhecido. — Trata-se, então, de podar à cabeça.

— Porquê?

Ela ajustou a pala do boné. — Porque sim.

— Porque, — prosseguiu ele, retirando os enxertos do estojo que trazia preso ao cinto, — queremos os esporões de suporte distribuídos de forma igual pela cabeça da videira.

Ele fê-la girar, batendo-lhe com a ferramenta nas mãos. Empurrou uma pernada da videira para o lado, expondo outra, e guiou as mãos dela para lá, executando com ela o corte. — Queremos o centro, o topo e a esquerda abertos. Precisa de luz para apanhar sol suficiente.

— E que tal a poda mecânica?

— Também a fazemos. Mas tu não. — Virou-a para a pernada seguinte. Cheirava a mulher, concluiu ele. Um contraste exótico com o perfume simples da chuva e da terra molhada.

Por que raio é que ela tinha de se perfumar toda para trabalhar nos campos? Quase que lhe fez essa pergunta, mas percebendo que não ia gostar ou compreender as suas razões, acabou por esquecer.

— Trabalha-se à mão, — disse-lhe ele, e fez os possíveis por não inalar o seu perfume. — Pernada por pernada. Planta por planta. Fila por fila.

Ela perscrutava as filas intermináveis, as vinhas a perder de vista que eram cuidadas pelos trabalhadores, ou à espera da sua vez. Ela sabia que a poda era feita durante Janeiro, até Fevereiro. Imaginava-se aborrecida de morte com o processo muito antes do Natal.

— Paramos ao meio-dia, — lembrou ela.

— À uma. Atrasaste-te.

— Não muito. — Virou a cabeça e inclinou o corpo na direcção dele. Encontrava-se debruçado sobre ela, os braços à sua volta para que as mãos cobrissem as dela, sobre a pernada e a tesoura. O movimento ligeiro não foi premeditado. Mas forte.

Os seus olhos encontraram-se, os dele irritados, os dela, duvidosos. Sentiu o seu corpo tenso, e o tremor da resposta no seu. A pulsação levemente acelerada, uma espécie de aroma instintivo no ar, e o conseqüente agitar das entranhas.

— Bom, bom, — disse ela, ronronando, para deixar o olhar deslizar para a boca dele, subindo de novo. — Quem haveria de pensar.

— Pára com isso. — Ele endireitou-se, recuou um passo como um homem faria, dando por si à beira de um imenso precipício. Mas ela limitou-se a continuar a virar-se até os seus corpos se tocarem de novo. Um segundo passo atrás faria dele um covarde. Ou parvo.

— Não te preocupes, MacMillan, não fazes o meu género. — Grande, rude, básico. — Normalmente.

— Também não fazes o meu. — Acutilante, fugidio, perigoso. — Nunca farás.

Se a conhecesse melhor, teria percebido que uma afirmação daquelas não era um insulto. Era antes um desafio. O seu interesse plácido e puramente básico ascendia mais um nível. — A sério? E gostas de quê?

— Não gosto de mulheres arrogantes, agressivas com a mania que são finas.

Ela revelou um sorriso forçado. — Vais gostar. — Voltou-se de novo para as videiras. — Acabamos ao meio-dia e meia. — De novo, olhava para ele por cima do ombro. — Meio-termo. Vamos ter de entrar nessa onda, para chegarmos ao fim da estação.

— Meio-dia e meia. — Tirou as luvas e entregou-lhas. — Calça isto. Vais ficar com essas mãozinhas de menina da cidade cheias de bolhas.

— Obrigada. São muito grandes.

— Servem bem. Amanhã traz umas tuas e também um chapéu. Não, aí não, — disse ele, ao ver que começava a cortar outra pernada.

Voltou a mover-se atrás dela, pousando as mãos sobre as dela e segurando a tesoura no ângulo certo.

E não viu o sorriso dela, lento e satisfeito.

Apesar das luvas, ficou com bolhas. Eram mais irritantes do que dolorosas, pensava, ao mudar de roupa a correr para passar a tarde na cidade. Impeccavelmente vestida, agarrou na pasta e encenou uma despedida, ao sair porta fora. Durante o curto percurso de carro até MacMillan, mentalmente, reviu as suas necessidades e obrigações para o resto do dia. Teria de condensar muita coisa em tão curto espaço de tempo.

Apareceu na porta de entrada da casa ampla, feita de cedro e xisto, dando dois breves toques na campainha. Ele não a fez esperar, o que lhe agradou. E também reparou que mudara de roupa, o que já contava para alguma coisa. Apesar de considerar que a camisa de ganga e os jeans esgaçados e confortáveis não eram bem o seu conceito de roupa casual de escritório, decidiu ocupar-se da indumentária dele mais tarde.

Ela abriu a porta do BMW descapotável dela, lançando-lhe uma careta, ao ver a capota. — Estás à espera que me dobre todo e caiba neste carrinho de brincar?

— É mais espaçoso do que parece. Vá lá, agora estás por minha conta.
— Não podias ter trazido um todo-o-terreno? — Queixou-se ele, ao baixar-se para se sentar no lugar do passageiro.

Achava que ele parecia um boneco saltitão enorme e rabugento, dentro de uma caixa minúscula e cheia de estilo. — Pois, mas não trouxe. Além do mais, gosto de conduzir o meu carro. — E deu provas disso, assim que colocou o cinto de segurança, carregando no acelerador e saindo a voar pelo acesso à estrada.

Gostava de ter vislumbres da montanha por entre a chuva. Como sombras numa cortina prateada. E fila após fila de vinhas despidas, à espera, só à espera do Sol e do calor que as trouxessem de novo à vida.

Acelerando, passou pela herdade MacMillan, o tijolo desmaiado coberto de vinhas, os telhados altivos e firmes. Para ela, representava uma entrada romântica e adorável para os mistérios das caves que ali se guardavam. Lá dentro, tal como numa herdade Giambelli, os trabalhadores levantavam, giravam e deixavam amadurecer as garrafas de champanhe ou preparavam a sala de provas, caso houvesse uma visita guiada ou algum clube de vinhos agendado para esse dia. Outros ainda podiam encontrar-se a transferir o vinho de tonel para tonel, para purificar e aclarar.

Ela sabia que se trabalhava, nos edifícios, nas caves, nas plantas, até quando as vinhas dormiam.

E, pensava também, havia trabalho à sua espera em São Francisco.

Corria pelo vale afora, como uma mulher liberta da prisão. Ty perguntava-se se ela realmente se sentia assim.

— Porque é que o meu banco está quente?

— O teu quê? Oh. — Olhou para ele, a rir. — É a minha forma de te aquecer o rabo, querido. Não gostas? — Carregou no botão e desligou o aquecimento do banco. — A nossa prioridade máxima, — começou, — é a campanha do centenário. Existem muitas etapas, algumas das quais, como o leilão que ocorreu no início desta semana, já foram implementadas. Outras ainda estão no papel. Andamos à procura de algo fresco mas que também preste homenagem à tradição. Algo com classe e discreto, que vá apelar às nossas contas de alto nível ou às mais maduras, algo arrojado que capte o interesse do mercado mais jovem ou menos afluente.

— Pois, está bem.

— Ty, isto é algo de que também tens de compreender as causas e as consequências. Vender vinho é tão essencial como o que tu fazes. Caso contrário, só estarias a produzi-lo para ti, não é verdade?

Ele mudava de posição, tentando arranjar espaço para as pernas. — Sem dúvida que seria mais fácil.

— Vê só, tu produzes níveis diferentes de vinho. Os de casta superior custam mais a produzir, mais a engarrafar, mais a armazenar, e assim por diante, que os de casta média que vai descendo até ao vinho de jarro. Investe-se muito mais no processo do que no vinho.

— Sem o vinho, nada do resto faz sentido.

— Pode ser verdade, — disse ela com o que considerava uma paciência heróica, — mas faz parte do meu trabalho, e agora do teu, ajudar a vender aquelas marcas ao consumidor. Ao consumidor individual e às grandes contas. Hotéis, restaurantes. Atrair os comerciantes de vinho, os accionistas, e fazê-los ver que têm de ter Giambelli, ou o que será agora a Giambelli-MacMillan, nas listas. Para o fazer, tenho de vender a embalagem assim como o que está lá dentro.

— A embalagem é uma mera distração, — comentou ele, fitando-a deliberadamente. — É o que está lá dentro que inclina a balança.

— Isso é um insulto bastante astuto e subtil. Tens razão até certo ponto. No entanto, a embalagem, a comercialização e a promoção é o que coloca o produto nessa mesma balança. Nas pessoas e no vinho. Vamos manter-nos por agora no vinho, está bem?

Ele torcia os lábios. O tom de voz dela tornara-se frígido e lúgubre, um sinal claro de que acalentava o desejo de marcar pontos. — Claro.

— Tenho de tornar a ideia do produto intrigante, exclusiva, acessível, substancial, divertida, sensual. Conheço o produto e, nesse ponto, estamos em terreno firme. Mas também tenho de conhecer a conta, e o mercado que pretendo alcançar. É isso que tens de aprender.

— Estudos, estatísticas, festas, sondagens, reuniões.

Esticou o braço e deu-lhe uma palmadinha na mão. — Vivendo e aprendendo. — Fez uma pausa, abrandando ligeiramente. — Reconheces aquela carrinha?

Ele franziu a testa e os olhos, espreitando pelo pára-brisas, ao ver uma *minivan* escura, de último modelo, dar a curva na estrada, para entrar na Villa Giambelli. — Não.

— Cutter, — murmurou Sophia. — Quase aposto que é o Cutter.

— Podíamos adiar a viagem a São Francisco e descobrir.

Era tentador, e a esperança na voz de Ty divertia-a. Não obstante, abanou a cabeça e continuou a conduzir. — Não, isso era dar-lhe demasiada importância. Além do mais, assim que chegar a casa, a minha mãe está frita.

— Quero entrar nessa jogada.

— Para o melhor ou o pior, Ty, eu e tu estamos nisto juntos. Vou manter-te na minha jogada, se tu me mantiveres na tua.

...

A viagem de uma costa à outra foi longa. De certa forma, era outro mundo, um mundo onde todos eram estranhos. Ele arrancara as raízes que conseguira plantar no cimento de Nova Iorque com a esperança de as conseguir fixar ali, nas colinas e vales do norte da Califórnia.

Se tivesse sido isso, só por isso, David não se teria preocupado. Ia considerar uma aventura, uma emoção, do tipo de desafio sem limites para o qual mergulharia de cabeça na juventude. Mas quando um homem tinha quarenta e três anos e dois filhos adolescentes ao seu cuidado, havia muito mais a ter em conta.

Se tivesse a certeza que ficar na *La Coeur* em Nova Iorque era do melhor interesse dos filhos, teria ficado lá. Teria definhado por lá, encurralado no escritório de vidro e aço. Mas deixou de ter a certeza, quando o filho de dezasseis anos foi apanhado a roubar numa loja e a filha de catorze anos começou a pintar as unhas dos pés de preto.

Começara a perder o contacto com os filhos, e ao perder esse contacto, perdia o controlo. Quando a oferta da Giambelli-MacMillan lhe caiu no colo, viu-a como se fosse um sinal.

Aproveita. Começa de novo.

Só Deus sabia que não era a primeira vez que fazia ambas as coisas. Mas desta vez fazia-o com a felicidade dos filhos adicionada à equação.

— Este lugar fica no meio de nenhures.

David olhava de relance para o filho, pelo espelho retrovisor. Maddy levava a melhor no sorteio de lugares em São Francisco e sentada no lugar do passageiro, tentava mostrar um ar aborrecido. — Como, — perguntava-se David, — é que nenhures pode ter um meio? Sempre me perguntei isso.

Teve o prazer de ver Theo fazer uma careta, o mais perto que chegava de um sorriso genuíno por aqueles dias.

É muito parecido com a mãe, pensava David. Uma jovem versão masculina de Sylvia. David sabia que nem Theo nem Sylvia iam apreciar a comparação. Também tinham isso em comum, em que ambos se aliavam, determinados a serem vistos como indivíduos.

Para Sylvia, isso significara desistir do casamento e abdicar da maternidade. Para Theo... o tempo, imaginava David, o diria.

— Porque é que tem de estar a chover? — Maddy afundava-se no assento e tentava não deixar os olhos brilhar de excitação, ao estudar a enorme mansão de pedra diante do carro.

— Bom, tem a ver com a acumulação de humidade na atmosfera, e depois...

— Pai. — Riu-se, e para David era como música.

Ia recuperar os filhos por aquelas paragens, por mais que custasse. — Vamos conhecer *La Signora*.

— Temos de lhe chamar isso? — Maddy revirava os olhos. — É tão medieval.

— Podemos começar por Senhora Giambelli, e logo vemos. E toca a dar um ar normal.

— A Mad não consegue. Os marrões nunca são normais.

— Nem as aberrações. — Maddy arrastava-se para fora do carro nas suas botas pretas feias, com plataformas de cinco centímetros. Ali ficou à chuva, a olhar para o pai como se fosse uma espécie de princesa excêntrica, de cabelo comprido claro, lábios em beicinho e olhos azuis de pestanas enormes. O seu corpinho — ainda era uma coisa pequenina — estava embrulhado e soterrado em camadas de roupa preta. Na orelha direita tinha três argolas de prata penduradas — um acordo, uma vez que David ficara aterrorizado quando ela começou a fazer campanha para furar o nariz, ou um local ainda menos higiénico.

Theo era um imenso contraste. Alto, desajeitado, com o cabelo castanho numa massa encaracolada e indomável que emoldurava o rosto bonito, caindo sobre os ombros ainda ossudos. Os olhos de um azul suave, e mais vezes do que o pai gostaria, ensombrados e infelizes.

Arrastava-se agora nos jeans demasiado largos, os sapatos quase tão feios quanto as botas da irmã e um casaco que lhe passava as ancas.

Era só roupa, lembrava David a si mesmo. Roupa e cabelo, nada de permanente. Os seus próprios pais não o tinham massacrado até à rebelião por causa do estilo pessoal, quando era adolescente? Não prometera a si próprio que não ia fazer o mesmo aos filhos?

Mas, por Deus, como desejava que pelo menos vestissem roupa que lhes servisse.

Subiu o imenso lanço de escadas e ficou diante da porta da frente da *villa*, trabalhada ao pormenor, deixando a mão deslizar pelo cabelo espesso, de um louro-escuro.

— O que é que se passa, pai? Estás nervoso?

Na voz do filho havia um tom irónico, o bastante para David tomar consciência e alinhar a postura. — Não me chateies, está bem?

Theo abriu a boca, com uma resposta sarcástica na ponta da língua. Mas apanhou o olhar de sobreaviso da irmã e viu a expressão ansiosa do pai. — Ei, vai conseguir lidar com ela.

— Claro. — Maddy encolhia os ombros. — É só uma velhota italiana, certo?

Com uma gargalhada entrecortada, David carregou com o dedo na campainha. — Pois.

— Espera, tenho de pôr a minha cara de pessoa normal. — Theo

pousou as mãos na cara, carregando e esticando a pele, puxando os olhos para baixo, torcendo a boca. — Não a encontro.

David enganchou o braço à volta do pescoço dele, e o outro à volta do de Maddy. Iam ficar bem, pensava ele, segurando-os. Iam ficar bem.

— Eu vou lá, Maria! — Pilar desceu apressada do *foyer*, com um ramo de rosas brancas nos braços.

Ao abrir a porta, viu um homem alto que agarrava duas crianças pelo pescoço. Os três riam.

— Olá. Posso ajudar?

Não era uma velhota italiana, pensava David ao soltar os filhos num gesto abrupto. Era só uma mulher linda, com surpresa no olhar e rosas no regaço. — Vim falar com a Senhora Giambelli.

Pilar sorriu, perscrutando os rostos do rapaz e da rapariga, incluindo-os na conversa. — Somos tantas.

— Tereza Giambelli. Sou David Cutter.

— Oh, Sr. Cutter. Peço desculpa. — Estendeu a mão em busca da dele. — Não sabia que vinha hoje. — Nem que tinha família, pensava. A mãe não se prendera com pormenores. — Entrem, por favor. Sou a Pilar. Pilar Giambelli... — Quase acrescentou o nome de casada, da força do hábito. Com determinação, abdicou dele. — Filha de *La Signora*.

— É assim que lhe chamam? — Perguntou Maddy.

— Às vezes. Quando a conheceres, vais ver porquê.

— A minha filha Madeline. O meu filho Theodore.

— Theo, — murmurou Theo.

— É um prazer conhecer-vos. Theo. E Madeline.

— Maddy, ok?

— Maddy. Venham até à salinha. Acendi a lareira e está quentinho. Vou preparar algo para beber, se quiserem. Que dia aborrecido. Espero que a viagem não tenha sido muito má.

— Nem por isso.

— Interminável, — corrigiu Maddy. — Péssima. — Mas assim que entraram, perdeu o olhar pela sala. Era como um palácio, pensava ela. Como uma imagem num livro, onde tudo tinha as cores certas e parecia antigo e precioso.

— Aposto que sim. Deixem-me levar os vossos casacos.

— Estão molhados, — disse David, mas mesmo assim ela tirou-lhos da mão e pendurou-os no braço livre.

— Eu trato deles. Por favor, sentem-se, fiquem à vontade. Vou informar a minha mãe de que chegaram e arranjar qualquer coisa quente para beberem. Quer um café, Sr. Cutter?

— Sabia-me bem, Sra. Giambelli.

— A mim também.
— Nem pensar, — retorquiu ele para Maddy, o que a levou a amuar outra vez.
— Um galão, talvez?
— Isso é porreiro. Quer dizer, — corrigiu ela, assim que o cotovelo do pai lhe lembrou as boas maneiras, — sim, obrigada.
— E o Theo?
— Sim, minha senhora, obrigado.
— Não demoro nada.
— Bolas. — Theo esperou até Pilar se encontrar a uma distância segura da sala e saltou para uma poltrona. — Devem ser ultra-ricos. Esta casa parece um museu, ou coisa assim.
— Não ponhas as botas aí em cima, — ordenou David.
— É um banco para os pés, — informou Theo.
— Quando enfiás os pés numas botas dessas, deixam de ser pés.
— Descontraí, pai. — Maddy deu-lhe uma palmadinha nas costas apaziguadora, e assustadoramente adulta. — És director-geral, e tal.
— Pois. — De vice-presidente executivo de operações, a director-geral de operações, num salto de quase cinco mil quilómetros. — Como se fosse invencível, — murmurou ele, voltando-se para a porta assim que ouviu passos.

Ja dizer aos filhos que se levantassem, mas nem teve hipótese. Assim que Tereza Giambelli entrava numa sala, as pessoas punham-se de pé.

Ele havia-se esquecido de como ela era pequena. Vira-a pessoalmente por duas vezes, em reuniões em Nova Iorque. Duas reuniões longas e exaustivas. E sempre ficara com a imagem de uma amazona majestática, em vez da mulher de ossos finos e magra, que avançava agora na sua direcção. A mão que estendia era pequena e forte.

— Sr. Cutter. Bem-vindo à Villa Giambelli.

— Obrigado, *signora*. A sua casa é linda, e encontra-se num cenário fantástico. Eu e a minha família estamos muito gratos pela sua hospitalidade.

Pilar entrou na sala a tempo de ouvir o discurso simpático, e assistir à formalidade ensaiada com que era rendido. Muito diferente do que esperava do homem que, na galhofa, arrastara dois adolescentes moídos da viagem pelo pescoço. Não, decidiu ela, reparando nos olhares de soslaio dos filhos dele, eles não estavam habituados àquela atitude vinda dele.

— Espero que a viagem não tenha sido entediante, — prosseguiu Tereza, desviando a atenção para as crianças.

— Nada mesmo. Gostámos muito. *Signora* Giambelli, deixe-me apresentar-lhe os meus filhos. O meu filho, Theodore, e a minha filha, Madeline.

— Bem-vindos à Califórnia. — Estendeu a mão a Theo e, apesar de se sentir ridículo, cumprimentou-a e resistiu a enfiar a dele no bolso.

— Obrigado.

Maddy aceitou a mão. — É bom estar cá.

— Mantenham esse espírito, — declarou Tereza com um breve sorriso. — Por agora é tudo. Sentem-se, por favor. Fiquem à vontade. Pilar, vem fazer-nos companhia.

— Claro.

— Devem estar muito orgulhosos do vosso pai, — começou Tereza, enquanto se sentava. — E de tudo o que conquistou.

— Ah... claro. — Theo sentou-se, lembrando-se a tempo de não se atirar para a poltrona. Não sabia muito do trabalho do pai. No seu mundo, o pai ia para o escritório e depois voltava para casa. Chateava-o com os trabalhos de casa, queimava o jantar e ia comprar comida fora.

Ou, na maioria das vezes no último ano, ligava para casa a dizer que ia chegar tarde e Theo e Maddy ligavam a encomendar comida.

— Theo interessa-se mais por música do que por vinho, ou pelo negócio do vinho, — comentou David.

— Ah. E tocas?

Este assunto era do pai, pensava Theo. Porque é que tinha de responder a tantas perguntas? Os adultos não percebiam nada. — Guitarra. E piano.

— Um dia destes podias tocar para mim. Gosto de música. Qual o teu género preferido?

— Quase só *rock*. Também ouço *techno* e alternativa.

— Theo compõe música, — acrescentou David, e arrancou um pestanejar surpreendido ao filho. — Tem algum material interessante.

— Assim que todos estejam instalados, gostava de ouvir. E tu, — indagou Tereza a Maddy. — Tocas?

— Tive aulas de piano. — Encolheu um ombro. — Não me interessou muito. Quero ser cientista. — O ronco do irmão acendeu-lhe um calor de raiva na face.

— Maddy interessa-se por tudo. — David falava depressa, antes que houvesse sangue. — Pelo que me disseram, o liceu daqui vai preencher muito bem os interesses dela e de Theo.

— Artes e ciências. — Tereza recostava-se. — Então, saem ao pai, uma vez que o vinho é ambas. Imagino que precise de uns dias para se instalar, — continuou, ao mesmo tempo que entrava um carrinho de rodas. — Um novo cargo, uma nova escola e rotina para a sua família.

— O pai diz que é uma aventura, — comentou Maddy, o que levou Tereza a assentir com firmeza.

— Vamos tentar com que assim seja.

— Estou ao seu dispor, *signora*, — declarou David, e observou Pilar que se levantou para servir café e bolos. — Agradeço novamente a disponibilização da casa de hóspedes. Decerto que vai ser um prazer, instalar-me por cá.

Ao olhar para ela, apanhou Pilar a abrir os olhos muito depressa. Ao que parecia, para ela era uma surpresa. Perguntava-se porquê. — Obrigado.

— Espero que gostem, — murmurou Pilar.

Assim que serviram o café, caíram numa conversa agradável. David seguia a liderança de Tereza e deixava os negócios de fora. Tinham tempo, concluiu, de ir ao cerne da questão.

Depois de precisamente meia hora, Tereza levantou-se. — Lamento que o meu marido não esteja disponível para o receber hoje, e conhecer os seus filhos encantadores. Acha conveniente encontrar-se connosco amanhã?

— Como achar melhor, *signora*. — David levantou-se.

— Então, às onze. Pilar, podes mostrar aos Cutter a casa de hóspedes, e tratar de que tenham tudo o que necessitarem?

— Certamente. Vou só buscar os casacos.

Que raio fora aquilo? Perguntava-se Pilar enquanto ia buscar os casacos. Normalmente, era ela quem media o pulso à casa. Contudo, a mãe conseguira infiltrar ali uma família inteira sem lhe dar sequer um mero aviso.

Tantas mudanças, e praticamente de um dia para o outro. Estava na altura de prestar mais atenção, concluiu. Não gostava que as coisas mudassem sem se encontrar preparada para isso.

Não obstante, ao regressar, manteve uma conversa com facilidade e preparou-se para assumir o papel de anfitriã graciosa. — O caminho é curto. Com bom tempo, vai-se bem a pé.

— A chuva de Inverno é boa para as uvas. — David pegou no casaco dela e ajudou-a a vesti-lo.

— Sim. É o que me lembram sempre que me queixo dos aguaceiros. — Saiu para a rua. — Há uma linha directa de uma casa à outra, para que baste um telefonema no caso de precisarem de alguma coisa ou tiverem alguma questão. A nossa governanta é a Maria, que está disponível para tudo. Obrigada, — acrescentou quando David abriu a porta da carrinha para ela entrar.

— Vão ter uma vista incrível, — acrescentou, girando para falar para as crianças assim que entraram para o banco traseiro. — Seja qual for o quarto que escolherem. E há uma piscina. Claro que agora não vão poder tirar partido dela, mas ficam convidados a usar a piscina interior da casa principal sempre que quiserem.

— Uma piscina interior? — A disposição de Theo iluminou-se. —
Porreiro.

— Isso não quer dizer que vais aparecer de calções de banho sempre
que te apetecer, — avisou o pai. — É melhor não lhes dar livre acesso à casa,
Sra. Giambelli. Daqui a uma semana, está a fazer terapia.

— Contigo não funcionou, — ripostou Theo.

— Vai ser bom termos jovens lá por casa. E chama-me Pilar, por favor.

— David.

Nas costas deles, Maddy virava-se para o irmão a pestanejar como
uma louca.

— David. Vira aqui na bifurcação à esquerda. Já dá para ver a casa
logo ali. É um sítio bem bonito, e com a chuva até parece saída de um conto
de fadas.

— É aquela? — Subitamente interessado, Theo endireitou-se. — É
bem grande.

— Quatro quartos. Cinco casas de banho. Tem uma agradável sala de
estar, mas acho a cozinha, ou sala principal, ainda mais agradável. Alguém
cozinha?

— O pai finge que sim, — comentou Maddy. — E nós fingimos que
gostamos.

— Que espertinhos. E tu? — Perguntou David a Pilar. — Cozinhas?

— Sim, e bastante bem, mas raramente. Bom, talvez a tua esposa ve-
nha a apreciar a cozinha quando se juntar a vocês.

O silêncio instantâneo e absoluto levou Pilar a gritar por dentro.

— Sou divorciado. — David estacionou diante da casa. — Somos só
nós os três. Vamos lá ver. Já vimos buscar as coisas.

— Lamento imenso, — murmurou Pilar, assim que os miúdos corre-
ram da carrinha. — Não devia ter concluído...

— É uma conclusão natural. Um homem, dois miúdos. Fica-se à
espera do complemento familiar completo. Não te preocupes. — Deu-lhe
uma palmadinha na mão, descontraída, e depois esticou o braço para lhe
abrir a porta. — Sabes, aposto que eles vão discutir por causa dos quartos.
Espero que não te importes com cenas e gritos.

— Sou italiana, — foi a única resposta dela e saiu, para a chuva que caía.

5.

Italiana, pensava David depois. E linda. Ao mesmo tempo, distante e gra-
ciosa. Não era coisa fácil. Nessa área, saía à mãe.

Sabia ler as pessoas, um truque valioso da profissão para ascender

na escorregadia escadaria executiva em qualquer grande empresa. A interpretação que fazia de Pilar Giambelli era que estava tão acostumada a dar ordens tanto quanto a recebê-las.

Sabia que ela era casada, e com quem, mas como não usava aliança, presumia que o casamento com o infame Tony Avano havia terminado, ou que estava a atravessar problemas graves. Teria de descobrir antes de se permitir considerá-la a um nível mais pessoal.

Havia uma filha. Toda a gente no meio ouvira falar de Sophia Giambelli. Com reputação de espalha-brasas com estilo e ambição a rodos. Sabia que haveria de se cruzar com ela, e perguntava-se como é que ela havia encarado a sua tomada de posse como director-geral. Talvez tivesse de planejar um certo sentido de política, pensava, tirando os cigarros do bolso. Acabou por se lembrar que não estavam lá porque tinha deixado de fumar há três semanas e cinco dias.

E estava a dar cabo dele.

Pensa noutra coisa, ordenava-se, e entrava em sintonia com a música que saía num volume brutal do novo quarto do filho. Graças a Deus que ficava na outra ponta do corredor.

Claro que houve a batalha esperada pelos quartos. Ainda assim, os filhos até nem se haviam portado muito mal. Mais devido à timidez perante estranhos. Em qualquer dos casos, o arrufo havia sido por hábito e sem grande empenho, uma vez que todos os quartos da casa eram bons.

Eram quase perfeitos, pensava, com as madeiras e os azulejos brilhantes, paredes lustrosas e mobílias exuberantes.

A perfeição, o estilo casualmente elegante, a absoluta ordem das coisas davam-lhe arrepios. Mas esperava que os miúdos num ápice pusessem tudo no seu devido lugar. Não eram nada arrumados. Por mais que polissem o invólucro, não tardava a exibirem o conteúdo para dessa forma se sentirem todos mais em casa.

Já farto de desfazer as malas, avançou para uma das janelas e olhou lá para fora, para os campos. Pilar tinha razão. A vista era maravilhosa. Agora, tudo aquilo fazia parte da sua terra. Tinha intenções de deixar ali a sua marca.

Ao fundo do corredor, Maddy saía do seu quarto. Tentara agir de forma natural, depois de discutir com Theo sobre quem ficava com o quê. A verdade era que estava radiante. Pela primeira vez na vida, não tinha de partilhar a casa de banho com o idiota do irmão. A dela estava decorada num lindo padrão de azuis e vermelhos-escuros. Flores grandes e frondosas, o que a levou a imaginar que tomar banho lá seria como nadar num jardim muito estranho.

Além do mais, tinha uma cama enorme de dossel. Trancara a porta para se poder rebolar nela com toda a privacidade.

Depois lembrou-se que não ia ver Nova Iorque ao olhar pela janela, nem ia poder ligar a uma das amigas para passear. Não ia poder ir ao cinema sempre que lhe apetecesse. Já não ia fazer nada daquilo a que estava habituada.

As saudades de casa batiam-lhe com tamanha força no estômago que até doía. A única pessoa com quem podia falar era Theo. Era a escolha mais pobre, na sua opinião, mas a única que lhe restava.

Empurrou a porta dele, para um jorro da música dos Chemical Brothers. Ele estava deitado na cama, a guitarra sobre o peito enquanto tentava imitar o *riff* de guitarra da aparelhagem. O quarto já estava caótico, como já imaginava que ia ficar, até que ele fosse para a universidade.

Era cá um porco.

— Devias estas a desfazer a mala.

— E tu devias meter-te na tua vida.

Ela atirou-se, de barriga para baixo, aos pés da cama dele. — Não há nada aqui para fazer.

— Acabaste de descobrir isso agora?

— Talvez o pai odeie e voltemos para casa.

— Nem penses. Já viste como ficou em sentido com a velhota? — Como também sentia saudades de casa, pousou a guitarra ao lado e decidiu-se a falar pelos cotovelos. — Que raio se passa com ele?

— O pai parecia uma personagem de um filme. Sabes como ele fica quando veste um daqueles fatos para as reuniões? — Rolou para ficar de costas. — A voz dele tinha o mesmo tom. Agora nada vai ser como dantes. Estava a olhar para aquela mulher.

— Huh?

— Aquela, Pilar. Que raio de nome é aquele?

— Deve ser italiano, ou coisa assim. Como assim, estava a olhar para ela?

— Tu sabes. A tirar-lhe as medidas.

— Vai-te lixar.

— Bolas, os gajos não topam nada. — Sentindo-se superior, sentou-se, atirando o cabelo para trás. — Ele estava a mirá-la.

— E depois? — Theo deu um trejeito ao corpo, um encolher de ombros na horizontal. — Já não é a primeira vez que faz isso. Ei, aposto que ele até fez sexo com algumas delas.

— Chixa, achas? — Sentindo o sarcasmo latente, levantou-se da cama para caminhar até à janela. Chuva e vinhas, vinhas e chuva. — Talvez seja apanhado, se tiver sexo com a filha da patroa, até despedido, e já podemos voltar para casa.

— Para casa, onde? Se ele perder o emprego, não temos para onde ir.
Cresce, Maddy.

Ela arqueou as costas. — Que seca.

— Podes crer.

Ty estava a pensar o mesmo acerca da vida em geral, quando Sophia o obrigou a ir para uma reunião, uma sessão de troca de ideias, dissera ela. Atirara-lhe alguns nomes ao passarem pela secção de publicidade. Gesticulando, gritando ordens e cumprimentos, pegando nos recados sem parar.

Ele não se lembrava de nenhum dos nomes, é claro, e os rostos mantinham-se enevoados enquanto se esforçava por acompanhar o ritmo de Sophia. A mulher movia-se como um ponta-de-lança com uma bola nos pés. Rápida e fugidia.

Agora estavam mais três pessoas na sala, e todas lhe pareciam Guerreiros Urbanos, com as indumentárias e os penteados bem na moda, óculos pequenos de armação fina e agendas electrónicas. Duas eram mulheres, a outra um homem. Eram todos jovens e bonitos. Por mais que tentasse, não se conseguia lembrar de quem era quem, uma vez que todos tinham nomes andróginos.

Na mão segurava uma espécie de café fino que não queria, mas que toda a gente tomava de uma vez, a mastigar biscoitos.

Estava a ficar com uma dor de cabeça terrível.

— Não, Kris, ando à procura de algo subtil, mas poderoso. Uma imagem forte com uma mensagem emocional. Trace, um esboço rápido: casal — jovem, casual, vinte e muitos. A relaxar num alpendre. Sexual, mas sempre casual.

Vendo que o homem de cabelo louro despenteado pegou no lápis para desenhar, Ty presumia que se tratava de Trace.

— Pôr-do-sol, — continuava Sophia, levantando-se da secretária para vaguear pela sala. — Fim de dia. É um casal trabalhador, sem filhos, bem na vida, com mobilidade mas instalados.

— Um balouço de alpendre, — sugeriu a mulher negra empertigada, de colete vermelho.

— Muito instalados. Muito campo. Um banco de namorados de vime, talvez, — propôs Sophia. — Cor forte nas almofadas. Velas sobre a mesa. Das grandes, não das estreitas.

Debruçou-se sobre o ombro de Trace, emitindo murmúrios de ponderação. — Bom, bom, mas faz antes assim. Põe-nos a olhar um para o outro, a perna dela talvez sobre os joelhos dele. Uma intimidade amorosa. As mangas da camisa dele para cima, ela de jeans, não, de calças de caqui.

Estava sentada na berma da secretária, os lábios fechados com força enquanto ponderava. — Quero que estejam a conversar. Descontraídos, num momento de pausa. Apreciando a companhia um do outro depois de um dia atarefado.

— E se um deles estiver a servir o vinho? A segurar na garrafa?

— Podemos tentar isso. Queres fazer um esboço desse, P.J?

Com um aceno, a empertigada P.J., como agora Ty a identificava, pegou no bloco.

— Devia haver água. — A segunda mulher, uma ruiva que parecia aborrecida e contrariada, reprimiu um bocejo.

— Estou a ver que interrompemos a sesta da Kris, — declarou Sophia numa voz doce, e Ty apanhou o olhar rápido e cintilante por baixo das pestanas baixas da ruiva.

— As cenas suburbanas aborrecem-me. Pelo menos a água acrescenta um elemento, uma sexualidade subliminar.

— A Kris quer água. — Sophia assentiu, levantando-se para vaguear pela sala enquanto pensava. — A água é boa ideia. Um charco, um lago. Podíamos criar uma bela luz. Reflexos. Vê lá, Ty. O que achas?

Ele fez os possíveis para voltar a prestar atenção e parecer inteligente, quando Trace virou o esboço para si. — Não percebo nada de publicidade. Mas é um belo esboço.

— Tu vês anúncios, — lembrou Sophia. — A toda a hora, quer captes a mensagem conscientemente ou não. O que é que isto te diz?

— Diz que estão sentados no alpendre a beber vinho. Porque é que não podem ter filhos?

— Porque haveriam de ter?

— Tens um casal, num alpendre. O alpendre costuma ser sinónimo de um lar. Porque é que não podem ter filhos?

— Porque não queremos miúdos pequenos num anúncio de uma bebida alcoólica, — disse Kris. Com um tom ligeiramente trocista. — Regra lapidar da publicidade.

— Então, provas de existência de filhos. Estão a ver, brinquedos no alpendre. Evidencia que essas pessoas têm família, que estão juntas há algum tempo e que ainda gostam de se sentar no alpendre juntos a tomar um copo de vinho ao final do dia. Isso é sensual.

Kris ainda abriu a boca, mas reparou no brilho nos olhos de Sophia. Sensata, voltou a fechá-la.

— Isso é bom. É excelente, — declarou Sophia. — É ainda melhor para este caso. Espalha brinquedos pelo alpendre, Trace. Mantém a garrafa de vinho na mesa com as velas. Aqui temos o nosso casal suburbano caseiro, mas com estilo.

— A contemplar o pôr-do-sol, — murmurou ela. — É o seu momento. Descontraia com Giambelli. É o seu vinho.

— Mais caseiro do que com estilo, — resmungou Kris.

— Usamos um cenário urbano para dar estilo. Dois casais, amigos que convivem ao serão. Cenário num apartamento. Sempre jovens, sempre impecáveis. Mostra-me a cidade pela janela. Luzes e silhuetas.

— Mesa de café, — acrescentou P.J., já a trabalhar no esboço. — Dois sentados no chão. Os outros a descansar no sofá, todos a falar ao mesmo tempo. Quase se consegue ouvir a música a tocar. Comida disposta sobre a mesa. Encomendada. É aqui que servimos o vinho.

— Bom, perfeito. Comemoração à terça-feira. O mesmo slogan.

— Porquê terça-feira? — Ty perguntava, insistindo.

— Porque à terça-feira nunca se fazem grandes planos. — Sophia sentou-se de novo na borda da secretária, cruzando as pernas. — Faz-se planos para o fim-de-semana. Noutras ocasiões não costuma acontecer nada. A terça à noite com os amigos é espontânea. Queremos que as pessoas peguem numa garrafa de vinho por impulso. Só porque é terça-feira. O seu momento, o seu vinho. É essa a ideia.

— O vinho é o Giambelli-MacMillan.

Ela assentiu. — Correcto. Temos de identificar isso também na campanha. Um casamento. Celebrar o casamento. Champanhe, flores, um casal lindo.

— Lua-de-mel é mais sensual, — comentou Trace ao refinar o outro esboço. — Os mesmos elementos, mas num quarto de hotel chique. O vestido de noiva pendurado na porta e o nosso casal enlaçado num beijo com champanhe no gelo.

— Se estão a beijar-se, não vão pensar em beber, — comentou Ty.

— Bem visto. Tira o beijo, mas o resto está óptimo. Mostra-me...

— Começara a mover as mãos. — Antecipação. Seda, flores e coloca-lhes *flutes* nas mãos. Dá-me um olhar intenso, em vez de um beijo. Vão, meninos, e criem magia. Vejam o que conseguem arranjar nas próximas horas. Lembrem-se: momentos. Os especiais e os comuns.

Ela voltou a cruzar as pernas enquanto a equipa saía, a comentar para ele. — Nada mau, MacMillan. Nada mau mesmo.

— Óptimo. Já podemos ir para casa?

— Não. Ainda tenho muitas coisas a tratar por aqui, e mais ainda a resolver para montar um escritório na *villa*. Sabes desenhar?

— Claro.

— Isso é um bónus. — Saltou de cima da secretária para ir buscar um bloco a uma estante que cobria a parede.

As prateleiras continham muitas coisas, reparou Ty. Não só objectos de trabalho, mas as bugigangas que as pessoas, em especial as mulheres, na sua opinião, pareciam coleccionar. A liderar a pilha de acumuladores de pó estavam os sapos. Sapinhos verdes pequenos, sapos de bronze maiores, sapos bailarinos, sapos bem vestidos e o que parecia ser sapos a acasalar.

Não pareciam perturbados com a mulher vestida com classe que corria pelos corredores do escritório de saltos altos, com o aroma da noite na floresta.

— À procura de um príncipe?

— Hmm? — Ela olhou para trás, seguindo o gesto dele. — Oh. Não, os príncipes exigem muita manutenção. Só gosto de sapos. Era isto que queria. Uma espécie de montagem. As vinhas, a sua imensidão iluminada pelo Sol. Vinhas repletas de uvas. Uma figura solitária atravessa as filas. Um *close up*, cestos enormes de uvas, acabadas de vindimar.

— Não usamos cestos.

— Colabora comigo, Ty. Simplicidade, acessibilidade, tradição. Mãos calejadas que seguram o cesto. Depois os cascos, filas e filas de cascos de madeira, a meia-luz das caves. O mistério, o romance. Dois tipos bem-parecidos com roupa de trabalho a decantar o néctar. Vamos usar tinto, uma pequena porção de vinho tinto acabado de sair do casco. Depois, trabalhadores diferentes que vêm provar, testar. Por fim, uma garrafa. Talvez dois copos e um saca-rolhas ao lado.

» Da vinha à mesa. Cem anos de excelência. Não, das *nossas* vinhas para a *sua* mesa. — Franziu o sobrolho ao tentar imaginar o anúncio mentalmente. — Somos líderes com cem anos de excelência, depois a montagem e, por baixo, *Das nossas vinhas para a sua mesa. A tradição Giambelli-MacMillan continua.*

Virou-se para ele e olhou por cima do ombro, para soltar uma gargalhada. Ele estivera a desenhar enquanto ela falava e o resultado eram círculos e figurinhas humanas de um só traço, bem como uma coluna assimétrica que imaginava representar uma garrafa de vinho tinto.

— Disseste que sabias desenhar.

— Não disse que sabia desenhar bem.

— Ok, estamos aqui com alguns problemas. Fazer esboços não é o meu forte, apesar de, em comparação contigo, eu ser um Da Vinci. Trabalho melhor com alguns recursos visuais. — Soltou um suspiro, caminhando. — Por agora, serve. Vou pedir à equipa que envie esboços por fax à medida que avançamos. Vamos coordenar horários para, dessa forma, conseguirmos ter uma reunião semanal aqui ou no escritório na *villa*.

Ela deixou-se cair no braço da cadeira dele, franzindo a testa para o espaço. Estava sintonizada na equipa, pressentindo as forças divergentes.

Era algo que tinha de resolver de imediato. — Preciso de uma meia hora aqui. Porque é que não vais até à Armani e eu vou lá ter?

— Porque é que vou para a Armani?

— Porque precisas de roupa.

— Eu tenho imensa roupa.

— Querido, a tua roupa é como os teus desenhos. Cumprem necessidades básicas, mas não vão ganhar nenhum prémio. Eu trato de te vestir, e depois podes comprar-me a devida indumentária de um vinicultor. — Deu uma palmadinha subtil no ombro dele e levantou-se.

Ele queria discutir, mas não queria perder tempo. Quanto mais depressa terminassem e voltassem para norte, mais feliz ia ficar.

— Onde é a Armani?

Ela fitou-o. O homem vivia há anos a uma hora de São Francisco. Como é que podia não saber? — Vai ter com a minha assistente. Ela indica-te o caminho. Já lá vou ter.

— Um fato, — avisou Ty ao caminhar para a porta. — Só isso.

— Mmm. — Isso ainda iam ver, pensava ela. Era capaz de ser divertido aperaltá-lo um pouco. Seria como moldar barro. Mas antes de começar a diversão, tinha de trabalhar. Voltou para a secretária e pegou no telefone. — Kris, posso falar contigo um minuto? Sim, agora. Estou com pouco tempo.

Rodando os ombros, Sophia começou a recolher pastas e discos.

Trabalhava com Kris há mais de quatro anos e estava ciente de que havia um certo ressentimento quando Sophia, recém-chegada da faculdade, começara a dirigir o departamento. Delicadamente, acertaram tudo, mas ela não tinha dúvidas que Kris já não partilhava da sua amizade.

Era inevitável, pensava Sophia. Tinha de resolver o assunto.

Ouviu bater à porta de forma brusca, e Kris entrou. — Sophia, estou cheia de trabalho.

— Eu sei. Cinco minutos. Vai ser difícil andar a tratar de tudo entre aqui e Napa nos próximos meses. Estou num aperto, Kris.

— A sério? Não pareces nada apertada.

— Não me viste a vindimar de madrugada. Olha, a minha avó tem motivos para o que faz e como faz. Nem sempre os compreendo, e muitas vezes não gosto deles, mas a empresa é dela. Eu só trabalho aqui.

— Certo. Hum-hmm.

Sophia deixara de arrumar as coisas, pousando as palmas das mãos sobre a secretária, e fulminou o olhar de Kris. — Se achas que vou gostar de dividir o meu tempo entre o trabalho que adoro e andar de volta das vinhas, estás doida. E se achas que Tyler anda à procura de um lugar aqui nestes escritórios, pensa de novo.

— Desculpa, mas ele agora *tem* um lugar nestes escritórios.

— Que pensas que devia ser o teu. Não vou discordar contigo, mas deixa-me dizer-te que é temporário. Preciso de ti aqui. Não vou poder vir todos os dias. Não vou conseguir ir a todas as reuniões nem delegar todas as tarefas. Essencialmente, Kris, acabaste de ser promovida. Não tens um novo título, mas farei tudo para que tenhas as devidas compensações financeiras pelo acréscimo de responsabilidades que estamos prestes a deitar-te para cima.

— Não se trata de dinheiro.

— Mas nunca fez mal a ninguém, — concluiu Sophia. — O cargo de Ty aqui, e o seu título, são titulares. Ele não percebe nada de promoções e marketing, Kris, e também não está muito interessado.

— Interessado o suficiente para fazer comentários e sugestões, esta manhã.

— Espera aí. — Sabia ser paciente, pensava Sophia, mas não admitia que abusassem. — Estás à espera que ele fique sentado a olhar, como um idiota? Tem o direito a exprimir uma opinião, e por acaso até fez sugestões bem interessantes. Atiraram-no de um penhasco sem pára-quadras, e até se está a safar. Vê se aprendes.

Kris cerrava os dentes. Estava na Giambelli há quase dez anos e estava farta de ser passada para trás por causa da preciosa linhagem deles. — Ele tem pára-quadras, e tu também. Já nasceram com ele. Mesmo que algum faça asneira, estão sempre safos. Mas isso não acontece connosco.

— Não vou entrar em pormenores contigo sobre o negócio da família. Digamos que és um membro estimado da Giambelli, e agora, da multinacional Giambelli-MacMillan. Lamento que sintas que as tuas potencialidades e talentos não estejam a ser aproveitados ou valorizados. Farei o que puder para corrigir a situação. Mas estes ajustes têm de ser levados a cabo, e nos largos meses que aí vêm, todos lucraremos se nos assegurarmos que não fazemos asneira. Tenho de poder confiar em ti. Se não for possível, tens de me dizer para eu tomar outras providências.

— Vou fazer o meu trabalho. — Kris virou-se para a porta, abrindo-a. — E o teu.

— Bom, — murmurou Sophia quando a porta bateu de forma repentina. — Foi divertido. — Suspirando, pegou outra vez no telefone. — P.J, dá-me um minuto.

— Não, queremos uma imagem clássica. Para começar, este com a risca branca é muito subtil.

— Ótimo, fantástico. Levo esse. Vamos.

— Tyler. — Sophia mordida os lábios, dando uma palmadinha na face dele. — Vai experimentar, como um lindo menino.

Ele agarrou-lhe o pulso. — Mãe?

— Sim, querido?

— Pára com isso.

— Se não tivesses ficado só a matutar na última meia hora sozinho, já estávamos a sair por aquela porta. Este, — disse ela, entregando-lhe o castanho-escuro com riscas estreitas, — e este. — Escolheu um fato preto clássico de três peças.

Para acabar com as reclamações, afastou-se dele para escolher as camisas. — Shawn? — Gesticulou para uma das gerentes que conhecia de vista. — O meu amigo, Sr. MacMillan? Vai precisar de ajuda.

— Eu trato bem dele, Menina Giambelli. A propósito, o seu pai e a noiva estiveram aqui esta manhã.

— A sério?

— Sim, às compras para a lua-de-mel. Se está à procura de algo especial para o casamento, temos um novo casaco de gala fabuloso que lhe ficaria a matar.

— Hoje estou com uma certa pressa, — conseguiu dizer. — Depois volto para dar uma olhadela, logo que possa.

— Quando quiser, é só dizer. Terei muito prazer em enviar algumas peças para aprovação. Vou ver como está o Sr. MacMillan.

— Obrigada. — Pegou num vestido ao calhas, fitando o padrão creme sobre creme.

Não perdia um minuto, pensou ela. Andava às compras para a lua-de-mel antes de o divórcio ser definitivo. Andava a espalhar a notícia à grande.

Talvez, talvez fosse bom para si deixar o seu ciclo habitual na cidade, por uns tempos. Dessa forma, já não ia esbarrar com as pessoas a tagarelar sobre o casamento do pai, sempre que desse meia volta.

Porque é que deixava que a afectasse? E já que afectava, e de que maneira, como é que estaria a mãe a reagir?

Não adiantava nada chatear-se, convencia-se, e começou a remexer nas camisas como uma mulher a peneirar ouro num ribeiro rápido. Não valia a pena amuar.

Não valia a pena pensar.

Passou das camisas às gravatas com uma montanha de escolhas, quando Ty saiu do provador.

Parecia irritado, algo mortificado e absolutamente lindo.

Era só tirar o agricultor do vale e vejam só o que aparece. Ombros grandes e largos, ancas estreitas e pernas compridas num fato clássico italiano.

— Vejam só. — Inclinou a cabeça, em aprovação. — Fica-te mesmo bem, MacMillan. Se deixares a moda por conta dos italianos, nunca corre mal. Chame o alfaiate, Shawn, e vamos pôr este espectáculo em acção.

Ela deu a volta com duas camisas, a creme sobre creme e uma castanha-escura, segurando-as junto do casaco dele.

— O que foi? — Perguntou Ty.

— Nada. As duas ficam muito bem.

Mais uma vez, ele agarrou-lhe no pulso até que ela levou o olhar ao dele. — O que se passa, Sophie?

— Nada, — repetiu ela, preocupada que ele percebesse a preocupação que se acumulava nas suas entranhas. — Nada de importante. Fica-te bem, — acrescentou, desencantando um sorriso. — Todo apurcado e sensual.

— É só roupa.

Ela levou a mão ao coração, recuando um passo. — MacMillan, se pensas assim, ainda temos um imenso caminho a percorrer, até chegarmos a um consenso. — Pegou numa gravata, pousando-a sobre a camisa. — Sim, sem dúvida. Que tal te sentes nas calças? — Indagou, descendo as mãos para verificar a cintura.

— Importas-te? — Incomodado, ele afastou-lhe as mãos com rapidez.

— Se te quisesse apalpar, começava mais abaixo. Porque é que não experimentas o fato preto? O alfaiate já cá vem chatear-te.

Resmungou, como era seu costume, mas ficou aliviado em fugir para a privacidade do provador. Nos próximos minutos ninguém o ia chatear.

Não se sentia atraído por Sophia. De forma alguma. Mas a mulher andava a estudá-lo, a tocar-lhe. Era humano, ou não? Um humano do sexo masculino. E tivera uma reacção masculina humana perfeitamente natural.

Que não ia partilhar com um alfaiate qualquer, nem com uma empregada magricela chamada Shawn.

Ia voltar a acalmar-se e deixá-los medir o que fosse necessário. Ia comprar tudo o que Sophia impingisse e aguentar o suplício de tal decisão.

Como queria saber o que tinha acontecido entre a altura em que entrara a primeira vez no provador e saíra novamente. O que fosse, lançara a infelicidade naqueles seus olhos negros e enormes. Uma espécie de infelicidade que o impelia a disponibilizar um ombro onde ela se apoiasse.

Também era uma reacção normal, convencia-se, ao despir o fato às riscas para vestir o preto. Não gostava de ver nada nem ninguém a sofrer.

Ainda assim, perante as circunstâncias, ia manter-se firme e reagir de forma natural com ela.

Deu uma olhadela ao espelho, abanando a cabeça. Quem é que ambos iam enganar, vestindo-o naquele fato vistoso de três peças? Era um maldito agricultor, e bem feliz, por sinal.

Depois, cometeu o erro de olhar para a etiqueta. Não sabia que uma série de números tinha a capacidade de parar o coração.

Ainda estava em choque, e já nem um pouco remotamente excitado, quando Shawn entrou abrupta no provador com o alfaiate a reboque.

— Considera um investimento, — aconselhou Sophia ao conduzir o carro para fora da cidade, na direcção norte. — E, querido, estavas mesmo fabuloso.

— Cala-te. Não falo contigo.

Céus, como era giro, pensava ela. Quem diria? — Não comprei tudo o que disseste para comprar? Até aquela camisa de flanela horrorosa?

— Sim, e quanto é que te custou? Camisas, umas calças, um chapéu e botas. Não chegou a quinhentos dólares. A minha conta quase ultrapassou esse valor vinte vezes. Nem acredito que desperdicei dez mil dólares.

— Vais ter todo o ar de um executivo de sucesso. Sabes, se te conhecesse com aquele fato preto vestido, não me escapavas.

— Não me digas? — Tentou esticar as pernas no carro minúsculo, sem êxito. — Esta manhã não o trazia vestido, e também me querias.

— Não. Tive um impulso de luxúria momentâneo. Não teve nada a ver. Mas há alguma coisa num homem de fato apumado que mexe comigo. O que é que mexe contigo?

— Mulheres nuas. Sou um homem simples.

Ela riu-se e, satisfeita por se encontrar em estrada aberta, carregou no acelerador. — Não és nada. Pensava que eras, mas não és. Hoje safaste-te bem no escritório. Aguentaste-te sozinho.

— Palavras e imagens. — Encolheu os ombros. — Que é que tem de mais?

— Oh, então, não estragues tudo. Ty, não disse nada antes de irmos porque não queria influenciar-te com as minhas opiniões. Nem com a minha experiência, mas acho que te devo dar uma achega acerca da personalidade das pessoas com quem vais trabalhar mais de perto.

— O tipo é de trato fácil. Tem boa cabeça para o que faz e gosta do trabalho. Deve ser solteiro, por isso não tem ninguém a pressioná-lo para ser ambicioso. E gosta de trabalhar rodeado de mulheres bonitas.

— Andas lá perto. — Impressionada, lançou-lhe um olhar fugidio. — E que bela impressão, para alguém que alega não gostar de pessoas.

— Não gostar delas não significa que não as consiga perceber. Agora, a P.J. Empertigada... — Interrompeu-se ao ver que ela o olhava, e riu-se. — O que foi?

— P.J. Empertigada. É perfeito.

— Pois, bem, ela tem imensa energia. Tu intimida-la, mas ela esfor-

ça-se para que não se note. Quando crescer, quer ser como tu, mas é bastante jovem e ainda pode mudar de ideias.

— É fácil trabalhar com ela. Aceita tudo o que lhe atirarmos e dá-lhe um brilho fantástico. É boa a encontrar ângulos novos e aprendeu a não ter medo de esmagar uma ideia que nós acalentamos, e que ela não assimilou muito bem. Se encontrares algum imbróglio e eu não estiver perto para resolver, é ela que deves procurar.

— Porque a ruiva já me odeia, — concluiu Ty. — E também não te tem em muito boa conta. Quando crescer, não quer ser como tu. Quer ser como tu agora, e não se importava se tu, de repente, tivesses um acidente terrível que te atirasse para fora de cena, e ela assumisse o teu lugar a comandar as tropas.

— Assimilaste muita coisa no primeiro dia de aulas. Kris é boa, mesmo muito boa com conceitos, campanhas e quando se trata de algo em que realmente acredita, com pormenores. Não é boa gestora por tratar mal as pessoas e ter tendência para ser tirânica com os outros membros da equipa. E tens razão, de momento ela odeia-te só porque existes no que considera ser o seu espaço. Não é nada pessoal.

— Pois, mas é. É sempre pessoal. Não estou preocupado, mas se fosse a ti, tomava atenção. Ela não se importava nada de vincar as marcas dos saltos no teu traseiro.

— Já tentou e falhou. — Despreocupada, Sophia batia com as unhas no volante. — Sou muito mais forte do que as pessoas acham que sou.

— Já tinha percebido isso.

Ty recostou-se o melhor que pôde. Iam ver se ela ainda era tão dura, após umas semanas no campo.

O Inverno ia ser longo e gelado.

6.

Pilar estava quase a dormir, por fim, quando o telefone tocou às duas da manhã. Deu um salto na cama, agarrou no telefone ao mesmo tempo que o coração lhe saltava na garganta.

Um acidente? Morte? Tragédia?

— Estou. Sim?

— Sua cabra ignorante. Achas que me consegues assustar?

— O quê? — A mão tremia ao passá-la pelo cabelo.

— Não vou tolerar-te nem às tuas estúpidas tentativas de assédio.

— Quem fala? — Tentou acender a luz e pestanejou pelo brilho instantâneo.

— Sabes muito bem quem fala. Tens uma lata de merda em me telefonares, para despejares aquelas barbaridades. Cala-te, Tony. Vou dizer tudo o que quiser.

— Rene? — Reconhecendo a voz apaziguadora do marido ao fundo, Pilar esforçava-se por aclarar as ideias, para que os seus pensamentos abafassem o martelar do seu coração. — O que é isto? O que é que se passa?

— Não te armes em inocente. Pode funcionar com Tony, mas comigo não. Sei muito bem como tu és. Tu é que és a pega, querida, não eu. És a mentirosa de merda, a hipócrita de merda. Se voltares a ligar para cá outra vez...

— Eu não liguei. — Tentando manter-se calma, Pilar puxou os cobertores até ao queixo. — Não sei do que é que estás a falar.

— Foste tu ou a cabra da tua filha, e para mim vai dar ao mesmo. Vê se percebes de uma vez. És uma carta fora do baralho, e é assim há muitos anos. És uma amostra de mulher frígida e seca. Uma virgem com cinquenta anos. Eu e o Tony já falámos com os advogados, e estamos a legalizar aquilo que já toda a gente sabe há anos. Não há um homem que te queira. A não ser que seja pelo dinheiro da tua mãe.

— Rene, Rene. Pára. Pára agora. Pilar?

Pilar ouviu a voz de Tony erguer-se para lá do afluxo de sangue na sua cabeça. — Porque é que estás a fazer isto?

— Desculpa. Alguém ligou para cá, a dizer coisas perfeitamente horríveis a Rene. Está muito perturbada. — Ele tinha de gritar pelo meio de guinchos. — Claro que lhe disse que nunca farias uma coisa destas, mas ela... está alterada, — repetiu ele, parecendo esgotado. — Tenho de desligar. Amanhã telefono.

— Ela está alterada, — sussurrou Pilar, começando a embalar-se assim que se ouviu o sinal de que o telefone fora desligado. — Claro que ela precisa de se acalmar. E eu? E eu?

Desligou o telefone, atirando os cobertores para trás antes de ceder ao primeiro instinto e se enrolar numa bola defensiva por baixo deles.

Tremia ao vestir o roupão, ao procurar bem fundo da gaveta de *lingerie* o maço de cigarros secreto, para emergências. Enfiando-os no bolso, abriu as portas francesas com um empurrão e saiu para a noite.

Precisava de ar. Precisava de um cigarro. Precisava, pensava Pilar ao atravessar o terraço e ao descer a escadaria de pedra, de paz.

Não era suficiente que o único homem que amara, o único homem a que se dera não a tivesse acarinhado? Não a tivesse respeitado o suficiente para manter os votos? Será que agora tinha de ser atazanada pela substituta mais recente? Acordada a meio da noite, aos gritos, aos insultos?

Afastou-se da casa, atravessando os jardins, sempre pela escuridão, para que se alguém lá em casa acordasse e se chegasse à janela, não a visse.

Aparências, matutava, furiosa, ao descobrir que tinha as faces molhadas. *Temos de manter as aparências a todo o custo.* Não era nada bom que um criado visse a Sra. Giambelli a fumar ao relento, a meio da noite. Não era bom para ninguém ver a Sra. Giambelli a tentar ao máximo recalcar uma depressão nervosa com tabaco.

Uma dúzia de pessoas podia ter telefonado a Rene, pensava, amarga. E muito provavelmente merecia que todos a achincalhassem. Pelo tom de voz de Tony, Pilar sabia que ele tinha uma pequena ideia de quem fizera o telefonema. Era mais fácil, imaginava com amargura, deixar Rene acreditar que era a esposa descartada, em vez de mais uma amante real.

Era mais fácil deixar a sempre sofredora Pilar engolir as estaladas e os insultos.

— Não tenho cinquenta anos, — murmurou, lutando com o isqueiro. — Nem sequer sou virgem.

— Eu também não.

Ela girou, largando o isqueiro com um pequeno ruído do metal na pedra. O mau génio diluiu-se na humilhação, ao ver David Cutter avançar da escuridão para o luar.

— Desculpa se te assustei. — Debruçou-se para apanhar o isqueiro. — Mas achei melhor que soubesses que eu estava aqui, antes de continuares a conversa.

Acendeu o isqueiro, estudando as suas faces molhadas de lágrimas e as pestanas húmidas, iluminadas pela chama. Ela tinha as mãos a tremer, e ele segurou-as.

— Não conseguia dormir, — continuou ele. — Casa nova, cama nova. Vim dar um passeio. Queres que continue a caminhar?

Foi por educação, imaginava ela, que não bateu em retirada de forma célere e ingloria. — Não fumo. Oficialmente.

— Eu também não. — Ainda assim, inalou o ar cheio de fumo, de forma profunda e apreciadora. — Parei. Estava a matar-me.

— Nunca fumei oficialmente. Por isso, ocasionalmente, fujo e peço.

— O teu segredo está seguro comigo. Sou muito discreto. Às vezes deitar o fumo para cima de um estranho faz maravilhas. — Ao ver que ela se limitara a abanar a cabeça, enfiou os polegares nos bolsos dos jeans. — Mas que bela noite, depois daquela chuva toda. Queres dar uma volta?

Ela virou-se para voltar a correr para dentro, enterrar-se debaixo dos cobertores até que a nova mortificação passasse. Tinha bastantes motivos para saber que os embaraços desapareciam mais rapidamente quando erguia a cabeça e os enfrentava.

Por isso, caminhou com ele.

— Estás a instalar-te com a família? — Indagou ela, ao acertarem o passo.

— Estamos bem. É um período de ajuste. O meu filho meteu-se em trabalhos em Nova Iorque. Coisas de miúdos, mas já tinha entrado num padrão. Quis que mudasse de ares.

— Espero que sejam felizes aqui.

— Eu também. — Procurou um lenço no bolso das calças e, em silêncio, entregou-lho. — Estou ansioso que chegue amanhã, para ver de perto as vinhas. Agora estão espectaculares, com um toque de luar, resquícios de geada.

— És bom nisto, — murmurou ela. — Em fingir que não encontraste uma mulher histérica a meio da noite.

— Não estavas histérica. Só triste e zangada. — E linda, pensava ele. Roupão branco, camisa de noite preta. Como uma fotografia estilizada.

— Recebi um telefonema que me transtornou.

— Alguém se magoou?

— Só eu, e a culpa é só minha. — Parou, estacando para esmagar o cigarro e enterrá-lo nas folhas caídas junto ao carreiro. Depois virou-se, olhando para ele demoradamente.

Era um bom rosto, concluiu. Um queixo forte, olhos límpidos. Olhos azuis, lembrava-se. De um azul tão escuro que mais parecia preto, na penumbra da noite. O sorriso mais vago nos lábios dele dizia-lhe agora que sabia que estava a ser examinado, observado. E com paciência e confiança deixou que ela o fizesse.

Ela lembrava-se da forma como ele se rira ao abraçar os filhos. Um homem que amava os filhos, que os compreendia ao ponto de enfatizar os interesses deles a estranhos, como fizera com a sua mãe, inspirava confiança a Pilar.

De qualquer forma, era difícil manter as aparências, quando aparecia de roupão diante daquele homem a meio da noite.

— Já te decidiste? — Perguntou ele.

— Acho que sim. De qualquer forma, vocês estão todos a viver com a minha família, por isso vão ouvir coisas. Eu e o meu marido já estamos separados há alguns anos. Informou-me recentemente, muito recentemente, que nos vamos divorciar. A noiva é muito nova. Linda, perspicaz. E... muito nova, — repetiu, meio a rir. — Enfim, é ridículo a forma como isso me afecta. Não obstante, é uma situação esquisita e difícil.

— Vai ser mais esquisito e difícil para ele, se algum dia pensar bem do que está a abrir mão.

Ela levou um instante a assimilar o elogio. — És muito simpático.

— Não sou nada. Tu és linda, elegante e interessante.

E não estava acostumada a ouvi-lo, percebeu ele ao ver que ela o fitava. Isso também era interessante. — É muito para um homem abrir mão. O divórcio é duro, — acrescentou. — É uma espécie de morte, em especial se o levarmos a sério. Mesmo quando a única coisa que resta é a ilusão, é um choque dos diabos quando assistimos aos estilhaços.

— Sim. — Ela sentia-se reconfortada. — Pois é. Acabei de ser informada que os advogados vão legalizar o fim do meu casamento muito em breve. Por isso, talvez seja melhor começar a apanhar os cacós.

— Ou então podes varrer apenas alguns do caminho. — Tocou-lhe no ombro, deixando os dedos demorarem ao de leve, até que a sentiu tensa e a afastar-se ligeiramente. — Estamos a meio da noite. Algumas das regras diurnas não se aplicam às três da manhã, por isso vou ser muito directo. Sinto-me muito atraído por ti.

Ela sentiu um ligeiro aperto no estômago. Não fazia ideia se era de prazer ou ansiedade. — És muito lisonjeador.

— Não sou lisonjeador. É um facto. Lisonja é o que ouves de um tipo numa festa de *cocktail*, que está a pensar engatar-te. Eu sei isso bem.

Agora sorria para ela, um sorriso largo e fácil, igualzinho a quando a viu pela primeira vez. Aquele golpe de novo, desta vez mais forte e profundo. Ela percebia, estupidificada, que era uma pura atracção animal.

— Já lancei alguns piropos ao longo dos anos. Tal como imagino que já tenhas interceptado alguns. Por isso sou directo. — Agora, o sorriso desaparecia e os olhos, escuros nas sombras, ficaram em silêncio, sérios. — Assim que abriste a porta hoje, foi como se tivesse sido atingido por um relâmpago. Há muito tempo que não me sentia assim.

— David. — Ela recuou mais um passo, mas estacou, assim que ele lhe pegou na mão.

— Não te vou lançar nenhum truque. Mas pensei nisso. — Continuava a observá-la, firme, intenso enquanto a sua pulsação começava a acelerar. — Talvez seja por isso que não consigo dormir.

— Mal nos conhecemos. E eu sou... — *Uma virgem com cinquenta anos*. Não, pensava ela, uma ova é que era. Mas andava perto. Bem perto.

— É verdade. Não fazia intenção de falar nisto tão depressa, mas pareceu-me o momento. Uma mulher linda de roupão branco, um jardim salpicado pelo luar. Não se pode pedir a um homem que resista a tudo. Além do mais, dá-te algo em que pensar.

— Sim, sem dúvida. Tenho de ir.

— Queres jantar comigo? — Levou a mão dela aos lábios, também lhe parecia o momento adequado para isso. Apreciou o ligeiro tremor, o perfume subtil. — Em breve?

— Não sei. — Puxou a mão que estava presa na dele e sentiu-se uma rapariguinha tola e ofegante. — Eu... boa-noite.

Apressou-se a subir o carreiro e quando chegou aos degraus, já estava sem fôlego. Tinha o estômago aos saltos, o coração martelava no peito. Havia certas sensações que já não experimentava há muito tempo, e quase se tornavam embaraçosas.

Mas já não se sentia zangada. Já não se sentia triste.

Era meia-noite em Nova Iorque, quando Jeremy DeMorney atendeu o telefonema. Considerava a pessoa do outro lado da linha um mero instrumento. Que podia usar como bem lhe apetecesse.

— Estou pronto. Pronto para passar à fase seguinte.

— Bom. — Sorrindo, Jerry serviu-se de um cálice de *brandy*. — Levaste imenso tempo a tomar uma decisão.

— Tenho muito a perder.

— E mais a ganhar. Os Giambelli estão a usar-te e vão enxotar-te como um insecto, se for o que lhes convém. Sabes bem, sabes.

— O meu cargo ainda está seguro. A reorganização ainda não mudou isso.

— Por agora. Não me estarias a telefonar, se não estivesses preocupado.

— Estou cansado, só isso. Estou farto de não ser reconhecido pelo meu empenho. Não quero saber se estou a ser vigiado ou avaliado por estranhos.

— Naturalmente. Sophia Giambelli e Tyler MacMillan estão a ser polidos para calçarem as botas da família, quer as mereçam ou não, e vão calçá-las. Mas também há David Cutter. Um indivíduo esperto. *La Coeur* lamenta perdê-lo. Vai lançar um olhar mais atento a todas as áreas da empresa. Um olhar bem atento que pode muito bem revelar certas... discrepâncias.

— Fui cauteloso.

— A cautela nunca é de mais. O que é que tencionas trazer agra para a berlinda? Tem de ser melhor do que a tática que discutimos antes.

— O centenário. Se houver problemas durante a fusão, que passe para o ano seguinte, vai corroer as bases da empresa. Posso tomar algumas medidas.

— Envenenar um velho, por exemplo?

— Foi um acidente.

O pânico, o tom gemido fez Jerry sorrir. Era tudo tão perfeito. — É isso que lhe chamas?

— A ideia foi tua. Disseste que ele só ia ficar doente.

— Oh, tenho tantas ideias. — Inconsequente, Jerry examinava as unhas. *La Coeur* pagava-lhe para as ter, ideias menos radicais, tanto quanto por se chamar DeMorney. — Foste tu que a levaste a cabo, amigo. E fizeste asneira.

— Como é que podia saber que ele tinha o coração fraco?

— Já te disse, a cautela nunca é de mais. Já que ias matar alguém, devias ter logo investido na velha. Com ela fora de cena, eles nunca iam conseguir acompanhar-nos a tempo.

— Não sou nenhum assassino.

— Lamento, mas discordo. — *É isso mesmo que és*, pensava Jerry. *E por causa disso estás disposto a tudo, a qualquer coisa que eu pedir, agora.* — Será que a polícia italiana está interessada ao ponto de exumar o corpo de Baptista e mandar fazer testes, no caso de receberem um telefonema anónimo com informações? Mataste, — disse Jerry, após uma longa pausa. — É melhor preparares-te para fazeres o que for necessário para te salvaguardares. Se quiseres a minha ajuda, e o meu apoio financeiro para continuares, é melhor começares a mostrar o que podes fazer por mim. Podes começar por obter cópias de tudo. Dos papéis legais, contratos, dos planos para a campanha de publicidade. Todo e qualquer passo. Os registos dos vinicultores. Veneza e Napa.

— Vai ser arriscado. E deve demorar.

— Vais receber pelo risco. E pelo tempo. — Era um homem paciente, abastado, e podia dar-se ao luxo de ambos. Ia investir em ambos, para enterrar os Giambelli. — Não me voltes a contactar, a não ser que tenhas algo de útil.

— Preciso de dinheiro. Não vou conseguir o que pediste se não...

— Dá-me algo que possa usar. Só depois recibes o pagamento. Entrega contra reembolso, amigo. É assim que funciona.

— São videiras. *Grande coisa.*

— Para nós, vão ser uma grande coisa. As videiras, — informou David ao filho amuado, — são o que vai comprar os hambúrgues e batatas fritas num futuro próximo.

— Vão comprar o meu carro?

David olhou de relance pelo espelho retrovisor. — Não abuses da sorte, pá.

— Pai, não podemos viver aqui em Nenhures sem um carro.

— Assim que deixares de respirar, entro no primeiro *stand* de vendas de carros usados.

Há três meses, bolas, pensava David, há três semanas, aquele comentário teria resultado num silêncio gelado ou num comentário infeliz

por parte do filho. O facto de a resposta de Theo ter sido engolir em seco, esbugalhar os olhos e deixar-se cair no banco de trás aqueceu o coração do pai.

— Eu sabia que devíamos ter ido às aulas de socorrismo, — comentou David descontraído, ao virar para a Herdade MacMillan.

— Não faz mal. Se ele morrer, mais batatas ficam para nós.

Maddy não se importava de sair cedo. Não se importava de andar de carro pelos montes e vales. A única coisa que se importava era não ter nada para fazer. A sua maior esperança de momento era que o pai cedesse e comprasse um carro ao Theo. Assim, já podia chatear o irmão para a levar a passear algures. Fosse onde fosse.

— Que lugar bonito. — David parou a carrinha e saiu, para ver os campos e os trabalhadores a podar as videiras com firmeza, na geada matinal. — E isto, tudo isto, meus filhos, — prosseguiu, deslizando um braço sobre cada um deles, quando se aproximaram, — nunca será vosso.

— Talvez um deles tenha uma filha toda gira. Casamos e depois tu ficas a trabalhar para mim.

David estremeceu. — Estás a assustar-me, Theo. Vamos lá espreitar.

Ty avistou o trio a dirigir-se pelas fileiras abaixo e praguejou entre dentes. Turistas, pensou, na esperança de uma visita guiada e de um guia simpático. Não tinha tempo para ser simpático. E não queria forasteiros nos seus campos.

Ia começar a fazer corta-mato para os interceptar, mas parou e olhou para Sophia. Concluiu que aquele era o campo dela. Ela que lidasse com as pessoas, que ele tratava das vinhas.

Foi ter com ela, reparando contrariado que estava a fazer o seu trabalho, e bem. — Estão a chegar uns turistas, — informou ele. — Porque é que não fazes aqui uma pausa e os levas à adega, à sala de provas? Alguém deve estar por lá, para fazer a visita habitual.

Sophia endireitou-se, virando as atenções para os recém-chegados. O pai e o filho pareciam saídos da *Leroy Merlin*, concluiu, enquanto a filha dera uma guinada abrupta para o lado gótico.

— Claro, eu recebo-os. — *E vou buscar uma bela chávena de café quente, pelo incómodo.* — Mas antes uma olhada breve ao terreno, uma explicação informativa sobre a fase da poda, que depois leva subtilmente à adega, onde o pai se vai sentir mais inclinado a comprar umas garrafas.

— Não quero civis a vaguear pelos meus terrenos.

— Não sejas tão territorial e resmungão. — Ela pôs um sorriso brilhante, agarrando a mão de Ty com firmeza para o arrastar na direcção da família.

— Bom-dia! Bem-vindos à Herdade MacMillan. Sou a Sophia, e eu e o Tyler temos muito gosto em responder a qualquer dúvida que possam ter. De momento, estamos a proceder à poda de Inverno. É uma parte essencial, até crucial do processo de produção de vinho. Estão a fazer turismo no vale?

— De certa forma. — Tinha os olhos da avó, pensava David. Com a mesma forma e profundidade. Os de Pilar eram mais meigos, leves, com uma centelha dourada. — Na verdade, queria muito conhecer-vos. Sou David Cutter. Estes são os meus filhos. Theo e Maddy.

— Oh. — Sophia recuperou depressa, aceitando a mão que David lhe estendia, enquanto a sua mente avançava. *Vieram espíar-nos*, pensava ela. Bom, a situação podia ser recíproca.

Até à data, a sua pesquisa apenas revelara que David Cutter era divorciado, pai solteiro de dois filhos, e ascendera na escadaria da empresa *La Coeur* com mão firme e competente, há mais de duas décadas.

Ia determinar melhor cara a cara. — Bom, bem-vindos mais uma vez. Todos. Querem conhecer a adega ou a casa?

— Gostava de dar uma olhadela aos campos. Há algum tempo que não vejo o processo de poda. — Medindo a disposição, a cautela e o ressentimento, David voltou-se para Tyler. — Tem umas belas vinhas, Sr. MacMillan. E delas provém um produto superior.

— Nisso tem toda a razão. Tenho trabalho à minha espera.

— Tem de desculpar Tyler. — Cerrando os dentes, Sophia passava o braço pelo dele como uma corda que o sustinha no sítio. — Ele tem um foco muito limitado, e neste momento a única coisa que consegue alcançar são as vinhas. Além do mais, não possui qualquer capacidade social discernível. Pois não, MacMillan?

— As vinhas não precisam de conversa fiada.

— Tudo o que cresce beneficia de um estímulo auditivo. — Maddy nem pestanejou perante a expressão irritada de Ty. — Porque é que podam no Inverno? — Indagou ela. — Em vez de no Outono ou no início da Primavera?

— Podamos durante a época de repouso.

— Porquê?

— Maddy, — interrompeu David.

— Não faz mal. — Ty olhou para ela com mais atenção. Podia vestir-se como uma aprendiz de vampiro, pensava, mas tinha um rosto inteligente. — Esperamos pela primeira geada forte, que vai obrigar as vinhas a entrar em repouso. Podá-las no Inverno diminui a colheita. Mas o que procuramos é qualidade, não quantidade. As vinhas com muito fruto produzem uvas de qualidade inferior.

Voltou a desviar o olhar para David. — Não me parece que tenham muitas vinhas em Manhattan.

— É verdade, e é um dos motivos para ter aceitado este trabalho. Tinha saudades dos campos. Há vinte anos, passei um mês de Janeiro muito frio e molhado em Bordéus a podar vinhas para a *La Coeur*. Já fiz muito trabalho de campo ao longo dos anos, só para não perder o jeito. Mas nada se compara àquele longo Inverno.

— Pode mostrar-me como se faz? — Perguntou Maddy a Tyler.

— Bom, eu...

— Eu mostro-te. — Com pena de Tyler, Sophia emanava alegria. — Porque é que tu e o Theo não vêm comigo? Vemos mais de perto como é que isto se faz antes de irmos para a adega. Na verdade, é um processo fascinante, apesar de esta fase parecer um pouco básica. É necessária precisão, e bastante prática. Já vos mostro. — Levou os miúdos com ela.

— Theo vai tropeçar na própria língua. — David soltou um suspiro. — É uma mulher linda. Não o posso condenar.

— Pois, é gira.

O tom de aviso levou David a contrariar um sorriso. Assentiu com sobriedade. — E já tenho idade para ser pai dela, por isso não tem que se preocupar nesse sentido.

Do seu ponto de vista, Cutter era mesmo do tipo que costumava agradar a Sophia. Mais velho, elegante, com classe. Por baixo da roupa rude, havia classe. Lá por ser agricultor não queria dizer que não percebesse.

Mas a questão não era essa.

— Não há nada entre mim e Sophia, — disse ele, bastante decidido.

— Mesmo assim. Vamos deixar tudo bem claro, ok? Não vim aqui para o atrapalhar, nem interferir com a sua rotina. Você é que é o vinicultor, MacMillan, não eu. Mas tenciono fazer o meu trabalho, e de me manter a par de cada passo e fase das vinhas.

— Tem os escritórios. Eu tenho os campos.

— Não inteiramente. Fui contratado para coordenar, supervisionar, e fui contratado por saber de vinhas. Não sou só um fatinho e, francamente, estava cansado de tentar ser um. Importa-se?

Pegou na tesoura que pendia do cinto de Tyler e voltou-se para a fila atrás de si. Sem luvas, ergueu as canas e estudou, para fazer o corte.

Foi rápido e eficaz. E correcto.

— Conheço as videiras, — repetiu David, devolvendo a ferramenta a Tyler. — Mas isso não as torna minhas.

Irritado, Tyler pegou na ferramenta, enfiou-a de volta no estojo como uma espada na bainha. — Está bem, vamos deixar tudo bem claro. Não gosto que venham espreitar por cima do meu ombro, sabendo que me vão

dar notas como se andasse outra vez no liceu. Estou aqui para fazer vinho, não amigos. Não sei como é que faziam as coisas na *La Coeur*, nem quero saber. Sou eu que mando nesta vinha.

— Mandava, — disse David, calmo. — Agora mandamos nós, quer gostemos quer não.

— Não gostamos nada, — declarou, breve, e afastou-se.

Teimoso, inflexível, territorial, pensava David. Ia ser uma batalhazinha interessante. Desviou o olhar para onde Sophia se encontrava, a entreter os miúdos. As hormonas saltitantes de Theo emitiam raios de uma luminosidade vermelha, impregnada de sexo. E isso, pensava David, ia ser complicado.

Foi ter com eles, observou com aprovação a filha a cortar uma cana. — Bom trabalho. Obrigado, — disse ele a Sophia.

— O prazer é meu. Presumo que vai querer falar comigo sobre uma actualização dos planos da campanha publicitária. Estou a montar um escritório na *villa*. Esta tarde dá-lhe jeito? Talvez às duas horas.

Rapariga inteligente, pensava ele. Dá o primeiro passo, apalpa o terreno. Que família. — Claro, por mim tudo bem. Vou só fazer com que estes dois a deixem em paz.

— Quero ver o repouso, — disse Maddy. — Em casa não tenho nada que fazer. É uma chatice.

— Ainda não acabámos de desfazer as malas.

— Está com muita pressa? — Sophia pousou a mão no ombro de Maddy. — Se não estiver, pode deixar Theo e Maddy comigo. Tenho de voltar para a *villa* daqui a uma hora, e posso deixá-los em casa. Estão na casa de hóspedes, certo?

— Sim. — Olhou para o relógio. Ainda tinha algum tempo antes da reunião. — Se eles não atrapalharem.

— De todo.

— Óptimo. Vemo-nos às duas. Vocês não se metam em sarilhos.

— Até parece que andamos à procura deles, — resmungou Maddy, entre dentes.

— Se não o fizerem, — disse Sophia ao ver David afastar-se, — é porque não estão a divertir-se muito.

Gostava dos miúdos. As dúvidas incessantes de Maddy eram divertidas, e mantinham-na alerta. E era encantador, ver que um adolescente nutria por ela uma paixoneta à primeira vista.

Além disso, quem é que poderia saber mais sobre um homem, o seu comportamento ou pensamento do que os próprios filhos? Uma manhã com os filhos de David Cutter seria interessante e, acreditava, esclarecedor.

— Vamos arrastar Ty daqui, — sugeriu Sophia, — e obrigá-lo a mos-

trar-nos a adega. Não estou tão familiarizada com o funcionamento da Mac-Millan como com o da Giambelli. — Guardou a tesoura — Vamos todos aprender alguma coisa.

Pilar caminhava pela sala da juíza Helen Moore, tentando não se afligir. A sua vida, pensava, entrava num descabro fora do seu controlo. Não tinha a certeza de conseguir recuperá-la. Pior, já não tinha a certeza de quanto dela ainda queria manter.

Seguira nessa direcção, disso não havia qualquer dúvida. Estava tão farta de se sentir usada e inútil.

Acima de tudo, precisava de um amigo.

Naquela manhã, mal vira a mãe ou a filha. De propósito. Era covarde, pensava, evitar quem lhe era mais próximo. Mas precisava de tempo para avaliar os estragos, para tomar decisões, para camuflar a mágoa ridícula que ainda lhe arranhava as entranhas.

Por instinto, levou a mão ao dedo para brincar com a aliança de casamento e sentiu um sobressalto súbito ao perceber que já não estava lá. Tinha de se habituar àquele dedo despido. Não, raios a partissem se ia habituar-se. Hoje à tarde ia sair, para comprar algo estupidamente caro, uma bugiganga de arregalar os olhos, para ocupar o terceiro dedo da mão esquerda.

Era um símbolo, convencia-se. De liberdade e de um novo começo.

De falhanço.

Com um suspiro derrotista, deixou-se cair numa cadeira assim que Helen entrou.

— Desculpa, demorámo-nos um pouco.

— Não faz mal. De toga, tens sempre um ar tão distinto e assustador.

— Se algum dia perder estes sete quilos a mais, vou começar a vestir um biquíni por baixo. — Despiu a toga e pendurou-a. Em vez de um biquíni, vestia um singelo fato castanho.

Demasiado matrona, pensava Pilar. Demasiado grande. E muito ao estilo de Helen.

— Agradeço imenso teres conseguido arranjar um tempinho para me receber. Sei como és ocupada.

— Temos duas horas. — Helen sentou-se na cadeira atrás da secretária, descalçou os sapatos e encolheu os dedos dos pés. — Queres sair para almoçar?

— Nem por isso. Helen... sei que não és especialista em Direito da família, mas... o Tony está a avançar para acabar com o processo rapidamente. Eu não sei o que fazer.

— Posso tratar de tudo, Pilar. Ou posso recomendar alguém. Conheço vários tubarões astutos à altura da tarefa.

— Ficava muito mais à vontade se fosses tu a tratar do caso, e se mantivesses tudo o mais simples possível. E limpo.

— Bom, mas que desilusão. — Franzindo a testa, Helen empurrou os óculos. — Adorava pôr Tony a sangrar pelos ouvidos. Preciso da tua documentação fiscal, — começou ela, pegando num pequeno bloco amarelo para fazer anotações. — Felizmente, convenci-te a custo que separasses as tuas finanças das dele, há séculos. Mas vamos assegurar o teu couro. Ele bem pode vir com exigências, a nível monetário, imobiliário e outras mais. *Não* vais concordar com nada.

Baixou os óculos para fitar Pilar sobre a armação, com uma expressão que aterrorizava os advogados. — Estou a falar a sério, Pilar. Ele não vai conseguir nada. *Tu* é que és a parte lesada. É ele quem quer o divórcio. Quer voltar a casar. Vai sair com aquilo que entrou. Não vou permitir que ele lucre com isto. Percebeste?

— Não é uma questão de dinheiro.

— Para ti, não. Mas ele vive bem, e vai querer continuar a viver bem. Quanto é que achas que gastaste com ele na última década, mais ou menos?

Pilar mudou de posição, incomodada. — Helen...

— Exactamente. Empréstimos que caem em saco roto. A casa em São Francisco, a casa em Itália. O recheio de ambas.

— Vendemos...

— Ele vendeu, — corrigiu Helen. — Na altura não quiseste, mas agora vais ouvir-me, senão podes procurar outra advogada. Nunca recuperaste a tua parte justa dos bens imobiliários, que, já de si, foram pagos com o teu dinheiro. E sei muito bem que ele enfiou no bolso uma boa parte das tuas jóias e da propriedade privada. Isso acabou por aqui.

Empurrou os óculos para cima e recostou-se. O gesto, a linguagem corporal mudou de juíza para amiga. — Pilar, adoro-te, e é por isso que te vou dizer isto. Deixaste que te tratasse como capacho. Chiça, foi como se tivesses um letreiro nas mamas a dizer «*Bem-Vindo*» e o convidasses a espezinhar-te. E eu, assim como todos os que te adoram, odiámos ter de assistir ao espectáculo.

— Talvez o tenha feito. — Não ia chorar agora; apenas absorver a mágoa recente. — Amava-o, e parte de mim achava que se ele precisasse de mim o bastante, também me ia amar. Aconteceu uma coisa ontem à noite, que mudou tudo. Talvez me tenha mudado a mim.

— Conta-me.

Levantando-se, Pilar vagueou pelo escritório e contou a Helen o telefonema. — Quando o ouvi a desculpar-se de forma desajeitada, a dar-me a volta depois de Rene me ter atacado, fiquei enojada com todos nós. Mais tarde, depois de ter recuperado a calma, percebi uma coisa. Já não o amo,

Helen. Talvez há anos que não amava. E isso faz de mim uma miserável.

— Agora, já não. — Helen pegou no telefone. — Vamos encomendar comida. Já te explico o que tens de fazer. Depois, querida, pomos mãos à obra. Por favor. — Estendeu a mão. — Deixa-me ajudar-te. Ajudar a sério.

— Ok. — Pilar suspirou. — Ok. Vai demorar mais de uma hora?

— Não deve ser preciso. Carl? Pede-me duas coxas de frango, salada à parte, dois *cappuccinos* e uma garrafa grande de água com gás. Obrigada. — Desligou o telefone.

— Perfeito. — Pilar sentou-se novamente. — Existe por aqui perto alguma joalharia boa e bem cara?

— Por acaso, até existe. — Porquê?

— Se ainda tiveres tempo, antes de voltares a vestir a toga, podias ajudar-me a comprar qualquer coisa simbólica e ostensiva. — Estendeu a mão esquerda. — Algo que deixe Rene doida, quando vir.

Helen assentiu em aprovação. — Estou a gostar de te ouvir.

7.

O domingo entrou pela semana, como um bálsamo numa urticária subtil e desconcertante. Não ia passar as horas da manhã coberta de lã e flanela, a podar videiras. Não queria ter Ty à perna, só à espera que cometesse algum erro.

Ia de carro à cidade, fazer algumas compras, ver pessoas. Já nem se conseguia lembrar de como era ter vida própria.

Com esta ideia no pensamento, Sophia pensou em telefonar a uma das suas amigas para combinar umas horas de convívio. Mas depois decidiu que talvez preferisse passar aqueles momentos de frivolidade com a mãe.

No próximo dia que tivesse livre, pensou, ia fazer planos com as amigas. Ia passar o fim-de-semana a São Francisco, organizar uma festa com jantar no seu apartamento, ir a uma discoteca. Agora, ia chatear a mãe para passar um dia numa saída de mulheres.

Sophia bateu com firmeza à porta do quarto da mãe, e depois abriu-a sem esperar por uma resposta. Nunca tivera de esperar pela mãe.

A cama já estava feita, as cortinas abertas para a luz do Sol titubeante. Assim que Sophia entrou, Maria apareceu da casa de banho adjacente.

— Mamã?

— Oh, há muito que se levantou. Acho que está na estufa.

— Vou ter com ela. — Sophia recuou, hesitando. — Maria, mal a vi a semana toda. Está tudo bem com ela?

Maria mordeu os lábios ao mesmo tempo que remexia desnecessariamente nas rosas amarelas sobre a cómoda de Pilar. — Não anda a dormir

bem. Dá para ver. Come como um passarinho e só por insistência. Ontem confrontei-a e ela diz que é o *stress* das férias. Que *stress*? — Maria atirava as mãos ao ar. — A sua mamã adora o Natal. É aquele homem que a está a preocupar. Não vou falar mal do seu pai, mas se ele deixa a minha bebé doente, vai ter de se ver comigo.

— Tira senha, — murmurou Sophia. — Nós tomamos conta dela, Maria. Agora, sou eu que vou andar em cima dela.

— Veja se ela come!

Natal, pensava Sophia ao descer as escadas a correr. Era a desculpa perfeita. Ia pedir à mãe que lhe desse uma ajuda com compras de Natal de última hora.

Perscrutou a casa ao percorrer as divisões a correr. As plantas de Natal da mãe, estrelas vermelhas e brancas em dezenas de vasos prateados, estavam misturadas com azevinho em miniatura pelo *foyer*. Verduras frescas enlaçadas a luzes brancas minúsculas e laços vermelhos brilhantes que enfeitavam as portas.

Os três anjos Giambelli repousavam sobre a enorme mesa de refeições na sala da família. Tereza, Pilar e Sophia, pensava, os rostos esculpidos que espelhavam cada uma delas aos doze anos.

Como eram parecidas. Era sempre uma súbita surpresa, um pequeno sobressalto de prazer vê-las. A continuidade, o laço de sangue inegável das três gerações. Ficara maravilhada quando lhe deram o seu anjo, há tantos anos atrás. Maravilhada por ver as suas feições tão graciosas, o corpo alado. E, percebia ao deslizar o dedo pelos três, ainda ficava.

Um dia ia recair sobre ela encomendar um anjo para um filho seu. Que ideia estranha, matutava. Nada desagradável, mas certamente estranha. A geração seguinte, quando chegasse a altura, era ela quem ia começar.

A avaliar pelos que a precediam, estava algo atrasada nesse dever familiar concreto. Mas também, não era algo que pudesse planear no calendário mensal. Apaixonar-se. Casar. Engravidar.

Não, essas coisas não eram parte integrante de uma vida. Imaginava que ia apreciar essas coisas com o homem certo na altura certa. Mas era fácil, demasiado fácil, cometer um erro. E o amor, o casamento, os filhos não podiam ser riscados casualmente do calendário, como uma consulta inconveniente ao dentista.

A não ser que fosse Anthony Avano, corrigiu, irritando-se pelo momento instantâneo de ressentimento que acompanhou aquela ideia. Naquela área, não fazia qualquer intenção de seguir as pisadas do pai. Ao fazer a escolha, e as promessas que a acompanhavam, ia mantê-las.

Por agora, os três anjos teriam de ser suficientes. Virou-se para estudar a sala. Velas em castiçais e cecos prateados e dourados, mais verduras

dispostas com sentido de arte. A árvore grande, uma de quatro que, segundo a tradição, iam ficar dispostas por toda a *villa*, escorria grinaldas de cristal, carregada de ornamentos preciosos provenientes de Itália, assumindo uma postura régia junto às janelas. Já havia presentes aninhados por baixo dela e a casa cheirava a pinheiro e a cera de vela.

O tempo escapulira-se pelos seus dedos, pensou com um certo sentimento de culpa. Fora o que acontecera a grande parte dele. A mãe, a avó e o pessoal doméstico haviam trabalhado como troianos para enfeitar a casa para o Natal, enquanto ela se enterrara no trabalho.

Devia ter investido algum tempo, *arranjado* tempo para ajudar. *Não apontaste na agenda dos compromissos, pois não, Sophia?* Pensou, pestanejando. A festa de Natal anual estava quase a chegar, e não fizera nada para ajudar a planeá-la, ou com os preparativos.

Teria de emendar a situação de imediato.

Saiu pela porta lateral, para logo se arrepender de não ter ido buscar um casaco, uma vez que o vento até cortava. Viu-se, então, obrigada a correr pelo caminho de pedras sinuoso até à estufa.

O calor húmido era muito convidativo. — Mamã?

— Aqui em baixo. Sophie, espera só até veres os meus narcisos brancos. Estão espectaculares. Acho que os vou levar com as amarílis para a sala. Muito festivos.

Pilar parou e olhou para cima. — Onde está o teu casaco?

— Esqueci-me. — Sophia debruçou-se e beijou as faces da mãe, para depois lhe dedicar um olhar demorado.

A velha camisola da mãe estava arregaçada até aos cotovelos e larga junto às ancas. Tinha o cabelo apanhado atrás, na nuca. — Estás mais magra.

— Oh, não estou nada. — Pilar recusava o comentário com um aceno, as mãos cobertas de luvas de jardinagem sujas. — Andaste a conversar com a Maria. Se não me atafulhar pelo menos três vezes ao dia, ela fica convencida que vou acabar por definhar. Se queres saber, roubei dois bolinhos de açúcar pelo caminho e estou à espera que vão direitinhos para as ancas a qualquer momento.

— Isso deve durar até à hora de almoço. Que eu te vou oferecer. Estou tão atrasada nas compras. Socorro.

— Sophia. — Abanando a cabeça, Pilar afastou os pés compridos de narcisos e começou a remexer nas túlipas, que acabara de plantar. Iam florescer, pensou, e trazer cor aos dias cinzentos de Inverno. — Começaste as compras de Natal em Junho e acabaste em Outubro. Tal como sempre fazes, só para que todos nós te odíamos.

— Ok, apanhaste-me. — Sophia levantou-se para se sentar em cima da bancada de trabalho. — Mesmo assim, estou deserta por voltar à cidade

e passar umas horas bem passadas. Tem sido uma semana brutal. Vamos fugir só por um dia.

— Ainda há uns dias lá estive. — Franzindo o sobrolho, Pilar pousou as túlipas ao lado. — Sophie, esta nova situação que a tua avó está a levar a cabo está a ser de mais para ti? Levantas-te todos os dias de madrugada, e depois passas horas aqui no escritório. Sei que nunca mais estiveste com os teus amigos.

— Gosto de trabalhar sob pressão. No entanto, dava-me jeito uma assistente, e acredito que és bem capaz de assumir esse papel.

— *Cara*, ambas sabemos que seria inútil para ti.

— Não sei nada. Ok, avançamos para o Plano B. Vou pôr-te a trabalhar. Já trataste da decoração toda da casa e está linda, a propósito. Desculpa não ter ajudado.

— Tens andado ocupada.

— Não devia estar assim tanto. Mas agora está na hora de trabalho de escritório, e isso vai recair nos meus tempos livres. Tens de me manter actualizada quanto a isso, o que faz parte do trabalho de uma assistente. Agora, que flores queres levar para dentro? Ajudo-te com elas e depois podemos começar.

A rapariga, pensava Pilar, punha-lhe a cabeça a andar à roda. — Sophie, a sério.

— Sim, a sério. És a estagiária. Eu sou a chefe. — Saltou de cima da bancada e esfregou as mãos uma na outra. — Agora vou compensar todos aqueles anos em que me deste ordens. Especialmente entre os doze e os quinze anos.

— Não, não nos anos das hormonas. Não podes ser assim tão cruel.

— Aposto para ver. Perguntaste-me se esta nova situação estava a ser de mais para mim. Não está. Mas anda lá perto. É um facto. Não estou habituada a arquivar as minhas papeladas, a tratar dos recados telefónicos e da dactilografia. Como não vou admitir à *nonna*, nem a MacMillan, que estou a ficar num certo aperto, podias dar-me uma ajuda.

Pilar soltou um suspiro, descalçando as luvas com um puxão. — Estás a fazer isto para me manteres ocupada, exactamente como a Maria, quando me chateia para comer.

— Em parte, — admitiu Sophia. — Mas isso não muda o facto de eu perder tempo todos os dias a fazer trabalho administrativo básico. Se conseguisse não me preocupar com isso, talvez pensasse em voltar a sair de vez em quando nesta década. Sinto falta de homens.

— Está bem, mas não me culpes se não conseguires encontrar nada nas pastas. — Pilar puxava o elástico fino do cabelo, alisando-o com os de-

dos. — Desde os dezasseis anos que não faço trabalho administrativo, e nessa altura era tão má que a mamã me despediu.

Virou-se e começou a rir, para depois reparar que Sophia olhava boquiaberta para a sua mão.

Envergonhada, Pilar quase escondeu a mão, e o rubi quadrado de cinco quilates, atrás das costas. — Exagerei um pouco, não achas?

— Não sei. Acho que estou cega só do brilho. — Sophia pegou na mão da mãe, examinou a pedra e os maravilhosos diamantes cravados em redor do quadrado. — Uau. *Magnifico*.

— Queria comprar alguma coisa. Devia ter-te contado. Tens andado ocupada... Bolas. — Pilar tentava explicar. — Usei a tua agenda como desculpa para evitar falar contigo. Desculpa.

— Não tens de pedir desculpa por comprares um anel, mamã. Se bem que eu acho que esse aí pode ser considerado um monumento.

— Estava zangada. Nunca debes fazer nada quando estás zangada. — Para ter algo que fazer, Pilar pegou nas ferramentas de jardinagem e começou a guardá-las no sítio. — Querida, Helen está a tratar do divórcio. Eu devia...

— Ótimo. Ela não vai deixar que ele te esprema. Não olhes assim para mim, mamã. Sempre tiveste cuidado, a minha vida toda sempre tiveste o cuidado de não falar mal do meu pai. Mas não sou cega e nem sou estúpida.

— Não. — Dominada pela tristeza, Pilar pousou a pequena pá. — Nunca foste nada disso. — E vira, compreendera mais do que uma criança devia.

— Se permitires, ele tira-te o dinheiro e tudo o que ainda não roubou. Vai ser mais forte do que ele. Sinto-me melhor sabendo que a tia Helen está a tratar dos teus interesses. Agora, vamos levar estas flores para dentro.

— Sophie. — Pilar pousou a mão no braço da filha, assim que Sophia pegou num vaso de amarílis. — Lamento muito que isto te magoe.

— Tu nunca me magoaste. Ele sim. Acho que também é mais forte do que ele. — Pegou noutra vaso. — Rene vai engolir aquela língua, assim que vir essa pedra.

— Eu sei. A ideia era essa.

Por mais de cinquenta anos, a Giambelli, Califórnia, organizou festas de Natal para a família, amigos, funcionários e associados. À medida que a empresa foi crescendo, o mesmo sucedeu com a lista de convidados.

Seguindo a tradição imposta pela linhagem italiana da empresa, as festas aconteciam em simultâneo no último sábado antes do Natal. A casa ficava aberta para a família e os amigos, e a adega para os funcionários. Os

associados, dependendo do cargo na hierarquia da empresa, eram distribuídos pelos locais apropriados.

Os convites para a casa principal eram valorizados como ouro e muitas vezes encarados como símbolo de estatuto ou sucesso. Não obstante, os Giambelli não limitavam as festividades à herdade. A comida era elegante e farta, o vinho fluía livremente e tanto as decorações como a diversão eram de alto nível.

Esperava-se que cada membro da família aparecesse em ambos os eventos.

Habituada à dinâmica desde os quinze anos, Sophia estava bem ciente de que a festa da herdade era muito mais divertida. E com muito menos conversas irritantes.

Conseguia ouvir um dos rebentos da prima Gina a guinchar do outro lado do corredor. As suas esperanças de que Don e a sua horda ficassem em Itália tinham ido por água abaixo na noite anterior, ao vê-los chegar.

Ainda assim, a sua presença não era tão perturbadora quanto a do pai e Rene. A mãe insistira em convidá-los, entrando em rota de colisão com *La Signora* na matéria. O consolo era que o convite fora feito para a herdade.

Esse facto, pensava ao apertar as lágrimas de diamante nas orelhas, ia bater fundo no orgulho de Rene.

Recuou, estudando os resultados no espelho giratório. A túnica prateada com a jaqueta curta e justa combinavam bem. A gola alta era um bom fundo para o colar de diamantes. Tanto ele como os brincos haviam sido da bisavó.

Voltou-se, verificando a bainha da saia, e ao ouvir bater à porta, pediu que entrassem.

— Vejam só! — Helen entrou, linda e roliça de rosa glaciado. — Brilhas por todo o lado.

— É fantástica, não é? — Sophia deu mais uma volta, divertida. — Comprei-a em Nova Iorque, já a pensar na Passagem de Ano, mas vi-me obrigada a pô-la em acção esta noite. Os diamantes não são de mais?

— Os diamantes nunca são de mais. Querida. — Fechou a porta. — Queria um minuto. Odeio ter de falar nisto agora, logo antes de teres de socializar com centenas de pessoas, mas a Pilar disse-me que o Tony e a Rene também vêm.

— O que se passa?

— O divórcio ficou arrumado. Ontem. Não passou de uma formalidade, depois de tantos anos. Como Tony estava com pressa e não complicou as negociações financeiras, foi só uma questão de preencher os papéis.

— Entendo. — Sophia pegou na mala de sair, abriu e fechou a mola.
— Contaste à mamã?

— Sim. Agora mesmo. Ela está bem. Ou então está a aguentar-se. Sei que é importante para ela que faças o mesmo.

— Não te preocupes comigo. Tia Helen. — Atravessou a sala e pegou nas mãos de Helen. — És um alicerce. Não sei o que ela teria feito sem ti.

— Tem de virar a página.

— Eu sei.

— E tu também. — Apertou as mãos de Sophia. — Não deixes que Rene tenha a satisfação de ver que isto te magoa, a qualquer nível.

— Não.

— Ótimo. Agora tenho de descer e deitar o olho ao meu marido. Se deixar o James lá em baixo sozinho tão cedo, vai roubar os canapés e estragar toda a apresentação do *catering*. — Abriu a porta, olhando para trás. — Tony não fez muitas coisas admiráveis na vida. Tu és uma delas.

— Obrigada. — Sozinha, Sophia soltou um imenso suspiro. Depois, endireitou os ombros e voltou para o espelho. Abrindo a mala, tirou o batom. Deu aos seus lábios uma cor vermelha letal.

David bebia um *Merlot* encorpado, misturava-se com a multidão aglomerada entre as paredes de pedra altaneiras da adega, e tentava desligar-se da banda que fascinava o seu filho, perscrutando a zona à procura de Pilar.

Sabia que os Giambelli iam fazer uma aparição daquelas. Fora bem treinado na pompa e protocolo das festividades natalícias. Esperavam que dividisse o tempo entre festas, que, apesar de não ter sido estabelecido dessa forma, eram tanto um privilégio quanto uma obrigação.

Estava a aprender rapidamente que quase todas as realizações desta empresa eram constituídas por ambas as coisas.

Não se podia queixar. Apresentaram-lhe um desafio, de que necessitava. Estava a ser bem compensado financeiramente, o que apreciava. E estava associado a uma empresa que respeitava. Dava imenso valor a isso.

Tudo o que vira nas últimas semanas havia confirmado que a Giambelli-MacMillan era um navio firme e comandado pela família, conduzido com eficácia e um certo sentimento. Não era frio, mas calculado.

Ali, o produto era rei e senhor. O dinheiro era respeitado e esperado, mas não era o objectivo. O vinho, sim. Encontrara a realidade oposta nos últimos anos que passara na *La Coeur*.

Agora, ao ver que o seu filho estava realmente a divertir-se, ao observar a filha a interrogar um pobre vinicultor sobre um qualquer procedimento, estava satisfeito.

A decisão fora exactamente tudo aquilo que todos precisavam.

— David, prazer em vê-lo.

Virou-se, com uma breve surpresa, ao olhar para o rosto sorridente de Jeremy DeMorney.

— Jerry, não sabia que estaria aqui.

— Tento nunca faltar à festa anual da Giambelli e venho sempre à herdade antes da *villa*. Muito democrático de *La Signora* convidar os representantes da concorrência.

— É uma senhora e tanto.

— Não há igual. Como é que está a correr, trabalhar para ela?

— Ainda é cedo para dizer. Mas a mudança está a ser boa. Estou contente por os miúdos terem saído da cidade. Como é que estão as coisas em Nova Iorque?

— Estamos a conseguir andar para a frente sem ti. — A pequena feradela na afirmação não foi disfarçada pelo sorriso afectado. — Desculpa, ainda há uma certa mágoa. Não queríamos perder-te, David.

— Nada dura para sempre. Está cá mais alguém da *La Coeur*?

— Duberry veio de França. Há séculos que conhece a velhota. Pearson representa o grupo local. Alguns gestores de topo de outras marcas. Dá-nos a todos a oportunidade de beber o vinho dela e de nos espiarmos uns aos outros. Tens algum mexerico para mim?

— Como te disse, ainda é cedo. — Falava casualmente, mas tornara-se cauteloso. A política de mexericos de Jerry e das traições corporativas haviam sido um dos motivos da facilidade com que deixara a *La Coeur*. — Mas está a ser uma festa magnífica. Dá-me licença, está ali alguém de quem tenho estado à espera.

Talvez toda a vida, pensava David, ao deixar Jerry sem olhar para trás, tentando avançar pela multidão até Pilar.

Estava vestida de azul. Veludo azul-escuro com um grande colar de pérolas. Tinha um ar quente e régio, e tê-la-ia considerado ultraconfiante, se não tivesse reparado no subtil vislumbre de pânico nos seus olhos.

Depois, ela ergueu a cabeça, só um pouco, e fixou o olhar nele. E, com a ajuda de Deus, ela corou. Ou pelo menos a cor assomou-lhe às faces. A ideia de ele ser a causa deixava-o louco.

— Tenho andado à tua procura. — Pegou na mão dela antes que ela o pudesse impedir. — Como um miúdo no baile da escola. Sei que tens de socializar, mas primeiro quero um instante.

Era como ser inundada por uma única onda quente. — David...

— Não podes socializar sem vinho. Não funciona. — Empurrou-a para a frente. — Vamos falar sobre negócios, sobre o tempo. Só te vou dizer que estás linda, cinco ou seis dúzias de vezes. Toma. — Pegou numa *flute* de

champanhe de um tabuleiro. — Não sei como é que consegues beber outra coisa, vestida dessa forma.

Aquele tremor voltara-lhe ao estômago. — Não consigo acompanhar-te.

— Nem eu consigo acompanhar-me. Estou a pôr-te nervosa. — Tocou com o copo levemente no dela. — Ia dizer que lamento, mas estaria a mentir. É melhor começar um relacionamento com honestidade, não achas?

— Não. Sim. Pára. — Tentou rir. Ele parecia uma espécie de cavaleiro sofisticado num preto formal com o cabelo louro farto a brilhar à luz. Um pensamento aparvalhado, convencia-se ela, para uma mulher de meia-idade. — Os teus filhos vieram?

— Sim. Resmungaram por os obrigar a vir, mas agora estão a divertir-se como nunca. Estás linda. Mencionei que te ia dizer isso, não mencionei?

Ela quase soltou uma risadinha, antes de se lembrar que tinha quarenta e oito anos, e não dezoito, e ao que parecia já sabia mais qualquer coisa. — Sim, acho que sim.

— E não me parece que possamos encontrar um canto escuro para nos enroscarmos.

— Não. Decididamente.

— Então, vais ter de dançar comigo, e dar-me a hipótese de te fazer mudar de ideias.

Ficou surpreendida ao perceber que talvez ele conseguisse fazê-lo. E que ela também queria. Não era apropriado, convencia-se com firmeza. Ridículo. Era alguns anos mais velha do que ele.

Céus, o que é que podia fazer? Dizer? Sentir?

— Andam milhares de pensamentos às voltas na tua cabeça, — murmurou ele. — Quem me dera que mos contasses todos.

— Jesus. — Ela levou a mão ao estômago, onde uma bola macia e agitada lhe saltava nas entranhas. — És muito bom nisto.

— Ainda bem que achas, porque sempre que te vejo, começo a sentir-me um desastrado.

— Enganaste-me bem. — Respirou fundo, acalmando-se. — David, és muito atraente...

— Achas? — Sem conseguir conter-se, tocou no cabelo dela. Adorava a forma como desenhava uma curva pelo seu rosto. — És capaz de ser mais específica?

— E mesmo encantador, — acrescentou, lutando por manter a voz firme. — Sinto-me muito lisonjeada, mas não te conheço. Além do mais...

— Interrompeu-se, congelando o sorriso. — Olá, Tony, Rene.

— Pilar. Estás linda. — Tony inclinou-se para lhe beijar a face.

— Obrigada. David Cutter, Tony Avano e Rene Foxx.

— Rene Foxx Avano, — corrigiu Rene, a ronronar. Levantou a mão, agitando os dedos para que se visse o diamante da aliança de casamento a brilhar. — A partir de hoje.

Não era uma punhalada no coração, constatava Pilar, como achara que seria. Foi mais um ardor, um choque rápido que irritava tanto quanto magoava. — Parabéns. Tenho a certeza de que vão ser muito felizes juntos.

— Oh, já somos. — Rene deslizou o braço pelo de Tony. — Logo a seguir ao Natal, vamos viajar para Bimini. Vai ser maravilhoso virar costas ao frio e à chuva. Tu também devias tirar umas férias, Pilar. Estás pálida.

— Estranho. Estava a pensar em como esta noite ela está com um ar luminoso. — Avaliando a situação, David pegou na mão de Pilar e beijou-lhe os dedos. — Deliciosa, na verdade. Ainda bem que tive a oportunidade de o conhecer, Tony, antes de sair do país.

Suavemente, David passou o braço pela cintura de Pilar. — Tive alguns problemas em conseguir contactá-lo nos últimos dias. — Lançou um olhar a Rene, apenas no limite do cordial. — Agora, percebo porquê. Ponha o meu escritório a par dos seus planos de viagem, sim? Temos negócios a tratar.

— O meu pessoal sabe dos meus planos.

— Aparentemente, o meu não. Agora, com a vossa licença. Temos de fazer a ronda antes de irmos até à *villa*.

— Foste indelicado, — sussurrou Pilar.

— E depois?

O charme sedutor desaparecera. No seu lugar, surgira um poder frio e implacável. Não era, pensava ela, muito menos apelativo.

— Para além do facto de não gostar dele logo à partida, sou o director-geral e devo estar informado se um dos representantes se vai ausentar do país. Há dias que me anda a evitar, a ignorar os meus telefonemas. Não quero saber.

— Não está habituado a ter de se justificar a ti, nem a ninguém.

— Vai ter de se habituar. — Acima da cabeça dela, David avistou Tyler. — Tal como os outros. Porque é que não me ajudas um pouco a abrir caminho e me apresentas a algumas pessoas que se estão a perguntar que raio é que estou aqui a fazer?

Ty tentava ser invisível. Odiava festas grandiosas. Havia demasiada gente com quem falar, e muito pouca com algo a dizer. Já calculara o seu plano. Uma hora na adega, uma hora na casa principal. Depois, podia escapulir-se, ir para casa, ver um pouco de desporto e deitar-se.

A seu ver, a música estava muito alta, a adega com gente a mais e a comida demasiado farta. Não que se importasse de olhar para as pessoas, em especial quando estavam todas aperaltadas e elegantes, a tentar ter um aspecto ainda melhor do que as pessoas com quem estavam a conversar.

Era quase como ver uma peça de teatro; desde que conseguisse ficar em segurança no público, dava conta do recado por alguns instantes.

Observara o pequeno drama entre Pilar e Rene. Tyler gostava o suficiente de Pilar para sacrificar o seu canto seguro, e ir para junto dela, se David Cutter não estivesse já a seu lado. Cutter irritara-o logo à partida, mas Tyler tinha de lhe conceder pontos pela acção rápida. O pequeno beijo na mão fora um bom avanço, que parecera irritar Rene e Avano.

E o que quer que tenha dito arrancara rapidamente o sorriso idiota da cara de Avano.

Avano era um idiota, achava Tyler, a provar o vinho. Mas incitado por Rene, podia ser bem perigoso. Se Cutter o conseguisse manter na linha, quase valia a pena tê-lo por perto.

Quase.

— Porque é que estás aí tão sozinho?

Tyler desceu o olhar, franzindo o sobrolho para Maddy. — Porque não queria estar aqui.

— Porque é que estás? És adulto. Podes fazer o que quiseres.

— Continua a pensar assim, pequenina, e estás condenada à desilusão.

— Só gostas de irritar as pessoas.

— Não, *sou* é irritante.

Ela mordeu os lábios, assentindo. — Ok. Posso provar o teu vinho?

— Não.

— Na Europa, ensinam as crianças a apreciar vinho.

Dissera-o de forma tão eloquente, ali de pé debaixo de camadas de roupa preta e sapatos feios como a morte, que Ty teve vontade de rir. — Então, vai para a Europa. Por aqui chama-se contribuir para a delinquência.

— Já estive na Europa, mas não me lembro muito bem. Vou voltar para lá. Talvez vá por uns tempos viver para Paris. Estive a falar com o Sr. Delvecchio, o produtor de vinhos. Disse que o vinho é um milagre, mas na verdade não passa de uma reacção química, não é?

— É ambas as coisas. E nenhuma.

— Tem de ser. Ia fazer uma experiência, e pensei que me podias ajudar.

Tyler pestanejou para ela, uma rapariga bonita e mal vestida com uma mente inquiridora. — O que é? Porque é que não falas com o teu pai?

— Porque tu é que és o vinicultor. Pensei em ir apanhar umas uvas, pô-las numa taça e ver o que acontecia. Ia buscar outra taça, com o mesmo tipo e peso de uvas, e fazia-lhes umas coisas. Aquelas coisas que tu fazes.

— Eu como as uvas que estão nas taças, — disse ele, mas ela deixou-o interessado.

— Repara, ninguém tocava numa das taças, o milagre do Sr. Delvecchio. A outra, ia processá-la, com aditivos e técnicas. Provocar a reacção química. Depois, podia ver a que funcionava melhor.

— Mesmo que uses o mesmo tipo de uvas, vão ocorrer variações nos testes.

— Porquê?

— Nesta altura do ano, é mais complicado. Podem não ter vindo da mesma vinha. Mesmo que venham, há sempre variações. O tipo de solo, a fertilidade, a infiltração de água. A altura da vindima. Como foram vindimadas. Não se podem testar uvas da vinha porque já estão destacadas da vinha. O mosto em cada taça teria de ser muito diferente, mesmo se não tocasses nas duas.

— O que é o mosto?

— Sumo. — Vinho de taça, pensava ele. Interessante. — Mas se quiseres experimentar, deves usar taças de madeira. A madeira dá ao mosto um certo carácter. Não muito, mas algum.

— Uma reacção química, — disse Maddy, com um sorriso. — Vês? É ciência, não religião.

— Querida. O vinho é isso e muito mais. — Sem pensar, ofereceu-lhe o seu copo.

Ela provou, com delicadeza, o olhar atento para o caso de o pai andar por perto. Experimentando, deixou o vinho enrolar-se na língua antes de engolir. — É bastante bom.

— Bastante bom? — Abanando a cabeça, tirou-lhe o copo. — É *Pinot Noir vintage*. Só um bárbaro diria que é «bastante bom».

Ela sorriu, agora com charme por saber que o tinha apanhado. — Um dia destes mostras-me os grandes tonéis de vinho e as máquinas?

— Sim. Claro.

— O Sr. Delvecchio disse que fabricam o branco em aço inoxidável e o tinto nos cascos. Não cheguei a perguntar-lhe o motivo. Porquê?

Não estava um amor? Pensava Sophia. O MacMillan grande e rude no que parecia uma conversa séria com a *Morticia* em miniatura. Se as aparências fossem verdadeiras, ele estava a divertir-se. Até parecia ser bom naquilo.

A verdade era que a deixava ainda mais satisfeita por ter decidido não trazer um acompanhante. Ter um acompanhante significava que teria de centralizar as suas atenções. Estar à vontade dava-lhe muito mais espaço para circular e apreciar a companhia que mais a intrigava.

De momento, pensava que Tyler preenchia esse molde.

Ia demorar um pouco a conseguir chegar até ele. Afinal de contas, tinha obrigações sociais a cumprir. Mas mantinha-o no campo de visão enquanto começava a passar pela multidão.

— Sophia. Maravilhosa, como sempre.

— Jerry. Boas Festas. — Ela inclinou-se e beijou-lhe ambas as faces. — Como está o negócio?

— Tivemos um ano exemplar. — Deslizou um braço pelos ombros dela, guiando-a pelo meio dos grupos na sala de prova, na direcção do bar. — E esperamos outro igual. Um passarinho diz-me que estás a planear uma campanha promocional brilhante.

— E esses passarinhos cantam alto de mais, não achas? — Cintilou para o empregado do bar. — Champanhe, por favor. Outro do mesmo bando desatou a cantar que vocês iam lançar uma nova etiqueta. De meio lance, com *target* americano.

— Alguém vai ter de abater esses pássaros. Li o artigo na *Vino*, sobre o vosso *Cabernet '84*.

— Um *vintage* excelente.

— E o leilão correu-vos muito bem. Que pena, Sophia, teres-te esquecido de mim na tua última visita a Nova Iorque. Sabes bem que ia adorar ver-te.

— Não deu mesmo. Mas na próxima viagem, fica prometido.

— Estou a contar com isso.

Ela ergueu o vinho e bebeu.

Era um homem atraente, leve, quase tão atraente como a seda. Um ligeiro toque grisalho junto às têmporas que lhe dava um ar distinto, uma pequena covinha no queixo com um certo charme.

Nenhum dos dois iria mencionar o pai dela, nem o segredo mal guardado da infidelidade da mulher de Jerry. Em vez disso, ia continuar num relacionamento mais leve, algo sedutor, amigável.

Compreendiam-se, pensava Sophia, muito bem. A concorrência entre a Giambelli e a *La Coeur* era elevada, e com frequência andava ao rubro. E Jeremy DeMorney não se coibia de utilizar os meios que achasse necessários para forçar o seu limite.

Ela admirava isso.

— Até corro para o jantar, — disse ela. — E o vinho. Vinho Giambelli-MacMillan. Afinal de contas, só queremos o melhor.

— Mas depois, quem sabe um *brandy La Coeur*, no meu apartamento.

— Mas já sabes o que penso sobre misturar negócios com... negócios.

— És uma mulher cruel, Sophia.

— És um homem perigoso, Jerry. Como estão os teus filhos?

— Os miúdos estão bem. A mãe está a passar férias com eles em Moritz.

— Deves ter saudades deles.

— Claro. Pensei em passar um dia ou dois no Vale antes de ir para casa. Porque é que tu e eu não misturamos prazer com prazer?

— É tentador, Jerry, mas estou atolada em trabalho. Acho que só vou conseguir respirar depois do ano novo. — Pelo canto do olho, ela apanhou um movimento e observou a mãe escapulir-se para a casa de banho das senhoras. Com Rene alguns metros atrás.

— Por falar em atolada, agora tenho mesmo de ir resolver um assunto. Adorei ver-te.

— Igualmente, — respondeu ele, ao vê-la passar pela multidão. Seria ainda mais adorável vê-la, pensava ele, quando ela e toda a sua família estivessem arruinadas.

Contribuir para que isso acontecesse seria misturar negócios com negócios, pensava. E prazer com prazer.

Rene passou pela porta com um empurrão, entrando na casa de banho das senhoras, bem acolhedora com as suas paredes de madeira, um passo atrás de Pilar. — Conseguiste safar-te à grande, não foi? — Rene encostava-se à porta, para desencorajar quem lhes quisesse fazer companhia.

— Já tens o que querias, Rene. — Apesar de sentir que as mãos queriam tremer, Pilar abriu a mala e tirou o batom. Tencionara ter dois minutos a sós antes de fazer a última ronda e se dirigir para a *villa*. — Eu já não devia ser um problema para ti.

— As ex-mulheres são sempre um problema. Aviso-te de uma coisa, não admito que me telefones, ou ao Tony, para despejares a tua neurose aguda em cima de nós.

— Eu não telefonei.

— És uma mentirosa. E uma covarde. Agora tens as costas quentes com o David Cutter. — Agarrou na mão de Pilar, levantando-a para que o anel reflectisse a luz. — O que é que tiveste de fazer para lhe saques isto?

— Não preciso que um homem me compre jóias, Rene, ou seja o que for. É essa a principal diferença entre nós.

— Não, já te digo qual é a principal diferença entre nós. Eu vou atrás daquilo que quero, sem subterfúgios. Se achas que vou deixar Tony baixar a cabeça só porque foste a correr pedir ajuda à família, estás enganada. Não o vais despachar, o teu David Cutter não o vai despachar. E se tentares... pensa só na quantidade de informação interessante que ele podia passar à concorrência.

— Ameaçar a família, ou a empresa, não vai ajudar a assegurar o lugar de Tony. Nem o teu.

— Isso é o que vamos ver. Agora sou a Sra. Avano. E o Sr. e a Sra. Avano vão juntar-se à família, e aos outros executivos de topo, na *villa*, hoje à noite. Tenho a certeza que o convite se perdeu.

— Só te vais sujeitar a um momento embaraçoso, — declarou Pilar.

— Não me sujeito ao embaraço com facilidade. Lembra-te disto. Tony tem uma quota da Giambelli, e eu tenho uma quota dele. Sou mais nova do que tu e muito mais nova do que a tua mãe. Ainda andarei por cá quando vocês morrerem.

— A sério? — Deliberadamente, Pilar virou-se para o espelho e de forma lenta e cuidada, pintou os lábios. — Quanto tempo é que achas que vai demorar até Tony te trair?

— Ele não se atreveria. — Firme no próprio poder, Rene sorria. — Ele sabe que se o fizer, eu o matava. Não sou a esposa passiva e paciente. Tony disse-me que eras péssima na cama. Fartámo-nos de rir. O meu conselho? Se quiseres manter Cutter em jogo, passa-o à tua filha. Ela parece-me alguém que sabe como divertir um homem na cama.

Assim que Pilar girou, Sophia abriu a porta. — Oh, mas que divertido. Conversa de mulheres? Rene, que corajosa usares esse tom de verde na maquilhagem.

— Vai à merda, Sophia.

— Erudita, como sempre. Mamã, precisam de ti na *villa*. Decerto que Rene nos vai dar licença. Deve querer imenso espaço e privacidade para dar um jeito à cara.

— Pelo contrário, vou deixar-vos às duas a sós, para que possas segurar na mão da tua mãe enquanto ela se dissolve num vale de lágrimas. Ainda não acabei, Pilar, — acrescentou Rene ao abrir a porta. — Mas tu já.

— Foi divertido. — Sophia estudava o rosto da mãe. — Não me pareces prestes a dissolves-te num vale de lágrimas, nem sequer perturbada.

— Não, já estou farta deles. — Pilar voltou a guardar o batom na mala e fechou-a com um estalido. — Sophie, querida, o teu pai casou hoje com ela.

— Pois, raios. — Com um suspiro prolongado, Sophia avançou e passou os braços à volta da mãe, pousando a cabeça no ombro de Pilar. — Feliz Natal.

8.

Sophia avaliava o seu tempo. Tinha de apanhar o pai sozinho para lhe dizer tudo o que precisava, e não quando Rene estava enrolada nele como uma

serpente venenosa no tronco de uma árvore. Prometera a si mesma que ia manter a calma, ser madura e transparente. Perder as estribeiras não era uma opção.

Socializou com a multidão enquanto esperava, dançou uma vez com Theo, que estava tão divertido que quase a curava do mau humor.

Assim que viu Rene na pista de dança com Jerry, avançou.

Não a surpreendia ver o pai abancado numa mesa ao canto, a namoriscar Kris. Dava-lhe uma certa revolta, mas não a surpreendia que ele tivesse começado a seduzir outra mulher no dia do seu casamento.

À medida que se aproximava, conseguiu captar os sinais subtis — um toque ao de leve, um olhar promissor — que lhe diziam que não se tratava de um mero jogo de sedução. E foi isso que a surpreendeu.

Tinha a certeza que o pai andava a enganar Rene com Kris. Ainda assim, era tão típico dele, tão ridiculamente típico dele, que mal deixava moossa no seu orgulho.

Não sabia quem dos três naquele triângulo matreiro era o mais idiota e, de momento, o problema não era dela.

— Kris, lamento interromper este momento de ternura, mas tenho de falar com o meu pai. Em privado.

— Também gostei muito de te ver. — Kris levantou-se. — Há tanto tempo que não passas pelo escritório, que quase me esqueci da tua cara.

— Não me parece que tenha de te dar satisfações, mas não me vou esquecer de te enviar uma fotografia.

— Então, princesa, — interrompeu o pai.

— Não abuses. — Sophia mantinha o tom de voz calmo, baixo, mas o olhar que lançou ao pai deixou-o corado, ao que a boca logo se fechou. — Vamos atribuir esta situação à loucura das festividades natalícias. Vamos marcar uma reunião, Kris, no meu gabinete, assim que a minha agenda o permita. Quanto a esta noite, vamos deixar de lado os negócios por questões pessoais. Foi uma sorte ter-te visto antes de Rene. Agora, tenho de falar com o meu pai sobre negócios de família.

— Contigo ao volante, não tarda que a família deixe de ter negócios. — Deliberadamente, Kris debruçou-se e deslizou a ponta do dedo pelas costas da mão de Tony. — Até depois, — murmurou ela, afastando-se.

— Sophie, ficaste com uma ideia totalmente errada. Eu e a Kris só estávamos a partilhar uma bebida, socialmente.

O olhar dela cortava como uma lâmina. — Poupa-te para a Rene. Já te conheço há mais tempo. Há tempo suficiente para não ter o mínimo interesse nas tuas boazonas. Por favor, não interrompas, — declarou ela antes de ele conseguir vociferar um protesto. — Não vou demorar. Ouvi dizer

que te devo os parabéns. Ou se não tos devo, são devidos por uma questão de educação. Por isso, parabéns de merda.

— Então, Sophie. — Ele levantou-se e agarrou-lhe a mão, mas ela puxou-a para longe. — Sei que não gostas da Rene, mas...

— Estou-me nas tintas para a Rene e, por agora, também não quero saber muito de ti.

Ele parecia genuinamente surpreendido, magoado a sério. Ela perguntava-se se ele praticava a expressão ao espelho enquanto se barbeava. — Não estás a falar a sério. Lamento que estejas magoada.

— Não lamentas nada. Lamentas que eu te tenha confrontado com isso. Casaste hoje e nem sequer te deste ao trabalho de me contar. E vai uma.

— Princesa, foi uma cerimónia pequena e simples. Nem eu nem a Rene quisemos...

— Vê se te calas. — A resposta dele fora rápida e directa, mas ela sabia a verdade. Nem sequer se incomodara em falar com ela. — Vens a uma reunião de família que, apesar da fachada empresarial, não deixa de ser uma reunião de família, exhibir-te com a tua nova mulher e namoriscar uma flausina. Tudo isso já é bastante insensível, mas chega ao cúmulo de não teres a decência de contar primeiro à mamã do casamento. E vão duas.

Levantara o tom de voz, o bastante para fazer voltar algumas cabeças. Desconfortável, Tony aproximou-se. Pegou-lhe no braço, acariciando-o com meiguice. — Porque é que não vamos lá para fora e eu explico-te? Não há necessidade de fazer uma cena aqui dentro.

— Oh, há sim. Toda a necessidade. Ando desesperadamente a tentar resistir à tentação de fazer isso mesmo. Porque, a surpresa é esta, seu filho da mãe. Esfregaste aquela mulher na cara da minha mãe. — Espetou o dedo no peito dele ao sentir a irritação subir e assumir o controlo. — Deixaste que Rene a encurralasse, deixaste que ela viesse tirar satisfações, deixaste que ela armasse uma cena e causasse sofrimento, enquanto ficavas para ali sentado a babares-te por outra mulher, tão nova que tem idade para ser tua filha, se é que te lembras como é ter uma. Já são três, raios partam. São três e estás fora de jogo. Fica longe dela, e fica longe de mim. Mantém a distância e vê se a tua *esposa* faz o mesmo. Senão, dou cabo de ti, é uma promessa, vai haver sangue.

Antes que ele recuperasse do choque, ela deu meia volta e apanhou o sorriso irónico na cara de Kris. Deu um passo nessa direcção, depois outro, não totalmente certa do que queria fazer. Depois, alguém lhe agarrou no braço e sentiu que a arrastavam por entre a multidão.

— Má ideia, — comentou Ty baixinho, ao passar a mão do braço para a cintura dela, mantendo-a bem junto a si. — Muito má ideia

assassinar membros da equipa na festa de Natal da empresa. Vamos lá para fora.

— Não quero ir lá para fora.

— Mas é preciso. Está frio. Vais arrefecer. Até agora só conseguiste entreter uma mão-cheia de pessoas, que estavam tão perto que ouviram a tua discussão com Avano. Muito boa, a propósito. Mas com esse fumo todo a sair das orelhas, vais acabar por dar espectáculo para a festa toda.

Num ápice, empurrou-a porta fora.

— Pára de me empurrar, pára de me chatear. Não gosto de ser dominada por nenhum homem. — Soltou-se, girou e quase, numa fracção de segundo, lhe bateu.

— Força. A primeira é de graça. Depois disso, começo a ripostar.

Ela respirou fundo, soltou um suspiro e inspirou de novo sem parar de olhar para ele. A cada inspiração, a sua túnica cintilante brilhava à luz da Lua.

Ela era, pensava Ty, ousada e magnífica. Tão perigosa quanto uma mão-cheia de dinamite com o pavio já aceso.

— Isso mesmo, — disse ele, assentindo. — Mais umas inspirações e já se pode ver mais do que o vermelho nos teus olhos.

— O patife.

Afastou-se das paredes cobertas de heras da adega, com as folhagens cheias de luzes festivas. Afastou-se dos risos, da música que pulsava de encontro às janelas altas e estreitas. Na direcção das sombras dos velhos ciprestes onde podia disparatar até se acalmar de novo.

Ele ouvia-a murmurar em italiano, chegando a perceber algumas coisas, mas nada que parecesse ser particularmente agradável.

— Foi mais forte do que eu. — Girou na direcção dele, à espera de acalmar. As mãos sempre ocupadas caíram ao lado do tronco.

— Pois, imagino que sim. Sempre foste uma mimada. — Como estava frio, e ela começava a tremer, ele despiu o casaco para o pousar sobre os seus ombros.

O temperamento dela arrefecera, deixando-a com uma sensação crua e fria por dentro. — Não quero saber dele e da Kris, apesar de complicar as coisas no meu departamento. Sei lidar com isso, com ela. Mas ele magoou a minha mãe.

— Ela está a assimilar, Sophie. Vai ficar bem. — Enfiou as mãos nos bolsos antes de ceder ao impulso de a afagar e consolar. Estava com um ar tão infeliz. — Lamento que ele te tenha magoado.

— Pois. E novidades? — O impulso de raiva deixara-lhe uma imensa dor de cabeça e o estômago dorido. — Talvez devesse agradecer-te por me teres tirado dali, antes que começasse a agredir espectadores.

— Se te estás a referir à Kris, ela não me parece uma espectadora. É mais operacional. Mas de qualquer forma, não precisas de agradecer.

Ela voltou-se e viu pela expressão dele que começava a ficar envergonhado. Achando a situação adorável, colocou-se em bicos de pés e beijou-lhe a face, ao de leve. — Ainda assim. Obrigada. Não comecei a gritar, pois não? Perco o norte quando começo a discutir.

— Não muito, e a banda estava a tocar bem alto.

— Isso já é alguma coisa. Bom, acho que o meu trabalho por aqui está terminado. Porque é que não me acompanhas até à *villa*? Podes assegurar-te de que eu não desato a discutir outra vez.

— Talvez. Queres o teu casaco?

— Não é preciso. — Ela sorriu e puxou o casaco dele. — Tenho o teu.

Os jardins da *villa* cintilavam com milhares de luzes de Natal. Os terraços aquecidos estavam cobertos de flores e árvores ornamentais. Os grupos organizados nas mesas incitavam os convidados a deixar-se invadir pela luz das estrelas, a desfrutar da noite e da música que deslizava pelas portas e janelas da sala de baile.

Pilar usava isso como desculpa para ter um momento para respirar, antes de voltar para dentro e circular entre os convidados e cumprir o seu papel. Chegou a pensar numa escapadela de emergência para fumar um cigarro.

— Andas escondida?

Saltou no seu canto sombrio, e depois descontraíu ao ver que era o padrasto. — Apanhada.

— Eu também vinha fazer o mesmo. — Num gesto exagerado, esticou o pescoço, olhando para ambos os lados e sussurrando: — Tens produto?

A gargalhada soube tão bem. — Só um, — respondeu ela, num murmúrio. — Podemos partilhar.

— Acende-o, parceira. A tua mãe está entretida. Temos tempo suficiente para deitar um abaixo.

Ela acendeu o cigarro, e ali ficaram na penumbra, compassivamente, em jeito de conspiração, passando-o entre ambos.

Descontraída com a companhia, encostou-se à parede da casa, a olhar lá para fora. As luzes cintilavam nos campos, destacando os nós e retorcidos das videiras. Por trás dele, o *glamour* da música perdurava.

— A festa está maravilhosa.

— Como sempre. — Com nostalgia suficiente por ambos, Eli aproveitou o fim do cigarro. — Tu, a tua mãe e a Sophia este ano superaram-se. Espero que a Tereza expresse o quanto apreciamos todo o trabalho que investiram neste evento.

— Já o fez. À maneira dela.

— Então, deixa-me agradecer da minha. — Abraçou-a e guiou-a para começarem a dançar. — Uma mulher bonita nunca deve ficar sem par para dançar.

— Oh, Eli. — Pousou a cabeça no ombro dele. — O que seria de mim sem ti? Estou uma desgraça.

— Não estás nada. Pilar, eras uma mulher feita, já com uma filha quando casei com a tua mãe. Sempre tentei não interferir na tua vida.

— Eu sei.

— A Tereza já faz isso pelos dois, — declarou ele, fazendo-a rir. — Contudo, — prosseguiu, — vou dizer o que penso. Ele nunca foi homem para ti.

— Eli...

— Nunca seria. Desperdiçaste muitos anos com o Tony Avano, mas conseguiste, no meio de tudo isso, criar uma filha fantástica. Estima isso, e não desperdices o resto da tua vida a pensar porque é que não resultou.

— Ele casou com a Rene. Sem mais nem menos.

— Melhor assim. — Ele acenou assim que ela se inclinou para trás, olhando-o nos olhos. — Por ti, por Sophia, por todos os envolvidos. Eles merecem-se, tal como são. E o casamento deles acaba por levá-lo mais um passo para fora da tua vida. Se fosse eu a decidir, também o punha fora da empresa. Sem apelo nem agravo. E suspeito que é o que vai acontecer no próximo ano.

— Ele é bom no que faz.

— Há outros que podem ser tão bons, e que não me causam indigestão. A tua mãe teve os seus motivos para o manter no cargo. Mas esses motivos não são tão importantes quanto foram um dia. Esquece-o, — disse Eli, beijando-lhe a testa. — Vai afogar-se ou nadar. De qualquer forma, o problema já não é teu.

Do terraço mais abaixo, Tony ouvia, com uma certa dureza nos lábios. Ainda se ressentia do que se convencera com convicção tratar-se de um ataque inesperado e inadequado por parte da própria filha. Tivera a capacidade de o ignorar, mas fora em público. Um público e num evento da empresa.

E fora tudo, ponderava, menos assuntos da empresa.

Não acreditava, não de verdade, que os Giambelli o despedissem. Mas iam-lhe dificultar a vida.

Pensavam que era estúpido, que era negligente. Mas estavam enganados. Já tinha um plano engendrado para garantir a sua segurança económica. Só Deus sabia como precisava de dinheiro, e muito. Rene já estava a sugar os recursos que acumulara.

Claro que não fora sensato ao envolver-se com Kris. Estava a dar o seu melhor para acabar com a situação, delicadamente. Até ao momento, isso estava a ser algo mais complicado do que antecipara. Na verdade, era lisonjeador que uma jovem tão bonita quanto Kris ficasse tão ligada, tão relutante em seguir o seu caminho. E zangada, lembrava-se, zangada ao ponto de telefonar a Rene a meio da noite.

Ainda assim, resolvera o assunto. Rene presumira que quem ligara fora Pilar, e ele não a contrariara. Porque haveria de o fazer?

Provou o vinho, apreciando a luz das estrelas e, como era seu hábito, começou a pôr os problemas para trás das costas antes que criassem raízes.

Também estava a resolver tudo com Kris, concluiu. A promessa de a ajudar a ficar com o cargo de Sophia na Giambelli ajudara a acalmar os ânimos, tal como uma bela bugiganga normalmente acalmava os ânimos com Rene.

E era tudo, pensava, uma questão de conhecer as fraquezas dos adversários.

E ao conhecê-las, usá-las, mantinha o *status quo*.

Fazia intenções de continuar a viver a sua vida como achava que merecia. Estava na altura de pressionar as suas fontes, um bocadinho aqui, outro ali. E olhar na direcção do futuro.

Sophia movia-se pelo seu círculo de amigos e fazia os possíveis por evitar a prima Gina. A mulher estava a tornar-se pior que uma praga. Ascendera na escala do embaraço. Não só o que vestia mais parecia uma tenda de Natal de um vermelho-vivo, com vinte quilos de cequins, como passava o tempo todo a encurralar quem pudesse, a dizer maravilhas do génio do marido.

Don, reparava Sophia, mantinha-se muito perto do bar. Sem dificuldade, estava quase bêbedo e a tentar tornar-se invisível.

— A tua mãe está bem?

Sophia parou para sorrir para Helen. — Sim, desde a última vez que a vi. Olá, tio James. — Virou-se para dar um longo abraço ao marido de Helen. James Moore fora uma das constantes da sua vida, e muitas vezes, mais um pai para ela do que o seu.

Deixara-se engordar, e perdera mais cabelo do que outra coisa, mas por trás daqueles óculos de armação prateada, os seus olhos brilhavam, verdes, para ela. Parecia o tio favorito de toda a gente e era um dos advogados de defesa mais conceituados e tortuosos da Califórnia.

— A rapariga mais bonita da sala, não achas, Helen?

— Sempre.

— Há semanas que não me vais ver.

— Depois compenso. — Depositou na bochecha dele mais um beijo.
— *La Signora* tem-me mantido ocupada.

— Foi o que ouvi dizer. Trouxemos-te um presente.

— Adoro presentes. Dá cá.

— Está ali, a fazer tempo com aquela ruiva.

Sophia desviou o olhar e soltou um gritinho de prazer, ao ver Lincoln Moore. — Pensava que o Linc ainda estava em Sacramento.

— Ele já te põe a par de tudo, — disse James. — Vai até lá. Convincente-o a casar contigo desta vez.

— James. — Helen arqueou a sobrancelha. — Vamos procurar a Pilar. Vai divertir-te.

Lincoln Moore era alto, moreno e bonito. Também era o mais aproximado que Sophia tinha de um irmão. Em diferentes fases da sua vida, o facto de ser dois meses mais velha havia sido usado como trunfo, por ambos. A amizade das suas mães havia sido um laço que perdurara ao longo do seu crescimento juntos. Devido a ele, nenhum dos dois algum dia se sentiu filho único.

Ela chegou por trás dele e passou o braço pelo dele, perguntando à ruiva: — Este tipo está a atirar-se a si?

— Sophie. — Com uma gargalhada, pegou-lhe ao colo e girou com ela no ar. — A minha irmã emprestada, — disse à ruiva. — Sophia Giambelli, Andrea Wainwright. Veio comigo. Sê simpática.

— Andrea. — Sophia estendeu a mão. — Haveremos de conversar.

— Nem pensem. Ela mente sobre mim. É um passatempo dela.

— Muito prazer em conhecer-te. Linc falou muito de ti.

— Ele também é mentiroso. Chegaram os dois de Sacramento?

— Na verdade, não, eu sou interna em Saint Francis, trabalho em rotatividade nas urgências médicas.

— Lesão de basquetebol. — Linc ergueu a mão direita, revelando a tala no dedo. — Desloquei-o a tentar uma finta. Andy deu uma olhadela e tratou de mim. Depois, fiz-me a ela.

— Na verdade, ele fez-se a mim antes de eu o tratar. Mas como não consegui deslocar-lhe o resto dos dedos, aqui estou. E a festa está fantástica.

— Voltei a viver em São Francisco, — contou Linc a Sophia. — Decidi aceitar o cargo na firma do meu pai. Quero ter experiência a sério com a advocacia antes de aprofundar mais o lado político. Sou um advogado administrativo glorificado, e não muito, mas isso vai dar-me o que quero até passar para a barra.

— Isso é fantástico! Linc, é fabuloso. Sei que os teus pais devem estar muito felizes por teres voltado para casa. Temos de compensar o tempo perdido, sim?

— Claro. Ouvi dizer que agora andas atolada em trabalho.

— Nem sempre. Quando é que vais para a barra?

— No mês que vem.

— Ele é brilhante, sabias? — Comentou ela para Andy. — Mas sabe ser um chato dos diabos.

— Não comeces, Sophie.

— Divirtam-se. — Avistou Ty a entrar, com um ar infeliz. — O dever chama. Não desapareças sem falar com a minha mãe. Sabes que ela te adora. — Sophia passou a mão pelo casaco dele. — Sabe Deus porquê.

— Fica descansada. Depois telefono.

— Acho bem. Prazer em conhecer-te, Andrea.

— Iguualmente. — Andy lançou um olhar furtivo a Linc. — Então, és brilhante?

— Sim. É uma maldição. — Sorrindo, puxou-a para a pista de dança.

— Sorri, MacMillan.

Ty desceu o olhar para Sophia. — Porquê?

— Porque vais dançar comigo.

— Porquê? — Ele reprimiu um suspiro quando ela pegou na mão dele. — Desculpa. Tenho passado demasiado tempo com a Maddy Cutter. A miúda não pára de fazer perguntas.

— Vocês dois pareciam estar a entender-se muito bem. Dançávamos melhor se me tocases a sério.

— Pois. — Pousou a mão na cintura dela. — É uma miúda interessante, e inteligente. Viste o meu avô?

— Ainda não. Porquê?

— Queria vê-lo e a *La Signora*. A seguir queria ir para casa e despachar este assunto.

— És muito dado a festas. — Deslizou a mão pelo ombro dele e, em jeito de brincadeira, puxou-lhe o cabelo. Era tão farto, pensava ela. Espesso e desalinhado. — Vive um pouco, Ty. É Natal.

— Ainda não. Antes do Natal, ainda há muito trabalho a fazer, e depois também.

— Ei. — Ela deu-lhe outro puxão no cabelo, para que ele parasse de perscrutar a multidão à procura do avô e olhasse para ela. — Hoje à noite não se trabalha, e ainda estou em dívida para contigo por me teres salvado.

— Não estavas em perigo. Os outros é que estavam. — Não era gratidão que ele procurava, mas distância. Uma distância de segurança. Ela era sempre perigosa, mas encostada a um homem daquela maneira, era letal. — Ainda tenho uns gráficos e umas tabelas que preciso de analisar. Achas graça? — Indagou ele, ao ver que ela ria.

— Estava a imaginar como serias se conseguisses descontraír. Aposto que és um doido, MacMillan.

— Sei descontraír, — murmurou ele.

— Fala comigo. — Ela deslizava os dedos pela sua nuca até ao pescoço, apreciando a forma como aqueles olhos azuis como um lago brilhavam, irritados. — Diz qualquer coisa que não tenha nada a ver com vinho ou trabalho.

— Mas existe outro assunto?

— Arte, literatura, uma história de infância divertida, um desejo ou fantasia secretos.

— A minha fantasia actual é sair daqui para fora.

— Faz um esforço. Vá lá. A primeira coisa que te vier à cabeça.

— Tirar-te esse vestido, e sentir o teu sabor e o teu cheiro. — Aguardou um instante. — Óptimo, consegui calar-te.

— Só por agora, e só porque estou a assimilar a minha reacção. Dou por mim muito mais intrigada pela imagem do que seria de esperar. — Inclinou a cabeça para trás para estudar o rosto dele. Oh, sim, gostava dos olhos dele, especialmente agora, com todas aquelas faíscas escaldantes. — Porque achas que será?

— Já respondi a muitas perguntas para uma noite só. — Ia começar a recuar, mas ela cerrou a mão sobre o seu ombro.

— Porque é que não cumprimos com a nossa obrigação aqui e depois vamos para tua casa?

— É assim tão fácil para ti?

— Pode ser.

— Para mim não é, mas obrigado. — O seu tom de voz era negligente e frio, ao afastar de novo o olhar dela, perscrutando a sala. — Mas diria que tens bastantes alternativas por aqui, se estiveres disposta a uma aventura de uma noite. Vou para casa.

Recuou, afastando-se.

Ela demorou uns bons dez segundos a voltar a si, e mais três até sentir a fúria urgente a subir pela garganta. A demora permitiu que ele saísse da sala e descesse o primeiro lanço de escadas antes de ela ir atrás dele.

— Nem penses. — Assobiou entre dentes, até o ultrapassar a passo acelerado. — Aqui. — Entrou na sala de estar da família, e bateu com as portas deslizantes, fechando-as.

— *Cazzo! Culo!* Seu filho da mãe. — Até naquele momento a voz dela se mantivera calma, controlada. Ele não podia imaginar o quanto isso lhe custava.

— Tens razão. — Interrompeu-a antes que ela soltasse todo o seu veneno. — Passei um pouco das marcas, e peço desculpa.

O pedido terno quase lhe transformava a fúria em lágrimas, mas conseguiu retê-las por pura força de vontade. — Na tua opinião, sou uma oferecida, por encarar o sexo como um homem.

— Não. Céus. — Não quisera dizer isso, apenas infiltrar-se na sua pele, como ela estava infiltrada na dele. Depois, afastar-se dela o mais rapidamente possível. — Não sei o que hei-de pensar.

— Não fazia mal, pois não, se eu fingisse relutância, se deixasse que me seduzisses. Mas como sou sincera, sou uma fácil.

— Não. — Agora, ele agarrava-lhe nos braços, na esperança de lhes dar alguma estabilidade. — Atrapalhaste-me. Sempre foi assim. Não devia ter dito aquilo. O que quer que tenha dito. Por favor, não chores.

— *Não* vou chorar.

— Ótimo. Ok. Olha, tu és linda, ousada e de mais para mim. Até agora, tenho conseguido não te pôr as mãos em cima, e é assim que vão continuar.

— Agora estão a tocar-me.

— Desculpa. — Deixou os braços cair ao lado. — Desculpa.

— Estás a dizer que me insultaste por seres um covarde?

— Olha, Sophie. Vou para casa, arejar as ideias. Amanhã voltamos ao trabalho e esquecemos que isto aconteceu.

— Não me parece. Atrapalho-te, não é? — Ela deu-lhe um pequeno empurrão, querendo avançar, mas ele recuou. — E a tua resposta a isso é insultares-me?

— Não foi a resposta mais correcta. Já pedi desculpa.

— Não foi suficiente. Tenta assim.

Antes que pudesse reagir, ela já estava em cima dele. A única coisa que lhe restava era alguma reacção.

Ela tinha a boca quente, macia e muito ágil. Alimentava-se de forma voraz da dele. O seu corpo era lascivo e macio, deveras feminino. Encostava-se ao dele num gesto de intimidade.

A mente dele ficou em branco. Mais tarde podia admiti-lo — ligando e desligando como um interruptor, sem qualquer protecção contra o impulso animalesco da excitação. O sabor dela era igual ao aroma; pelo menos isso já sabia.

Sombria, perigosa e fêmea.

Sem pensar, puxara-a para mais perto, respondendo à mordedura certa dos seus dentes assim que o seu organismo entrou em aceleração profunda.

Num minuto, ela estava enroscada nele como uma videira exótica e trepadeira, e no instante seguinte ele foi largado, com a cabeça a latejar sem pinga de sangue.

— Amanha-te. — Levemente, ela passava o dedo pelo lábio inferior, para depois se virar e voltar a abrir as portas.

— Espera aí um minuto. — Agarrou-lhe no braço, fazendo-a girar. Não tinha a certeza do que tencionava fazer, mas não cuidou que fosse agradável.

Depois viu o puro choque na expressão dela. Antes de qualquer reacção ela já o empurrava, correndo pela sala até à mesa de refeições.

— *Dio! Madonna*, quem faria uma coisa destas?

Foi nessa altura que ele viu, os três anjos Giambelli. O vermelho escorria dos seus rostos esculpidos, como sangue de feridas abertas. Escrito no peito de cada um deles, no mesmo tom violento, estavam três mensagens perversas.

CABRA #1

CABRA #2

CABRA #3

— Senta-te, Sophie. Vou tirá-los antes que a tua mãe ou a tua avó os vejam. Levo-os para casa e limpo-os.

— Não, eu trato disso. Parece verniz para unhas. Uma partida de mau gosto feita por uma mulher, — disse, baixinho. Não ia adiantar perder as estribeiras, pensava, ao recolher as três figuras. E por baixo daquela tristeza, não conseguia vislumbrar a raiva. — Deve ter sido a Rene. Ou a Kris. Neste momento, ambas odeiam as mulheres Giambelli.

— Deixa-me tratar do assunto por ti. — Pousou as mãos nos ombros dela. — Quem quer que o tenha feito sabia que te ia magoar. Posso limpá-los e guardá-los antes que alguém note.

Ela queria enfiar os anjos nas mãos dele, grandes e fortes, e deixar-se ir junto. Por esse motivo, afastou-se dele. — Eu cuido da minha família, e tu estás com pressa para ir para casa.

— Sophie.

O tom de voz era tão paciente, tão meigo que ela suspirou. — Tenho de o fazer. E tenho de ficar zangada contigo mais um bocadinho. Por isso vai-te embora.

Ele deixou-a ir, mas assim que se viu lá fora, virou-se e subiu a escadaria de pedra até ao salão de baile. Ia ficar por ali mais algum tempo, concluiu. Só para ter a certeza de que a única coisa magoada naquela noite eram anjos de madeira.

No seu quarto, Sophia limpava com afinco as figuras. Imaginava tratar-se de pinceladas de verniz vermelho. Um acto de vandalismo mesquinho e feio, mas não permanente.

Não se destruía os Giambelli assim tão facilmente, pensava ela. *Somos mais rijos do que isso.* Tão rijos, pensava ela, que ignoravam aquele acto hediondo e deixavam o perpetrador algo desapontado.

Levou-os de novo lá para baixo, voltou a colocá-los no sítio e verificou que aquele gesto simples a deixara com uma segurança renovada.

Era mais fácil, percebia ela, do que pensar no que se passara entre ela e Tyler.

Parvalhão, pensava ela, caminhando para um espelho antigo para colocar alguma cor nas faces. Sem dúvida que o parvalhão sabia beijar quando queria, mas isso não fazia dele menos parvalhão. Esperava que sofresse. Esperava que ele passasse uma noite longa, suada e desconfortável. Se no dia seguinte ele aparecesse com um aspecto descomposto e miserável, era bem capaz, talvez, de o deixar safar-se.

Enfim.

Ficou a observar-se ao espelho, enquanto passava o dedo pelos lábios.

Deixou cair a mão num ápice, para pegar no batom assim que as portas se abriram.

— Sophia.

— *Nonna.* — Olhou na direcção dos três anjos. Tudo estava no devido lugar. — Só estou a dar uns retoques. Volto já para cima.

Tereza fechou as portas atrás dela. — Vi que saíste atrás de Tyler.

— Mmm. — Sem dizer mais, Sophia pintava os lábios com atenção.

— Achas que, por ser velha, não reconheço esse olhar?

— Que olhar, *nonna*?

— De sangue quente.

Sophia esboçou um leve encolher de ombros, fechando o batom. — Discutimos.

— Uma discussão não te urgia a retocar o batom.

Rindo agora, Sophia virou-se. — Que olhos perspicazes que tem, avó. Discutimos mesmo, e resolvemos tudo a meu contento. É tanto legal quanto moral eu beijar o Ty, *nonna*. Não somos do mesmo sangue.

— Adoro-te, Sophia. E adoro o Tyler.

Sophia compadeceu-se. Raramente Tereza punha os sentimentos em palavras. — Eu sei.

— Não vos juntei para se magoarem.

— Porque é que nos juntou?

— Pelo bem da família. — Porque o dia fora longo, Tereza cedeu e sentou-se. — O sangue quente pode toldar o juízo. Este ano é o pioneiro e já antes de começarmos, temos uma revolta. És uma jovem muito bonita.

— Há quem diga que sou parecida com a minha avó.

Tereza permitiu-se um sorriso subtil. Também ela olhava de relance para as três figuras esculpidas, os olhos tornando-se mais meigos. — Talvez um pouco. Mas és ainda mais com o teu avô. Ele era lindo, como uma pintura. Casei por obrigação, mas não foi nenhum fardo. Ele era bom. A beleza é uma arma, *cara*. Tem cuidado em como a usas, porque sem essa gentileza, pode virar-se contra ti.

Sophia sentou-se. — Sou... difícil, *nonna*?

— És. — Tereza estendeu o braço e tocou-lhe a mão ao de leve. — Isso não tem de ser mau. Uma mulher meiga é moldada e magoada com facilidade. A tua mãe já sofreu de ambas as formas. É minha filha, Sophia, — acrescentou, num sussurro, ao ver que Sophia ficava tensa. — Vou dizer o que penso. Não és meiga, e levas sempre a tua avante. Gosto dessa atitude. Só digo que o ser difícil pode tornar-se frágil, sem tacto. Toma atenção.

— Está satisfeita comigo, *nonna*, porque ao levar a minha avante, será que a contradigo?

— Talvez. És uma Giambelli. O sangue não engana.

— Também sou Avano.

Tereza inclinou a cabeça, a voz algo feroz. — Não te parece que és a prova de qual é a linhagem mais forte? Trazes o teu pai no sangue. Ele é um homem astuto, e tu sabes ser astuta. Ele é ambicioso e tu também. Mas as fraquezas dele nunca foram as tuas. A sua ausência de coração arruinou-o tanto quanto a sua falta de coragem. Tu tens coração e coragem, e por isso podes ser difícil e não frágil.

— Sei que o odeia, — disse Sophia em voz baixa. — Hoje à noite, eu também.

— Odiar? É uma palavra forte. Não a devias usar em relação ao teu pai, o que quer que ele seja ou tenha feito. Não odeio Anthony Avano. — Tereza voltou a levantar-se. — De momento, não sinto nada em relação a ele. Ele já fez a sua última opção no que me diz respeito. Haveremos de resolver tudo, quando chegar a altura, e depois ele deixa de existir para mim.

— Tem intenção de o despachar.

— Foi ele que escolheu, — repetiu Tereza. — Agora ele tem de gerir as consequências disso. Tu não tens que te preocupar. — Estendeu a mão. — Vem, devias estar na festa. Vamos procurar a tua mãe e mostrar-lhes as três gerações de mulheres Giambelli.

Era muito tarde quando Tony entrou no apartamento. Perguntava-se se alguém saberia que ainda tinha a chave, depois de tanto tempo.

Levara a sua garrafa de vinho, uma escolha da sua adega pessoal. O *Barolo* ia manter as coisas civilizadas. As negociações, e a palavra *chanta-*

gem nem sequer lhe passara pela cabeça, deviam sempre ser levadas a cabo de forma civilizada.

Na cozinha, tirou a rolha à garrafa e deixou o vinho sobre o balcão a respirar, e foi escolher dois copos. Apesar da desilusão em não encontrar fruta no frigorífico, serviu-se do pedaço de Brie.

Mesmo às três da manhã, a apresentação era importante.

Era uma sorte ter marcado o encontro para tão tarde. Tivera algum trabalho a convencer Rene. Ela passara mais de uma hora, depois de voltarem para a cidade, a chateá-lo por causa dos Giambelli, da forma como a haviam tratado, do seu futuro na empresa. E por causa do dinheiro.

Claro que o dinheiro era a questão principal.

Nem sequer a podia censurar por isso.

O estilo de vida que levavam exigia grandes quantias de dinheiro. Ao contrário de Pilar, Rene não largava fundos ilimitados sobre a mesa. E ao contrário de Pilar, Rene encarava o dinheiro como se não tarda passasse de moda e o quisesse despachar do bolso.

Enfim, pensava ele, a preparar tostas com queijo. Era mais simples e civilizado aumentar o fundo de maneio.

Os Giambelli estavam a pensar dispensá-lo. Agora, tinha a certeza disso. Nem Pilar nem Sophia o iam defender. Sabia que existia essa possibilidade, mas optara por ignorá-la, na esperança de que tudo corresse bem. Ou talvez, admitia agora, em privado, tivesse permitido que Rene o encurralasse.

Mas tinha opções. Uma quantidade de opções. A primeira devia estar a chegar a qualquer momento.

O primeiro encontro de negócios era um subterfúgio, para lhe dar tempo. Tinha outros planos, que podiam ser ajustados, caso fosse necessário. Tinha contactos e expectativas.

Tereza Giambelli ia arrepende-se muito por tê-lo subestimado. Muita gente ia arrepende-se.

No final, ia aterrar com os pés no chão, como sempre fizera. Não tinha dúvidas disso.

O bater na porta fê-lo sorrir. Serviu dois copos de vinho, pousou-os e à garrafa numa bandeja com queijo e tostas. Deixou o tabuleiro sobre a mesa de apoio da sala de estar.

Ajeitou os botões de punho, alisou o cabelo e avançou para a porta, preparado para dar início às negociações.